

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC

Ivonete Gardini

Mulheres reeducandas no sistema penitenciário:
um estudo sobre afetividade e sentidos.

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC

Ivonete Gardini

Mulheres reeducandas no sistema penitenciário:
um estudo sobre afetividade e sentidos.

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a orientação da Professora Dra. Bader Burihan Sawaia.

SÃO PAULO

2013

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para sua realização, compreendendo-me, tendo paciência e sendo presença fundamental em toda a minha vida e principalmente nestes últimos dois anos: Minha família, a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, as mulheres que participaram da pesquisa e as pessoas amigas.

AGRADECIMENTOS

O término de um trabalho como este só é possível porque muitas pessoas estiveram comigo nesta caminhada, porque disponibilizaram seu tempo, atenção, apoio e compartilharam conhecimentos. Porque muitas vezes através de palavras, do silêncio ou de um gesto fizeram com que percebesse que não estava sozinha, o que foi fundamental para que eu conseguisse vencer e chegar até aqui. Essas pessoas são verdadeiros presentes de Deus na minha vida. Por isso, e por tudo o que na gratuidade recebo, a Ele minha eterna gratidão.

Deixo aqui registrado meus sinceros agradecimentos.

À professora e orientadora Bader Burihan Sawaia pela abertura revelada desde o primeiro encontro e por tantos encontros potencializadores que tivemos. Sou grata pela confiança que em mim depositou e por desafiar a buscar sempre mais a causa adequada das coisas.

À Banca Examinadora na pessoa da professora Zulmira Áurea Cruz Bomfim, pois através dos Mapas Afetivos pude apreender os afetos das mulheres no sistema penitenciário, e por sua disponibilidade em ajudar quando foi necessário. E a professora Maria Lucia Rodrigues que acolheu com tanta simpatia o convite para participar da banca faltando poucos dias para este trabalho ser concluído. Minha gratidão à Zulmira e a Maria Cristina Vicentin pelas sugestões e contribuições oferecidas no exame de qualificação.

À Congregação e à Província Imaculado Coração de Maria as quais pertenço, as irmãs que nos últimos anos têm compartilhado a vida e a caminhada mais próxima de mim, por todo o apoio, incentivo, compreensão, entreaajuda e, por tantas vezes que me encorajaram e ajudaram eu acreditar nas minhas potencialidades.

Ao Serviço Franciscano de Solidariedade - SEFRAS, por ter possibilitado o meu engajamento na área social, pelas inúmeras oportunidades que me ofereceu enquanto trabalhadora e militante, entre elas o contato com o universo das mulheres no sistema penitenciário, e a cada colega de trabalho pela partilha de vida, de experiência, apoio e compreensão.

Aos meus pais Francisco e Alvina, irmãos, irmã, sobrinhas e sobrinho, cunhadas e cunhado, que muitas vezes sem entenderem direito tudo isso, sempre me apoiaram. Seus ensinamentos, sua coragem, o amor e sua presença mesmo distante fizeram com que eu não desistisse da luta diária.

À Penitenciária Feminina de Sant'Ana, na pessoa das servidoras públicas que lá atuam, que acolheram, mediaram e facilitaram a realização da pesquisa.

Às mulheres reeducandas que acolheram o convite e aceitaram participar da pesquisa. Muito obrigada pela disponibilidade, reciprocidade, pelo respeito e desejo de colaborar.

Aos colegas do NEXIN pela presença de cada um e cada uma, pela partilha do saber e pelos momentos potencializadores que juntos tivemos e partilhamos em busca da transformação social.

Enfim, são muitas pessoas, colegas da pós-graduação, professores do programa de psicologia social, secretária Marlene e a CAPES pela concessão da bolsa de estudos que permitiu o apoio financeiro.

A todos e todas, minha eterna gratidão.

O corpo vivo é mais do que a capacidade de se manter em pé e em movimento, é o corpo/mente com potência de ação para perseverar na autonomia e lutar contra tudo que nega a liberdade e felicidade de cada um e do coletivo. Negar as necessidades básicas do ser humano - potência de liberdade e felicidade, que podem ser traduzidas por reconhecimento, carinho, (com)- paixão, ter em quem confiar -, é negar sua humanidade e gerar um profundo sofrimento que pode ser qualificado de ético-político. (SAWAIA, 2003, p. 56)

RESUMO

Este trabalho trata de uma pesquisa de campo realizada na Penitenciária Feminina de Sant'Ana, com 120 mulheres. Seu objetivo é conhecer e analisar a experiência de estar confinada no sistema penitenciário: o sentido do espaço e como afeta a imagem de si, os desejos, capacidade de agir, o projeto de futuro. A categoria central da pesquisa é a afetividade conforme vem sendo discutida no Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão. Esta tem como referencial teórico as obras de Vigotski e Espinosa. Nesta perspectiva, o afeto não se separa da ação e da razão e revela a qualidade ética da vivência. Com o intuito de apreender os afetos das mulheres com relação ao ambiente institucional, foi utilizado o instrumental Mapas Afetivos (Bomfim, 2010), acrescentando perguntas com relação ao seu futuro. Em Foucault e Goffman buscamos elementos para analisar e entender a dinâmica institucional. Os Mapas Afetivos usa a Escala Likert para definir categorias, às quais foram correlacionadas com o referencial teórico, o que possibilitou a definição de duas categorias inspirada em Espinosa: Paixão Triste e Paixão Alegre/Devir. Paixão, pois suas emoções e sofrimento as mantêm na passividade, servidão, reagem e não agem. Seu sofrimento é ético-político, gerados pela desigualdade social, porém as mulheres reeducandas desconhecem essa vinculação. Elas tendem a personalizar a gênese de tal sofrimento em pessoas ou em algumas atitudes suas ou de outras. As emoções relacionadas à ambiência de modo geral são de tristeza, sofrimento, angústia, ansiedade, dor e saudade. A imagem com relação ao lugar é de que priva, isola, tranca. Há as que indicam imagens relacionadas ao aprendizado, recomeço, ao lugar de transição, passagem e provisoriedade. Essas mulheres apresentam projeto de futuro relacionado ao cuidado dos filhos, à família e à busca por trabalho e estudo, e o recomeço de uma nova vida longe da penitenciária.

Palavras-chaves: Mulheres Reeducandas; Penitenciária Feminina; Mapas Afetivos; Emoção; Sofrimento Ético-político; Projeto de Futuro.

ABSTRACT

The present paper is about a field research which took place at the Prison for Women of Sant'Ana, with 200 women. Its goal is both to learn about and analyze the experience of being confined in the prison system: the meaning of space and the way it affects the image one has about oneself, wishes, the ability of acting, and projects for the future. The key category of the research is affectivity according to the way it has been discussed at Research Center for the Dialectic of Inclusion/Exclusion, whose theoretical frame of reference is the work of Vygotsky and Spinoza. From this standpoint, affection does not detach itself from action and reason, and unveils the ethical quality of existence. In order to grasp the way women's affection relates to the institutional environment, the methodological tools responsible for developing the Affective Maps (Bomfim, 2010) were used, with the inclusion of questions related to the future. In Foucault and Goffman, elements to analyze and understand the institutional dynamics were looked for. As far as the instrumental reference is concerned, the Likert Scale is used to define categories, which were revisited in the light of the theoretical frame, what enabled the joining of them into two categories inspired by Spinoza: Sad Passions and Joyful Passions/Becoming. The word *passion* was chosen for representing the affections which keep the aforesaid women in passivity, in servitude - a social dimension characterized by reaction and no-action and by inadequate ideas about affections. It is clear that their suffering results from intertwined ethical and political factors, created by social inequalities; however, women in rehabilitation are unaware of this bound. They tend to personify the origin of their suffering by people who are close to them and also by some of their own behaviors. Emotions related to the ambience as a whole are of sadness, suffering, anguish, anxiety, pain and longing. The predominant image of the place is of one that deprives, isolates, shuts away. But there are also those that point to, although to a lesser extent, learning, a new beginning, a place of transition, passage and of provisional character. All of them show projects for the future related to looking after their children, to the family, the pursuit of education and work, a fresh start away from prison.

Key-words: Women in rehabilitation; Prison for Women; Affective Maps; Emotions; Ethical/Political Suffering; Projects for the Future.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Foto aérea da Penitenciária Feminina de Sant’Ana	42
Figura 02 – Foto dos três pavilhões da Penitenciária Feminina de Sant’Ana	42
Figura 03 – Imagem do portão de entrada da Penitenciária Feminina de Sant’Ana	43
Figura 04 – Fachada da penitenciária no primeiro pátio interno	43
Figura 05 – Parte central da fachada do prédio administrativo.....	44
Figura 06 – Imagem da enquete da Penitenciária Feminina de Sant’Ana	44
Figura 07 – Imagem do saguão interno da Penitenciária Feminina de Sant’Ana	45
Figura 08 – Imagem dos corredores internos.....	45
Figura 09 – Crochi da Penitenciaria Feminina de Sant’Ana	45
Figura 10 – Crochi da cela da Penitenciaria Feminina de Sant’Ana	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa por faixa etária	58
Gráfico 02 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme nível de escolaridade	59
Gráfico 03 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme número de filhos	59
Gráfico 04 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa por lugar de origem	60
Gráfico 05 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme tempo de penitenciária	60
Gráfico 06 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa por tempo que resta na penitenciária	61
Gráfico 07 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme delito/artigo	61
Gráfico 08 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme recebimento de visita	62
Gráfico 09 - Distribuição dos sujeitos da pesquisa, conforme cor da pele/etnia	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do Mapa Afetivos da penitenciária.....	63
Quadro 02 – Resultado da Escala Likert conforme categoria e ordem de preferência de escolhas das frases.....	65
Quadro 03 – Imagens da penitenciária.....	66
Quadro 04 – Mapa Afetivo da penitenciária, por Bete.....	70
Quadro 05 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Cris.....	72
Quadro 06 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Irene.....	73
Quadro 07 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Tina.....	75
Quadro 08 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Laís.....	76
Quadro 09 – Mapa Afetivo da penitenciária, por Ana.....	78
Quadro 10 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Bia.....	79
Quadro 11 - Mapa Afetivo da penitenciária, por Lara.....	81

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CNPCP – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária

DECRIM VI – Diretoria de Serviço de Apoio ao Gabinete do Juiz de Direito Corregedor da Vara das Execuções Criminais

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

FUNDAP – Fundação do Desenvolvimento Administrativo

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IBCCRIM – Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

InfoPen – Sistema Integral de Informação Penitenciária

LEP – Lei de Execução Penal

NEXIN – Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão

PFS – Penitenciária Feminina de Sant'Ana

RO – Regime de Observação

SAP – Secretaria de Administração de Penitenciária

SEFRAS – Serviço Franciscano de Solidariedade

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - O Contexto Institucional Penitenciário	18
1.1. Aspectos históricos da prisão	18
1.2. Breve histórico do sistema penitenciário	21
1.3. Mulheres no sistema penitenciário	24
CAPÍTULO II – AFETIVIDADE EM VIGOTSKI E ESPINOSA	29
2.1. A afetividade ocupa lugar central na teoria e na filosofia de Espinosa.....	31
2.2. Mapas Afetivos	34
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1. Caminhos percorridos para chegar ao local	40
3.2. Local de pesquisa	42
3.3. Sujeito da pesquisa	49
3.4. Coleta dos dados	51
3.5. Método para apreensão dos afetos das mulheres reeducandas	53
3.6. Adaptação do método de apreensão dos afetos para o sistema penitenciário	54
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	58
4.1. Apresentando as participantes da pesquisa	58
4.2. Elaboração e construção de imagens e Mapas Afetivos das mulheres reeducandas da Penitenciária Feminina de Sant’Ana – categorias	63
4.2.1. Categorias	64
4.2.1.a. Paixões tristes	67
4.2.1.b. Paixões alegres/devir	68
CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO DOS CASOS REPRESENTATIVOS DE PAIXÕES TRISTES E PAIXÕES ALEGRES/DEVIR	70
5.1. Paixões tristes	70
5.2. Paixões alegres/devir	74
5.3. Contraste	80
5.4. Questões complementares do instrumental que oferecem sentidos para reforçar as categorias paixão triste, paixão alegre/devir	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS.....	100

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema de pesquisa é fruto de minha trajetória pessoal e da minha opção de vida. Nos últimos anos, por estar trabalhando no Serviço Franciscano de Solidariedade – SEFRAS, tenho tido a oportunidade de atuar em projetos sociais, junto aos catadores de materiais recicláveis, portadores de HIV/AIDS e com pessoas que vivem em situação de rua, o que tem proporcionado grandes experiências. Entre tantas, uma delas foi ter entrado numa penitenciária e ter contato com as mulheres que lá encontrei.

Ao adentrar na maior penitenciária feminina da América Latina, a Penitenciária Feminina de Sant’Ana, em São Paulo, fiquei surpresa com o número de mulheres jovens naquele lugar.

Desenvolvi atividades socioeducativas¹ junto ao grupo de reeducandas, a mais de um ano. Essa experiência me permitiu presenciar sentimentos como de ódio, vingança, desespero, medo e angústia. Com o passar do tempo, durante as atividades socioeducativas as mulheres começaram a se aproximar e a falar de si, de suas experiências na prisão, da privação da liberdade, da perda, das pessoas, filhos, familiares que deixaram lá fora, de suas tristezas e das estratégias de sobrevivência. Essa situação despertou em mim um enorme interesse em conhecer mais de perto a realidade do sistema prisional, a partir das mulheres lá presentes. Com este intuito surge este projeto de pesquisa.

Também fui instigada pelo aumento do número de mulheres presas na última década² e pela constatação de que existem poucas pesquisas sobre o sistema penitenciário feminino (FRINHANI e SOUZA, 2005), principalmente na área da psicologia social e na Penitenciária Feminina de Sant’Ana, campo de realização desta pesquisa.

Além do referencial teórico que embasa a temática deste projeto de pesquisa, fez-se necessário entender o complexo universo do sistema penitenciário em geral. Publicações de Adorno (1991), Cunha (1994), Pedrosa (2003), Espinoza (2004), Uziel (2004), Braunstein (2009), e relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil produzido pelo Ministério da Justiça, Pastoral Carcerária e Comissão dos Direitos Humanos, auxiliaram no conhecimento e compreensão desse contexto.

Referente à mulher no sistema penitenciário na área da psicologia, destaco as pesquisas: de Frinhani (2004), sobre as representações sociais do espaço prisional de detentas;

¹ Atividades desenvolvidas quinzenalmente, com as reeducandas responsáveis pelo setor saúde e o setor social dos três pavilhões, através do CEFRAN – Centro Franciscano de Luta contra AIDS, desde abril de 2010.

² Dados do Diagnóstico Nacional das Mulheres Encarceradas (2008)

de Barreto (2006), investiga se as mulheres encarceradas têm projetos de futuro; de Mello (2008), que trabalha o perfil da mulher encarcerada, a partir de três estudos, um teórico e dois empíricos, pesquisando o índice de depressão e a relação com o uso de substâncias psicoativas. Convém ressaltar que as três foram realizadas em outros Estados do Brasil. Na área da educação, Braunstein (2007), a partir de sua prática de psicólogo no sistema prisional descreve a práxis identificando variáveis individuais e coletivas. Sua pesquisa visou contribuir para ações voltadas à diminuição da cultura da violência, da intolerância, da exclusão, da vulnerabilidade social e carcerária da mulher. Na área do serviço social, Gonçalves (2006), propõe identificar a configuração do sistema de proteção social na realidade prisional, levantando os carecimentos negligenciais a partir do perfil e da realidade das mulheres, e a pesquisa de Rodrigues & Farias (2012), analisa a condição da mulher no sistema penitenciário, buscando conhecer o contexto social e familiar e analisar as políticas sociais para as mulheres em cumprimento de pena.

Destaco duas teses de psicologia, uma em educação e outra em social e trabalho, que usam os referenciais teóricos que embasam esta pesquisa: Matsumoto (2005), mediado pela teoria de Vigotski, investiga sentidos e significados sobre educação no sistema prisional e faz uma análise crítica do sistema prisional, e Balila (2000), que estuda memórias e sonhos de encarcerados a partir da idéia de servidão em Espinosa.

Até o momento, através da apropriação dos estudos realizados sobre o universo prisional com mulheres, não encontramos pesquisa semelhante ao que esta se propôs, o que a tornou relevante para o universo acadêmico, para a psicologia social e por que não, para a sociedade.

A presente pesquisa tem como objetivo geral: Conhecer e analisar a experiência de estar confinada no sistema penitenciário, vivenciada por mulheres que ali estão há mais de um ano; como a ambiência afeta o sentir, o pensar e o agir presente e futuro. Especificamente, busca analisar criticamente o contexto institucional penitenciário; possibilitar a expressão dos sentimentos e emoções referentes ao “lugar” e, às relações dentro e fora da prisão; conhecer suas necessidades e projetos de futuro. Pretende ao final, elaborar reflexões sobre a direção política que os Mapas Afetivos indicam, orientados pela concepção espinosana que relaciona o ético-político às emoções. Averiguar se as experiências na prisão afetam o corpo e a mente de forma a potencializar a capacidade de agir de forma autônoma, ou as esmagam no círculo da violência e da reação. Reação entendida como “oposição conservadora que tende a impedir qualquer inovação no campo das atividades humanas” (FERREIRA, 1999).

A pesquisa teve como norte a perspectiva sócio-histórica, que concebe o homem enquanto sujeito social inserido numa realidade, num tempo histórico-cultural que o configura, ao mesmo tempo em que é transformado nessas relações. E é com esta concepção de ser humano que escolhemos as mulheres como sujeitos desta pesquisa, pois são as pessoas mais envolvidas e atingidas pelo contexto penitenciário. Segundo Sawaia (2000, p.13), “quem pensa, sente e conhece, é o sujeito que é afetado pelas afecções de seu corpo/alma no encontro com outros corpos”.

Várias são as denominações usadas para as mulheres que cumprem pena no sistema penitenciário, é a “presa”, a “detenta”, a “encarcerada”, optamos por “reeducandas”. “O termo reeducanda surge do sentido sociológico da pena que deixa de ser vista como punição do Estado para tornar-se uma medida de reeducação social do indivíduo” (OLIVEIRA, 2011, p.128 *apud* RODRIGO, 2008). Encontrei na denominação mulheres reeducandas a expressão da utopia que carrego que me faz lutar, acreditar e contribuir para que a penitenciária possa ser esse espaço de reeducar, espaço que proporciona nova educação a alguém com vista à transformação social e de si.

Esta escolha tem muito a ver com a concepção de mundo, de sociedade e de homem conforme a teoria que embasa esta pesquisa. Sociedade como uma configuração de interesses antagônicos, luta de classe e de homem como sujeito da história que se constitui nas relações sociais, transformando e sendo transformado (LANE, 1994). “Homem com materialidade histórico-dialética. (...) O homem de Espinosa recupera o corpo desejante e memorioso, bem como a individualidade (...), a essência do ser é potência em ato, em mudança contínua que depende dos outros para existir” (SAWAIA, 2011, pp.38, 39,41).

Entendemos que essas mulheres estão inseridas num contexto que é constituído por pessoas e pelo ambiente sócio-físico, ou seja, por todas as dimensões que caracterizam o ambiente, conhecido na psicologia ambiental como ambiência (ELALI, 2009).

Como procedimento, partimos da busca de diálogo entre pesquisador e pesquisado para possibilitar às pessoas envolvidas, enquanto seres em constante movimento, transformarem a sua história e o espaço onde se encontram, na medida em que refletem sobre ele. Este é o princípio segundo Lane (1994), da metodologia participativa e qualitativa, que visa “conhecer as pessoas, seus problemas e emoções e potencializá-las à emancipação” (p.19). Encontramos no instrumental Mapas Afetivos criado por Bomfim (2010), o instrumental que facilitou a apreensão dos afetos e dos sentidos das mulheres reeducandas e fizemos as adaptações necessárias para o contexto penitenciário.

Afetividade e sentido constituem o núcleo deste trabalho que está assim estruturado:

No primeiro capítulo faremos uma breve contextualização do sistema penitenciário, destacando a crítica ao poder e a reforma do direito penal segundo Foucault, e apresentaremos as características de uma instituição total conforme Goffman. Um breve relato da história da prisão feminina e a situação das mulheres no sistema prisional, principalmente no Estado de São Paulo e na Penitenciária Feminina de Sant'Ana, também se faz necessário.

O segundo capítulo ao qual pertence esta pesquisa destina-se ao referencial teórico que o Núcleo de Pesquisa Exclusão/Inclusão Social vem aprofundando. Trabalharemos a afetividade em Vigotski e Espinosa destacando conceitos fundamentais como sentido e significado, funções psicológicas superiores, afetos, corpo, substância, modos e atributos, bem como os pressupostos teóricos da psicologia ambiental que deram embasamento à constituição dos Mapas Afetivos.

No terceiro capítulo descrevemos o procedimento metodológico; os passos dados para a realização da pesquisa; uma breve descrição do local da pesquisa; quem são os sujeitos, como se deu a coleta dos dados e a descrição do método utilizado para a apreensão dos afetos das mulheres reeducandas com as necessárias adaptações.

A análise e discussão dos dados compõem o quarto capítulo. Inicialmente apresentamos o perfil das participantes da pesquisa, com relação à idade, escolaridade, origem, raça/etnia, tempo de pena e o delito. Em seguida, a construção das imagens do lugar, a elaboração dos Mapas Afetivos, resultados da Escala Likert e apresentação das categorias Paixão Triste e Paixão Alegre/Devir.

O quinto capítulo é composto por reflexões sobre Paixão Triste e Paixão Alegre/Devir, a partir da apresentação dos Mapas Afetivos de algumas. Essas mulheres foram escolhidas a partir de diferentes idades, tempo de permanência e delitos que reúnem os afetos comuns à maioria dos mapas afetivos, e das respostas dadas às questões sobre o que poderia e deveria ser melhorado na penitenciária, os lugares que mais gostam e menos gostam e questões relacionadas ao seu futuro.

Nas considerações finais apresentamos algumas propostas de ação e de intervenção, inspiradas pela pesquisa, junto à penitenciária, visando torná-la um lugar mais potencializador de vida e gerador de bons encontros.

CAPÍTULO I - O CONTEXTO INSTITUCIONAL PENITENCIÁRIO

Faremos referência ao contexto institucional penitenciário para indicar que, além da estrutura e organização institucional, vamos considerar o ambiente como dimensão sociofísica. Como fala Bomfim (2010), normalmente o ambiente não é considerado nos estudos psicossociais com uma dimensão que também interfere na subjetividade do indivíduo. Ele é visto como pano de fundo. O contexto é visto nos aspectos dos grupos envolvidos, em termos culturais e econômicos e, na maioria das vezes, não se considera o ambiente como uma dimensão sociofísica, isto é, não há uma integração de todas as dimensões que dão caráter peculiar ao ambiente. Para se referir a esta qualidade complexa, que une o físico e os significados sociais, trabalhos na área da psicologia ambiental estão usando o conceito de ambiência que abrange os aspectos materiais e sociais.

Segundo Elali (2009, p. 4):

Ambiência corresponde a um processo complexo que envolve características pessoais, objetivos do indivíduo na situação, motivação e experiência anteriores, os quais estão relacionados à maior ou menor sensibilidade do indivíduo e às *affordances* proporcionadas pelo local e seus objetos.

Para entender o contexto penitenciário hoje, seu funcionamento, quais leis o regem, quem determina o quê, faz-se necessário voltar um pouco na história. A privação da liberdade se confunde com o surgimento da sociedade. Aqui não iremos fazer o relato de toda a história, pois não é o nosso objetivo e, já existem trabalhos que tratam da temática de diferentes perspectivas como (FOUCAULT, 2010; LAPASSADE, 1977; LOURAU 1996), e os que analisam especificamente a questão no Brasil (ADORNO, 1991; SÁ, 1996; TORRES, 2005). Neste capítulo, referendados nessa literatura, vamos centrar em nosso objeto de estudo: definir o que é prisão, contextualizar o sistema penitenciário brasileiro, o sistema penitenciário no Estado de São Paulo e a mulher no sistema penitenciário.

1.1. Aspectos históricos da prisão

Ainda que a privação da liberdade acompanhe a história da humanidade, a noção de prisão como penalidade, ou seja, como é entendida hoje, cujo objetivo é a penalização (fazer alguém pagar por algo), e a reeducação (readaptação), só apareceu no final do século XVI. Durante a Idade Média, a prisão era temporária e tinha um único fim: garantir a espera pelo castigo devido, morte ou mutilação (TORRES, 2005).

Na época moderna surgiu a prisão do Estado, em que eram recolhidos os inimigos e traidores do rei; e a prisão eclesiástica que punia os que transgrediam as normas da Igreja com penitência e meditação. Também no século XVI, na Inglaterra e Holanda surgiram as casas de correção, cujo objetivo era controlar a mão de obra e não desperdiçá-la. A partir do fim do século XVIII e início do século XIX, aconteceram transformações sociais caracterizadas pela intensificação da urbanização, da industrialização e dos avanços tecnológicos que mudaram as relações sociais. É nesse período e contexto que se deu a reforma do direito penal.

Segundo Foucault (1975:2010, p. 78-79):

O verdadeiro objetivo da reforma, e isso desde suas formulações mais gerais, não é tanto fundar um novo direito de punir a partir de princípios mais equitativos: mas estabelecer uma nova “economia” do poder de castigar, assegurar uma melhor distribuição dele, fazer com que não fique concentrado demais em alguns pontos privilegiados, nem partilhado demais entre instâncias que se opõem; que seja repartido em circuitos homogêneos que possam ser exercidos em toda a parte, de maneira contínua e até o mais fino grão do corpo social. A reforma do direito criminal deve ser lida como uma estratégia para o remanejamento do poder de punir, de acordo com modalidades que o tornam mais regular, mais eficaz, mais constante e mais bem detalhado em seus efeitos; enfim que aumente os efeitos diminuindo o custo econômico (...) e seu custo político. A nova teoria jurídica da penalidade engloba na realidade uma nova “economia política” do poder de punir (...) fazer da punição e da regressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir. (...) A conjuntura que viu nascer a reforma não é, portanto a de uma nova sensibilidade; mas a de outra política em relação à ilegalidade.

As penitenciárias, no ensinamento de Foucault (1975:2010), passaram a existir para segregar e esconder os criminosos da sociedade sob o pretexto de reeducá-los, visando punir seu comportamento e sua alma. Reeducação que não acontece, pois o tratamento que o preso recebe vai criando uma rede de violações e situações de conflito que ampliam a sua situação de marginalidade, desumaniza-o, torna-o marcado pelo passado de crimes, e a prisão passa a ser vista como a “habitação do crime”, o lugar de criminosos, de pessoas perigosas.

No século XIX, as prisões adquiriram características analisadas como “instituição total”, definidas por Goffman (1961:2003, p. 11):

Como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.

A prisão como instituição total fechada, promove a separação da relação social de quem está lá dentro com o mundo externo, o que muitas vezes é objetivada no ambiente por barreiras físicas como portas fechadas, paredes altas, impossibilidade de ver a rua, arames

farpados, bem como proibição à saída. No seu interior, a circulação das pessoas no ambiente prisional se dá sob a vigilância de alguém que supervisiona, acompanha e transmite às regras que são impostas, as atividades diárias são realizadas no mesmo local, em grupo de pessoas e todas tratadas da mesma forma e tendo que realizar as mesmas coisas dentro de horários determinados e que tem que ser obedecidos rigorosamente. Goffman (1961:2003, p. 18) afirma que “as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição”.

Ao estar numa instituição total a pessoa passa por processos, que Goffman (1961:2003) denomina de “mortificação do eu” e “mortificação dos sentimentos”. Segundo o mesmo autor, as instituições fechadas retiram das pessoas que aí estão confinadas, as referências familiares e sociais que constituem suas identidades no mundo externo. A “mortificação do eu” se dá quando o indivíduo é despido de sua aparência usual, seus objetos pessoais ficam alienados e são substituídos por outros que são uniformizados, padronizados, ele é identificado, recebe um número, são tiradas a sua fotografia e impressões digitais, distribuídas roupas da instituição, resumindo, um verdadeiro processo de despersonalização. Os internos devem sujeitar-se a horários, rotinas e relações interpessoais, que retiram dos mesmos a capacidade de escolha e autonomia. Um indivíduo não é mais um indivíduo, ele passa a ser uma engrenagem no sistema da instituição, deverá obedecer todas as suas regras e, caso não o faça, será "reeducado" pelos próprios companheiros ou pela equipe de supervisão. A instituição impõe dependência e obediência totais aos membros da equipe de administração.

Goffman (1961:2003, p. 31), ao fazer referência à mortificação dos sentimentos, recorda que:

No mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu – por exemplo, seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens fora de contato com coisa estranha e contaminada (...) nas instituições totais esses territórios do eu são violados: a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é inválida e as encarnações do eu são profanadas.

Esses mecanismos de mortificação do eu e de reorganização pessoal geram um ambiente cultural, sustentado pelo ambiente físico, que causa no internado a sensação de fracasso, um sentimento de que o tempo de internação é perdido, mas que precisa ser cumprido e esquecido e gera uma angústia diante da ideia de retorno à sociedade externa.

Ao ser presa, a pessoa perde o direito de ir e vir e os direitos básicos da vida em liberdade, sendo isolada do convívio familiar e de amigos, da sociedade, da circulação da rua.

Analisando a história, constata-se que o surgimento da prisão está ligado ao próprio funcionamento da sociedade que elege a privação de liberdade como o castigo ideal para punir quem infringiu as leis e normas. Portanto, ao falar de prisão e de sistema penitenciário não podemos nos omitir em fazer uma análise a partir do processo sócio-histórico das prisões, pois são instituições estruturadas com base no poder de punição do Estado e reveladoras do aparato de exclusão da sociedade (TORRES, 2005).

“O sistema prisional representa hoje uma das mais graves expressões da questão social em que vive o Brasil” (TORRES, 2005, p. 17).

É possível acompanhar o crescente aumento da violência pelos meios de comunicação, que divulgam o crescimento assustador do número de crimes. E é possível também verificar que os sujeitos apresentados pela mídia como os envolvidos no contexto de violência, geralmente, são os que estão à margem da sociedade, que se encontram no abismo da desigualdade social – pessoas jovens, pobres, negras ou afrodescendentes, desempregadas, sem acesso à cultura, lazer, educação, moradoras das periferias. São pessoas e locais invisíveis ao Poder Público, privados de políticas públicas que lhes garantam o acesso aos direitos básicos.

O Estado se ausenta; a violência e o crime tomam conta. E essas pessoas passam a ser vistas como ameaçadoras, geradoras de violência e perigosas, causadoras de desordem social, portanto, passíveis de punição. Só restando a elas a inserção no sistema penal.

1.2. Breve histórico do sistema penitenciário

Encontramos na instituição prisional a reprodução da exclusão social (TORRES, 2005, RODRIGUES & FARIAS, 2012). Basta olhar as prisões brasileiras como são apresentadas hoje, na sua maioria insalubre, superlotada e negligenciada pelo poder público, o que reflete o sistema social e econômico excludente, tendo a gente pobre, jovem, semi-analfabeta, desempregada, desqualificada para o mundo do trabalho, como sua principal clientela.

Conforme Wacquant:

O aparelho carcerário brasileiro só serve para agravar a instabilidade e a pobreza das famílias cujos membros ele seqüestrou e para alimentar a criminalidade pelo desprezo escandaloso da lei, pela cultura da desconfiança dos outros e da recusa das autoridades que ele promove (2001, p. 7)

(...) A prisão é um cadinho de violências e humilhações cotidianas, um vetor de desagregação familiar, de desconfiança cívica e alienação individual. E, para muitos presos implicados ligeiramente em atividades ilícitas, é uma escola de formação, para não dizer de “profissionalização”, na carreira do crime. Para outros, o que também é péssimo, o cárcere é um abismo sem

fundo, um inferno alucinante, a extensão da lógica da destruição social que eles já viviam fora do presídio, agora, acrescida da aniquilação pessoal (2004, p. 220).

A prisão compreendida como instrumento de pena, no Brasil, foi instituída em 1830, com o Código Criminal do Império. Com o passar do tempo, as leis penais passaram por sensíveis mudanças. O Código Penal da República, de 1890, que surgiu em razão da abolição da escravatura e da proclamação da República, já previa diversas modalidades de prisão: pena de prisão celular, a reclusão, a prisão com trabalho obrigatório e a prisão disciplinar.

O Código Penal vigente no Brasil foi criado em 1940, através do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro, porém só entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1942. E foi este mesmo Código que previu a separação física de homens e mulheres no interior do complexo prisional brasileiro. No Artigo 29, parágrafo 2º, encontra-se: “As mulheres cumprem pena em estabelecimento especial, ou, à falta, em secção adequada de penitenciária ou prisão comum, ficando sujeitas a trabalho interno”.

A primeira instituição prisional feminina sob a regulamentação e administração orientada pelo novo Código Penal, foi inaugurada em julho de 1942 em São Paulo, instalada numa casa nos jardins da Penitenciária do Estado, e recebeu o nome “Presídio de Mulheres”, tendo seu funcionamento até o ano de 1973, sob a direção das freiras da Congregação do Bom Pastor D’Angers.

Segundo Artur (2011), o objetivo da instalação do Presídio de Mulheres, não seria somente para garantir um espaço em que as mulheres condenadas ficassem separadas dos homens, como também para “garantir a aplicação de mais um recurso punitivo além da privação da liberdade, no caso, os programas racionais de educação e readaptação social” (p. 54). A readaptação social ocorria por meio do desenvolvimento de trabalhos manuais, artesanatos, além da alfabetização e aconselhamento realizado pelas irmãs do Bom Pastor que coordenavam os presídios femininos. As mulheres que não tinham sido condenadas permaneciam nas cadeias públicas masculinas e nas delegacias.

Convém ressaltar que o Brasil, enquanto Estado Novo e vivendo as consequências do pós-Segunda Guerra Mundial:

Atravessou períodos de extrema fragilidade em suas instituições democráticas, os aparatos de controle e repressão do estado (sistema penal e policial) passaram a ser elementos fundamentais para garantia de dominação da sociedade civil assolada pelas inúmeras contradições políticas, econômicas, educacionais e sociais (BRAUNSTEIN, 2007, p. 47).

Como consequência, vemos o sistema penal brasileiro, os manicômios e as instituições de acolhimento de crianças e adolescentes, se fortalecendo e expandindo. E, cada vez mais, vamos percebendo ao longo da história a presença das instituições militares com discursos e práticas na ótica do autoritarismo. Escreve a respeito Wacquant (2001, p. 10):

As duas décadas de ditadura militar continuam a pesar bastante tanto sobre o funcionamento do Estado como sobre as mentalidades coletivas, o que faz com que o conjunto das classes sociais tenda a identificar a defesa dos direitos do homem com a tolerância à bandidagem. De maneira que, além da marginalidade urbana, a violência no Brasil encontra uma segunda raiz em uma cultura política que permanece profundamente marcada pelo selo do autoritarismo.

Em meados dos anos 70, no Brasil, iniciou-se uma política voltada para a reintegração social dos presos. Hoje, o sistema penitenciário brasileiro está regulado pela Lei de Execuções Penais (LEP), Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. A LEP contempla o complemento de reabilitação das prisões modernas, ao dispor a assistência à pessoa presa, nas áreas jurídicas, educacionais, sociais, religiosa e da saúde, tendo como finalidade a prevenção do crime e a orientação ao retorno ao convívio em sociedade, inclusive para egressos.

Faz-se necessário destacar o cenário em que a LEP entra em vigor:

Os abusos de poder, o desrespeito às instituições democráticas, a fragilidade da legalidade imposta pelos atos institucionais do período ditatorial, o encarceramento motivado por questões políticas provocaram no Brasil um olhar mais atento sobre a problemática dos direitos humanos e, nestas discussões, as arbitrariedades praticadas nas instituições prisionais entraram na ordem do dia. (FRINHANI, 2004, p. 14).

Frinhani (2004, p. 16) faz referência ao artigo 1º da LEP: “Efetivar as disposições de sentenças ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”. Para o autor, o dispositivo legal consiste em duas partes: na primeira “o legislador propõe a correta efetivação dos mandamentos existentes na sentença criminal, a fim de reprimir e prevenir delitos (função repressiva) e na segunda parte prescreve a função ressocializadora da execução penal”.

No que se refere ao propósito ressocializador da pena de prisão, porém, o sistema prisional tem sido incapaz de favorecer a reinserção social. Autores como Goffman (2003), Foucault (2010) e pesquisas atuais (TORRES, 2005; RODRIGUES & FARIAS, 2012), ressaltam que a prisão, ao invés de promover a reinserção, produz a negação do eu, pois os detentos acabam perdendo a identidade e seus referenciais.

Convém ressaltarmos que o Sistema Penitenciário Brasileiro está sob a jurisdição do Ministério de Justiça, que tem um Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) e o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP).

No Brasil, somente a partir da Constituição Federal de 1988, cada Estado foi autorizado a implementar melhores condições de cumprimento de pena aos indivíduos condenados, através de leis complementares, decretos e resoluções.

O Estado de São Paulo foi o primeiro do Brasil a criar uma Secretaria para tratar com exclusividade o sistema penitenciário através da Lei nº 8.209, de 04 de janeiro de 1993, e do Decreto nº 36.463, de 26 de janeiro de 1993, organizando a Secretaria de Administração da Penitenciária (SAP). O Governo do Estado paulista:

Entendeu ser tarefa essencial o estabelecimento de melhores condições de retorno à sociedade daqueles que estão pagando suas dívidas para com a justiça. O sistema prisional tem características próprias e exige uma adequada solução: um sistema carcerário eficiente, dentro de um Estado democrático, onde o direito de punir é consequência da política social, a serviço de toda a sociedade, mas fundado nos princípios de humanização da pena, sem que dela se elimine o conteúdo retributivo do mal consequente do crime.

Assim, como São Paulo se destaca por ser o Estado brasileiro mais rico, mais populoso, também se caracteriza como o que possui o maior número de pessoas encarceradas, conforme dados do DEPEN³ representando um percentual de aproximadamente 35% da população encarcerada no Brasil, sendo que a maioria absoluta é de homens e o perfil “geralmente é jovem, negro, de baixa escolaridade, com poucas oportunidades no mercado de trabalho e morador de áreas periféricas” (BARROS, 2013, p. 29), o que se repete por todo o país.

1.3. Mulheres no Sistema Penitenciário

Embora as mulheres presidiárias sejam uma minoria, houve um grande aumento no número de presas nos anos recentes e cresceu, muito mais rapidamente, em comparação com a população carcerária masculina brasileira.

De acordo com DEPEN⁴, entre 2000 e 2010, o número de presos homens passou de 240 mil para 496 mil, um aumento de 106%. Já o número de mulheres presas, no mesmo período aumentou 261%, de 10 mil para quase 36 mil. A estimativa de crescimento aponta que em dezembro de 2012, elas representarão 7,65% da população carcerária do Brasil.

O Estado de São Paulo também acompanhou o crescente número de presas mulheres. Em fevereiro de 2005, 8.319 mulheres e 125.721 homens estavam em penitenciárias e cadeias

³ <http://portal.mj.gov.br/depen> - Acesso janeiro de 2012.

⁴ <http://portal.mj.gov.br/depen> - Acesso janeiro de 2012.

no Estado, com as mulheres respondendo por aproximadamente 6,2% da população carcerária, segundo Howard (2006, p. 26).

Comprovando os dados acima citados, recentemente o Sistema Integral de Informações Penitenciárias – InfoPen, lançou no portal do Ministério da Justiça os números da população feminina no Brasil até dezembro de 2011, que é de 34.058, correspondendo a 6,6% da população carcerária. A mesma fonte aponta, para o Estado de São Paulo, o aumento da população feminina, totalizando 11.853 mulheres, o que corresponde a 6,6% da população carcerária do Estado.

Observamos, portanto, que nos últimos dez anos o número de mulheres em situação de prisão triplicou em todo o país. Mesmo assim, a situação da mulher no cárcere continua sendo tratada de forma inadequada (CERNEKA, 2009). O sistema penal no Brasil e no mundo foi criado por homens e para homens. Desta forma, geralmente, as penitenciárias femininas são antigos espaços usados pelos homens, onde apenas foram feitos alguns reparos ou adaptações.

Como exemplo dessa condição, podemos apontar a Penitenciária Feminina de Sant’Ana (PFS), que ocupa um prédio do antigo complexo do Carandiru, inaugurada em dezembro de 2005. O local tornou-se a maior penitenciária feminina da América Latina, a partir do Decreto nº 51.816, de 17 de maio de 2007, de São Paulo, que no seu artigo 2º determina que “a Penitenciária Feminina de Sant’Ana, destina-se ao cumprimento de penas privativas de liberdade, por presas do sexo feminino, em regime fechado”.

Naquele espaço de privação de liberdade estão confinadas duas mil quinhentas e sessenta e seis⁵ mulheres, geralmente, jovens, pobres, negras ou pardas, com baixa escolaridade, depressivas e quase sempre chefes de família. E por se tratarem de mulheres, trazem consigo para o contexto penitenciário as particularidades de gênero que devem ser respeitadas para que não haja violação dos seus direitos humanos.

Pesquisas demonstram que a prisão é atravessada pela questão de gênero. As mulheres possuem demandas específicas que estão longe de ser contempladas, pois, encontram num ambiente que se apresenta criado para homens, e apresentam inúmeras deficiências, como superlotação, insalubridade, violência, morosidade nos processos. Fatores esses fomentadores de doenças infecto contagiosas, ambiente degradante que contribui para a baixa estima, alimentando doença de âmbito emocional como depressão, angústia, insônia, pânico, o que é comprovado pelo alto índice de mulheres que passam a utilizar remédios controlados depois de presas (CERNEKA, 2009; RODRIGUES & FARIAS, 2012).

⁵ <http://www.sap.sp.gov.br/> - População prisional - atualizada em 13/06/13.

Com relação à visita íntima para quem está privada de liberdade, segundo Howard (2006, p. 75):

A Lei de Execução Penal (LEP) não prevê explicitamente o direito dos presos de receber visitas conjugais, porém, as diretrizes do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCC) reconhecem claramente esse direito para ambos os sexos desde 1999 (Resolução 1/99). Até 2001, a Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo não reconhecia o direito de presas mulheres de receber visitas conjugais, embora os homens desfrutem dessas visitas há mais 20 anos (Res. SAP 96, 27/12/01).

Percebemos que as mulheres por 20 anos ficaram privadas desse direito. Elas têm o direito à visita íntima ao menos uma vez por mês, pois isso possibilita a preservação das relações familiares, e os direitos sexuais e reprodutivos das encarceradas. É de responsabilidade da administração do estabelecimento prisional prever um local reservado para a realização da visita íntima e fornecer orientações e preservativos para evitar gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Sabemos que esse espaço não existe e que as presas recebem seus parceiros na própria cela, mediante o que for combinado entre elas.

Em entrevista ao jornal *Brasil de Fato*⁶, Heidi Cerneka, coordenadora da Pastoral Carcerária Nacional, ao apresentar algumas deficiências no sistema penitenciário, citou a saúde: “Hoje em dia faltam médicos em todas as unidades. E as mulheres, pela faixa etária (a maioria entre 20 e 35 anos), têm mais necessidade por causa da saúde reprodutiva”.

Outro problema é a concentração de unidades prisionais femininas na capital, o que faz com que a presa, muitas vezes, fique distante de sua família, perdendo o elo familiar. “Quando a mulher está presa, muitas vezes ela perde a casa e os filhos são espalhados. Quando ela sai, tem que reconstruir toda uma vida. E, se as crianças forem para abrigo, ela não vai conseguir buscá-las até mostrar ao juiz que tem uma casa e uma renda para mantê-las”, explica Heidi.

Alguns autores como Frinhani & Souza (2005), Barreto (2006), Guedes (2006), Lima (2006), fazem referência a relações afetivas das mulheres presas. Muitas mulheres, ao contrário dos homens presos, ao passar do tempo, sofrem com o abandono da visita dos familiares e companheiros. Quando recebem visitas, geralmente, são as da mãe, irmãs, amigas e, às vezes, filhos. Há um grande número delas que não recebem visita de ninguém.

As manifestações e envolvimentos afetivos/sexuais entre presas também é frequente e visível. A maioria iniciou a experiência no contexto penitenciário. Algumas têm dúvidas sobre a continuidade ou não da escolha, outras já possuíam tal orientação sexual antes de ingressar no sistema penitenciário. Segundo Assis & Constantino (2001), *apud* Guedes (2006,

⁶ www.brasildefato.com.br – Acesso em 11 de junho de 2012.

p. 568), “o homossexualismo de internato é construção institucional, comum em espaços de reclusão, servindo como estratégia de enfrentamento do cárcere no sentido de preservação dos afetos”.

Um elemento que verificamos entre as mulheres encarceradas, constituindo-se em uma característica de gênero, são as relações afetivas maternais em que, espontaneamente, as mulheres mais velhas expressam para as mais novas o cuidado, proteção, acolhimento, aconselhamento e carinho.

Do ponto de vista de problemas enfrentados pelas mulheres presas devemos acrescentar outro, apresentado por Benvenuti (2012), a falta de assistência jurídica. Roubos e furtos ainda são causas comuns de encarceramento, embora, cresça o número de prisões por atos ilícitos associados ao tráfico de drogas. “Tem um crescimento muito grande da população prisional feminina especialmente por conta do tráfico de drogas, e esse aumento vem agravando esse quadro de insuficiência de serviços”, afirma a advogada Fernanda Emy Matsuda⁷.

O contexto do sistema penitenciário é complexo, as penitenciárias femininas têm suas características, particularidades e especificidades, que não podem ser deixadas de lado. As mulheres que lá estão, frente às deficiências que se deparam no dia-a-dia, buscam e utilizam de estratégias para ocuparem o tempo e suportar o mal-estar da privação de liberdade, cuidando de si e do local onde vivem. “O cuidado com o ambiente demonstra que as internas cuidam de si e querem que seus visitantes se sintam bem no espaço que as detentas têm como ‘casa’” (Frinhani & Souza 2005, p. 75). Muitas tornam suas celas semelhantes aos cômodos de sua casa, decoram a parede, põem tapetes, enfeitam com fotos dos familiares, buscando superar a ambiência opressora da instituição total, que corrói a identidade, a individualidade e a potência. Essa ação demonstra que mesmo estando numa instituição total, com toda sua estrutura de controle e disciplina, em que se encontram confinada, longe das referências familiares e sociais, onde o eu passa por mortificações, a potência de vida não é eliminada. Como fala o filósofo Espinosa somos uma força para perseverar na própria existência, uma potência de vida que é aumentada ou diminuída, mas nunca destruída (SPINOZA, 2009).

Enfim, é no contexto acima descrito que ousamos realizar a pesquisa que apresentamos no presente trabalho, ouvindo as mulheres reeducandas no sistema penitenciário com o intuito de entendermos como são afetadas pela ambiência prisional na sua forma de

⁷ www.brasildefato.com.br – Acesso em 11 de junho de 2012.

sentir, pensar e agir, nos seus desejos, necessidades e sonhos para o futuro e, assim, colaborarmos com a discussão sobre o papel socioeducativo da prisão.

Adotamos a afetividade como categoria central da pesquisa na perspectiva que ela vem sendo estudada pelo Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão (NEXIN), que tem como referencial teórico a obra de Vigotski e de Espinosa que buscam superar o paradigma da psicologia que coloca a emoção como *perturbatio animie* e apresentam como base do pensar e do agir a ética. Esta não é antagônica à razão, mas constitui uma unidade de análise que contém mente e corpo, objetividade e subjetividade, pois representa a vivência subjetiva do contexto externo, portanto, ela é indicativo da dimensão ético-político (SAWAIA, 2009).

CAPÍTULO II - AFETIVIDADE EM VIGOTSKI E ESPINOSA

A perspectiva teórica que tem orientado nosso estudo é a sócio-histórica, pois concebe o homem como um ser que é, ao mesmo tempo, produto e produtor da história. Um sujeito social, concreto inserido na realidade cotidiana, num tempo sociocultural específico, que estabelece relações sociais e se constitui nelas por meio da linguagem e da atividade. Um sujeito que se desenvolve na medida em que interage com o meio no qual se encontra e com os outros sujeitos, portanto, um desenvolvimento que pode ser acelerado por meio da aprendizagem (VIGOTSKI, 1996, 2007, 2008,).

Vigotski (1896-1934), pensador russo, surgiu como um crítico à dicotomia que as abordagens dominantes à época (psicanálise, espiritualista-idealista e behaviorista) promoviam entre mente/corpo, pensamento e emoção, consciência e inconsciente. Ele propôs o método dialético para construir uma psicologia geral que não nega nenhuma dessas dimensões, mas as analisa como uma unidade, opostas e ao mesmo tempo complementares, sem uma hierarquia e relação causal. Para tanto ele foi buscar em Marx o método materialista histórico e a dialética e, em Espinosa, o monismo entre corpo e mente, razão e emoção.

A intenção de Vigotski foi a de provocar uma revolução ontológica e epistemológica na psicologia da sua época, e seu resgate da emoção faz parte dessa intenção, contribuindo para que a psicologia pudesse pensar o homem por inteiro, configurando-se na dialética entre biológico e psicológico e a subjetividade como fenômeno histórico-social.

O autor referido compreende que o homem possui inicialmente funções psicológicas elementares que se transformam em funções psicológicas superiores através da mediação, pois toda a atividade humana é mediadora, ou seja, as funções psicológicas superiores são de origem sociocultural, resultam da interação do indivíduo com seu contexto cultural e social. Linguagem, memória, atenção, formação de conceitos, pensamento verbal, afetividade são algumas das funções psicológicas superiores (Vigotski 2007).

Vigotski destaca o papel fundamental das emoções na configuração das funções psicológicas:

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. Ao sermos afetados, se alteram as conexões iniciais entre mente e corpo, pois os componentes psíquicos e orgânicos da reação emocional se estendem a todas as funções psicológicas superiores iniciais em que se produziram, surgindo uma nova ordem e novas conexões. (Vigotski, 2001, p. 139)

Assim, o pensador está afirmando que as emoções, constituem o último porque de nossas atividades e ideias o motivo das mesmas. Portanto, para compreendê-las é necessário

conhecer esses motivos que Vigotski denomina de subtexto, ou seja, a base afetivo-volitiva da linguagem e da ação (SAWAIA, 2009).

Outra contribuição importante é a reflexão que ele desenvolve sobre os sentidos e significado, no estudo que faz sobre linguagem, indicando que não há palavra sem significado e significado sem palavra. (...) “é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, que podemos encontrar as respostas às questões sobre a relação entre pensamento e a fala” (Vigotski, 2008, p. 5). E esse significado tem dimensão subjetiva e sócio-histórica (SAWAIA, 2010).

Para Vigotski cada palavra tem duas dimensões de significados, uma mais social e outra mais singular. O significado é intersubjetivo, social, histórico, universal. O significado é mais estável, dicionarizado e coletivizado. Já o sentido é da ordem da singularidade, ou seja, de como o sujeito foi afetado, sua base é afetivo-volitiva. O sentido é concebido como unidade de significação que sintetiza os aspectos biológicos, sociais e psicológicos (cf. SAWAIA, 2010, p. 104).

O sentido, segundo Vigotski, deve ser entendido na sua relação dialética com o significado,

Significado- é próprio do signo. Conhecer o significado é conhecer o singular como universal. Sentido- é o que faz parte do significado (resultado do significado), mas não foi fixado pelo signo. Formação do sentido – resultado, produto do significado. O sentido é mais amplo do que o significado (Vigotski, 1996, p. 186). O sentido é um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem varias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (Vigotski, 2008, p. 181).

Do ponto de vista metodológico, diante do exposto e considerando que o sentido é da ordem da singularidade, ao tomá-lo como categoria analítica mediante da ação discursiva, significa que não basta entendermos as palavras ou a lógica conceitual, é preciso que entendamos os afetos e a vontade, a intencionalidade, enfim, os motivos que dinamizam tal ação. Requer de nós a leitura do subtexto, do pensamento oculto por trás das palavras e das ações, as motivações geradoras do discurso.

Segundo Bomfim (2010, p. 61), “enquanto o texto pressupõe um sentido externo, o subtexto revela o sentido interno. É justamente neste último que encontramos o sentido e, em última instância, o motivo que está por trás deste texto”. A autora destaca que em todo sentido existe uma valoração emocional que precisa ser compreendido,

Desvelar os motivos por intermédio do subtexto da linguagem é, portanto, um processo revelador das emoções e sentimentos nos grupos sociais e de

fundamental importância na compreensão do estudo da consciência. (...) Compreender este procedimento é de extrema relevância para os aspectos metodológicos de construção do instrumento de nossa investigação (BOMFIM, 2010, p. 62).

As categorias de sentido e significado na concepção vigotskiana contêm, portanto, a dialética entre social e o singular, como apresentamos acima, mas também a dialética entre emoção e pensamento. No entendimento de Vigotski, “sentido é a soma de todos os fatores psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência” (Vigotski, 2008, p. 6), o que significa que ele concebe que os fatores psicológicos não funcionam isoladamente, mas em relação sem e hierarquia entre elas.

A emoção atravessa as Funções Psicológicas Superiores. E constituem a base dos motivos das ações e pensamentos. Portanto, para entender o sentido das coisas para o sujeito, é preciso captar o subtexto de suas palavras, o que significa analisar sua base afetivo-volitiva.

Em síntese, Vigotski re-insere a emoção na psicologia destacando a sua positividade e sua relação indissolúvel com o pensamento e a ação, contrariando a visão dominante de que ela é contrária a razão, dá ordem do erro. Sua inspiração para tanto foi à obra do grande filósofo Espinosa conhecido como o *filósofo da alegria* (CHAUÍ, 1995).

2.1. A Afetividade ocupa lugar central na teoria política e na filosofia de Espinosa

O que atraiu Vigotski à filosofia espinosana foi seu pressuposto monista, isto é, a defesa da ideia de que existe uma única substância e que as coisas existentes são transformação dessa substância, modos dela apresentar-se na existência.

A substância é aquilo que existe em si e por si mesmo. Tal substância única é Deus ou a Natureza (Ética I, def. 3, SPINOZA, 2009), não há nada acima dela. Ela é uma força de existir, que possui infinitos atributos⁸ dos quais conhecemos dois: *res-extensa* e *res-cogita*. Para ele, o ser humano é um modo singular, finito dessa substância e desses dois atributos da substância absolutamente infinita.

Como modos dessa substância, somos *conatus* o que significa força de existir, de perseverar na existência e de expansão. Por serem de uma única substância, corpo e mente são uma só coisa, entre eles não há hierarquia ou relação causal. O corpo é uma potência de ação, e a mente, uma potência de pensar. Tudo que a mente pensa é afecção do corpo.

⁸ “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência” (Ética I, def. 4, SPINOZA, 2009).

Como somos modos finitos e causados somos potência em ato, cuja densidade é dada pelas afetações que sofremos nos encontros que podem aumentar ou diminuir nossa potência. Quando somos afetados por encontros que aumentam nossa potência de vida e autonomia, sentimos alegria ou outras emoções dela derivadas, porém, quando sentimos que nossa potência diminui somos tomados por emoções tristes.

Desta forma, Espinosa entende os afetos não como fenômenos psíquicos, mas éticos, por isso, eles se tornam centrais em sua teoria política.

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções (Ética III, def. 3, SPINOZA, 2009).

Podemos nos perguntar: de que corpo Espinosa está falando?⁹ Um corpo que é potência de ação, capaz de afetar e ser afetado.

Segundo Chauí (2011, p. 73):

O corpo humano é um ente singular e dinâmico. (...) o corpo não é uma unidade isolada que entraria em relação com outras unidades isoladas, mas é um ser originária e essencialmente relacional: é constituído por relações internas entre os corpúsculos que formam suas partes e seus órgãos e pelas relações entre eles, assim como por relações externas com outros corpos ou por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e se por eles afetado sem se destruir, regenerando-se, transformando-se e conservando-se graças às relações com outros.

Quando falamos de afetos em Espinosa faz-se necessário ressaltarmos a distinção entre *affectio* e *affectus*. O termo *affectio* refere-se às afecções que produzem modificações no corpo e na mente. Já *affectus* são os afetos, o que constitui as durações das afecções.

A *affectio* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o *affectus* remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes. (DELEUZE, 2002, p. 56)

Tudo o que existe na mente são afecções do corpo. Toda ideia é ideia da afecção do corpo. Toda afetação produz uma imagem que, segundo o filósofo, pode gerar ideias adequadas e inadequadas.

Espinosa considera que há três níveis de conhecimento. O primeiro é lugar da Ilusão, das ideias inadequadas ou imaginativas, que provêm da ignorância das forças externas, que nos fazem tomar os efeitos como causa. O segundo nível é o da Razão, o das noções comuns e da busca das causas adequadas das afetações, isto é, de como nosso próprio corpo, os nossos sentimentos e as ligações sociais são determinadas pelo ambiente e o terceiro é o nível da Beatitude, da intuição intelectual em que todas essas informações colhidas no segundo nível

⁹ “Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considera como coisa externa” (Ética II, def.1, SPINOZA, 2009).

são aglutinadas na unidade singular do sujeito com a beatitude. Esse nível só os sábios conseguem alcançar.

Nós não podemos nos livrar da imaginação, pois é a primeira forma de ser afetado. Para não vivermos na ilusão e imaginação, faz-se necessário conhecermos as causas das ideias de nossa alma e as ideias das afetações do nosso corpo. “Causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma, e causa inadequada, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só” (Ética III, def. 1, SPINOZA, 2009).

Quanto mais um corpo tem capacidade de afetar e ser afetado, mais ele tem as ideias adequadas que são vividas com alegria, pois aumenta nossa potência de vida, nossa autonomia. As ideias inadequadas diminuem nossa potência de agir, nos mantêm na servidão, e muitas vezes são sentidas ilusoriamente como liberdade. “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, (...) é capaz de muitas coisas que surpreendem a sua própria mente” (Ética III, prop. 2, SPINOZA, 2009).

Com relação aos *affectus*, Espinosa afirma que existem três afetos primários: alegria, tristeza e desejo, dos quais derivam todos os outros, entre eles, amor e ódio.

O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira. A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior. A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor (Ética III, def. dos afetos 1,2,3, SPINOZA, 2009).

Os afetos que aumentam nossa potência são os afetos ativos que ele chama de emoção. Já aos afetos que a diminuem, ele conceitua paixão (*passion*).

Os afetos passivos são o que sentimos quando nossa potência é diminuída e não temos ideias adequadas de sua causa, e assim não temos governabilidade das coisas que nos afetam. As paixões podem ser vividas como ilusoriamente alegres, mas na sua essência são tristes, pois indicam a transição da autonomia à heteronomia que favorece a servidão. Exemplos de paixões tristes são o medo, a esperança e a culpa.

Espinosa apresenta três personagens das paixões tristes que compõem para ele a Trindade Moralista. Cada um colabora para que a servidão se mantenha. O escravo é aquele que vive aprisionado pelas paixões tristes, sente medo; o tirano é aquele que estabelece seu poder explorando as paixões tristes, ou seja, ele instiga o medo; e o sacerdote se apieda do medo. Na visão de Deleuze (2002, p. 31), “o tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, do mesmo modo que as almas tristes precisam de um tirano para se prover e propagar”.

Como podemos enfrentar a tirania, a superstição, o medo, as paixões tristes que nos deixam numa atitude de padecimento, de servidão? Como combater a desmesura do poder?

Segundo Sawaia (2003, p. 37):

A primeira recomendação da ontologia da alegria é a de que a violência não concerne apenas aos problemas estruturais ou aos individuais, exclusivamente. É preciso encontrar um ponto de convergência entre princípios éticos, desejos e práticas políticas específicas e cotidianas (...) a libertação exige ações coletivas e institucionais para bloquear a reprodução de encontros que promovem a decomposição dos corpos individual e social. (...) A afetividade é contagiosa, porque está no caminho da objetividade e da subjetividade, constituindo-se em mediação da passagem de um ao outro, bem como é excelente termômetro da potência da autonomia de cada um e do coletivo.

Convém ressaltarmos que para Espinosa, uma paixão triste, ou as suas expressões de violência, só podem ser combatidas com uma emoção mais forte e propõe com ideias adequadas, ou seja, com ideias e afetos mais fortes, ou quando compreendemos suas origens. Surge a necessidade de recuperarmos as capacidades de afetar, ser afetados e pensarmos sobre as afecções.

Essas reflexões apontam a importância dos afetos na análise de questões sociais, pois são eles que revelam as formas como os sujeitos são afetados pelas condições externas, sociais e ambientais e a qualidade ética dessas afecções (aumento ou diminuição de potência). Assim, recorreremos à proposta metodológica dos mapas afetivos para aprofundar as reflexões sobre mulheres em situação prisional.

2.2. Mapas Afetivos

Considerando o que Sawaia (1995, p. 21) escreve, de que “os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios”, e que o espaço analisado pela nossa pesquisa é o de uma instituição total, cuja principal característica é a disciplinarização do corpo e da mente, por meio de regras, controle e vigilância, o que favorece a formulação de discursos clichês que respondem ao julgamento que fazem dos profissionais que as atendem, encontramos nos Mapas Afetivos a metodologia de apreensão dos afetos que pudesse “facilitar o processo de tornar tangível o intangível, pela fundamentação de um instrumento que abarque imagens e palavras” (BOMFIM, 2010 p. 137), e assim, ideia e emoção indo além dos significados estereotipados.

Os Mapas Afetivos foram escolhidos como instrumento por favorecerem a exposição das emoções, ao proporem que as pessoas expressem em desenhos e metáforas as imagens que são formadas pela afetação do contexto onde estão inseridas, no caso, a prisão, e depois falem sobre essas imagens. O método foi criado por Bomfim (2010), para investigar sentimentos e emoções do habitante em relação à cidade em que vive que está exposto na sua

completude no livro *Cidade e Afetividade: Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo*.

Os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, porque acessam sentimentos de forma sintética e propiciam a aproximação destes sentimentos à realidade cotidiana. (...) O mais importante deste recurso é a possibilidade de construção da afetividade como dimensão psicossocial (BOMFIM, 2010, p. 221).

A tese dos Mapas Afetivos proposta por Bomfim (2010) tem como base teorias relacionada à psicologia social e psicologia ambiental. Usa conceitos como espaço, lugar, apropriação, representação social, para orientar a criação de categorias de análise dos desenhos e metáforas coletados: contraste, insegurança, agradabilidade e pertencimento, como “resultado da representação da totalidade dos sentimentos encontrados nas unidades de registros que inferem significados a partir dos objetivos investigados” (idem p. 141).

Como foi dito acima, a perspectiva teórica que nos orientou na pesquisa foi a da psicologia sócio-histórica, que concebe o homem como um ser que é, ao mesmo tempo, produto e produtor da história. Um sujeito social, concreto inserido em uma realidade cotidiana definida, por um tempo histórico-político e cultural específico, que estabelece relações sociais de diferentes qualidades éticas, desde as que promovem desigualdades, conflitos de interesse, relações de dominação, às relações de amizade e solidariedade. O sujeito se configura nessas relações sociais e se constitui nelas por meio da linguagem e das atividades. Um sujeito que se desenvolve na intersubjetividade, mediada pelo contexto histórico-cultural, e que pode acelerar este desenvolvimento por meio da aprendizagem (VIGOTSKI, 1996, 2007, 2008).

Bomfim (2010, p. 59), partilha da concepção de que “o homem cria uma cultura, transforma o ambiente e deixa sua marca (...) Ele não se adapta à natureza, mas a transforma e é transformado pelo fruto de sua própria produção cultural”. Partilha também que é preciso, na análise psicossocial, “levar em conta a dinâmica da construção da subjetividade no processo de historicidade” (BERTINI, 2006:39), o que significa que se atua não restringindo a interação do indivíduo com o ambiente como um cenário, mas dando ênfase à interação com os fatores psicossociais e sociofísicos. “Nesse processo o homem mediado pelas experiências simboliza, transforma o meio, identifica-se com este e o constrói produzindo sua experiência (idem p. 39). Compreende que o sujeito ao relacionar-se no e com o contexto em que está inserido vai construindo conhecimentos e representações sobre si mesmo e a realidade¹⁰.

¹⁰ A autora estabelece um diálogo com o psicólogo Francês Serge Moscovici, que desenvolveu o conceito de representação social como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”, (MOSCOVICI, 1978 apud BOMFIM, 2010 p.90). Com o

O foco da psicologia ambiental é inter-relação indivíduo e ambiente em que um influencia o outro. A interação indivíduo e ambiente não é passiva, se dá na reciprocidade, com influências mútuas, na qual o indivíduo é afetado pelo ambiente e, de outra forma, o indivíduo também afeta o ambiente, transformando-o e intervindo. Nessa inter-relação Bomfim (2010) propõe que o interesse deve ser focado nos processos afetivos e cognitivos humanos presentes no ambiente sócio-físico.

Considera que a forma como um indivíduo sente, pensa, representa o espaço é que vai definir seu envolvimento, sua implicação com o mesmo, bem como vão sendo construídos significados e sentidos para o mesmo.

Segundo (CORRALIZA 1988, *apud* PINHEIRO 2009, p. 35):

Um dos processos mais relevantes da interação indivíduo-ambiente está no ponto que converte o espaço físico em espaço significativo para o indivíduo. O estudo do significado do ambiente se refere à representação que um ambiente tem para o sujeito. Essa análise deve levar em conta: os processos culturais, sociais, políticos, entre outros na construção social do significado espacial; a experiência emocional de um lugar, que considera os aspectos individuais e que tem por base a relação dialética sujeito e ambiente, onde o meio interfere na construção do sujeito e este, na construção daquele.

Em síntese, este referencial compreende que o homem e ambiente se configuram na interação e que esse processo é medido pelo sentido.

No cotidiano, muitas vezes espaço e lugar são usados como sinônimos e não nos atentamos para o significado próprio que cada um tem. Segundo (SPELLER, 2005 *apud* CAVALCANTE & NÓBREGA, 2011, p. 183), “espaço coloca em destaque o aspecto físico do ambiente, enquanto lugar se refere aos sentidos que os usuários atribuem ao espaço físico”.

Na concepção de TUAN (1977, p. 6):

Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o adotamos de valor... As idéias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra... se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pessoa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

A apropriação do espaço acontece quando o sujeito interage com o espaço transformando em lugares, e isto se dá quando lhe confere valor simbólico e há identificação com o mesmo, internalizando como parte de si. Ganha importância pelo valor atribuído à

conceito de representação social enfoca o papel ativo do indivíduo na construção de um conhecimento coletivo na sociedade através da criatividade, do uso da linguagem, da percepção, vai-se constituindo a representação da realidade da vida cotidiana. “A representação não é só a percepção ou imagem do objeto em si, pois é pelo processo de representar que os indivíduos podem interpretar e transcender a experiência imediata” (BOMFIM, 2010, p.91).

vivência e aos sentimentos relacionados a ele. A apropriação do espaço aparece como um dos núcleos centrais da interação entre o ser humano e o seu entorno.

A apropriação é dinâmica exige uma reelaboração constante e pressupõe duplo processo: de apropriação da ação transformadora, que segundo Cavalcante & Elias (2010, p. 65) “consiste em comportamentos explícitos que vão desde a demarcação de um espaço até uma ocupação territorial mais elaborada e complexa”; e a apropriação da identificação que “compreende processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transforma o e espaço em lugar reconhecível e pleno de significado” (idem, p. 66), sempre num movimento dialético. Não é só o sujeito que se apropria do espaço, este também se apropria daquele. (Bomfim, 2010; Alencar, 2010)

Conforme (POL 1996 *apud* PINHEIRO 2009, p. 60-61):

Define, pois alguns parâmetros que quando presentes garantem que a apropriação ocorra de forma efetiva, a saber: 1. Capacidade de identificação pessoal com o lugar; 2. Impressão de controle exercida sobre o espaço; 3. Acordo ou adesão aos valores e normas do contexto social e espacial; 4. Adaptação e familiaridade a um lugar.

O autor supracitado (1996) cita um quinto item que se refere à posse legal. Nosso referencial reforça a importância da propriedade privada, mas entende que a ambiência é atravessada pelas relações e modos de produção. Entende que a transformação do espaço em lugar, ou a ambiência do espaço, se dá a partir da apropriação, mas ressalta que esta apropriação é mediada pelo capitalismo e as relações de poder e exclusão que ele gera.

Aqui outro conceito a ser trabalhado é o de mercadoria que gera a exclusão e apropriação dos espaços. O espaço é mercadoria, e símbolo de poder, o que interfere na ambiência do mesmo. Portanto, ele contém os conflitos sociais, a ideologia e o poder, o que retira a concepção harmônica do “processo cognitivo, colocando-o como mediação nas relações de dominação e de exploração socioeconômica” (SAWAIA, 1993, p. 78).

Introduzir o conflito social na análise do ambiente significa não só entender que ele é da ordem do simbólico, um produto da interação, mas que ele contém a desigualdade e as relações de poder que constituem historicamente a sociedade em análise.

Na mesma direção é preciso completar o referencial dos Mapas Afetivos com a ideia de Foucault sobre poder.

Podemos perceber que falar de apropriação dependendo do contexto é muito desafiador e complexo, principalmente tratando de instituição total, onde o indivíduo está inserido, de forma excludente, para restabelecer a ordem social. Um contexto de panoptismo que na compreensão de Foucault (2010) é um dispositivo do poder disciplinar, em que há a

vigilância permanente manifestando o funcionamento autoritário do poder, o que lhe impede a intimidade.

Segundo Goffman (2003), quando o internado chega ao contexto da instituição inicia o processo de mortificação do eu, “começa uma série de rebaixamento, degradações, humilhações e profanação do eu” (p. 24), reduzindo o esforço de perseverar na própria existência, que de acordo com Espinosa, é viver a potência de padecimento, ou seja, a re-ação e não ação (SAWAIA, 2009).

A concepção de afeto de Espinosa é igualmente importante por apontar que o afeto é o lugar da ética, os afetos resultam da transição do corpo e mente de um estado de autonomia à heteronomia (e vice-versa). Eles revelam a qualidade ética de nossas afetações pelo contexto social.

Inspirada nessas reflexões, Sawaia (2010) propõe o conceito de sofrimento ético-político para a análise das afetações que nosso corpo e mente sofrem pelas forças externas derivadas da desigualdade social.

O sofrimento ético abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (SAWAIA, 2010, p. 106).

Dessa forma podemos perguntar se a prisão não é espaço do não-lugar, como fala Augé (1994, p.39) que não permite a criação nem de identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude. Do sofrimento ético-político que as aprisionam na exclusão? Há possibilidades de linhas de fuga, de bons encontros potencializadores da vida? “A instituição tem como filosofia oferecer a reabilitação através do trabalho que é oferecido, da responsabilidade, da educação, dos hábitos de cumprir horários, regras e disciplina” ¹¹. A ambiência indica a possibilidade desta filosofia?

Na presente pesquisa pretendemos buscar elementos para esta reflexão, analisando o subtexto, a base afetivo-volitiva, que Vigotski (2008) aponta como o revelador dos sentidos contidos no comportamento e na linguagem. Consideramos os Mapas Afetivos um recurso metodológico que favorece a exposição das emoções.

¹¹ Entrevista com a trabalhadora servidora pública da PFS (março/2013).

Através do estudo sobre afetividade é que podemos conhecer o grau de envolvimento, de apropriação, de implicação, de estima que o indivíduo estabelece com o ambiente numa relação dialética.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Caminhos percorridos para chegar ao local

Antes de falar sobre qual o procedimento metodológico adotado senti que é necessário relatar o caminho percorrido para chegar ao campo de pesquisa e como se deu o processo da pesquisa.

O que deu a base para a escolha do campo foi a experiência de atividade socioeducativa que vínhamos desenvolvendo junto às mulheres reeducandas da PFS onde, quinzenalmente, por um período de um ano e oito meses, desenvolvíamos atividades com um grupo de mulheres reeducandas que atuavam na área da saúde e assistência social. Trabalhávamos informação e formação com temas ligados à saúde e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Tivemos a oportunidade de escutar e interagir com várias delas, pois o grupo tinha uma média de vinte mulheres, sendo algumas assíduas e outras que participavam esporadicamente. E foi nesse contato que surgiu o interesse de conhecermos o que aquele contexto significava para aquelas mulheres que estavam privadas de liberdade.

O trabalho desenvolvido com as mulheres foi ganhando visibilidade e nós também fomos tornando-nos conhecidas pelas mulheres e trabalhadoras, servidoras públicas do sistema penitenciário, o que foi fundamental e decisivo na escolha daquela penitenciária como um dos campos de pesquisa. Permanecemos mais um semestre realizando as atividades, depois por conta da pesquisa pensei ser melhor não participar mais das atividades que vinha sendo desenvolvidas.

Paralelo a essa atividade comecei a elaborar o projeto de pesquisa, frequentar aulas no curso de pós-graduação em Psicologia Social e participar do Núcleo Exclusão/Inclusão Social como aluna ouvinte. Após ter definido qual o objeto da pesquisa, juntamente com o ingresso no mestrado, iniciei os contatos para saber como proceder, a quem se dirigir para obter a permissão para a realização da pesquisa na PFS.

No Estado de São Paulo existe a Secretaria da Administração da Penitenciária (SAP), que possui o Comitê de Ética em Pesquisa, pelo qual os projetos de pesquisa em penitenciárias têm de passar para obter a aprovação, ou não. De agosto de 2011 a junho de 2012 foi o tempo necessário para o projeto ser aprovado e, então, ser liberado o início da pesquisa.

Nesse período, reelaborei o projeto, adaptei o instrumental Mapas Afetivos para o contexto penitenciário participei de reuniões na penitenciária e mantive contatos com os profissionais que eram referenciais nas duas penitenciárias, na PFS e na Penitenciária Feminina da Capital.

Participei de uma reunião na Penitenciária Feminina da Capital com representantes da instituição, do Comitê de Ética em Pesquisa e de outros pesquisadores que encaminharam projeto de pesquisa conforme procedimento descrito acima. O objetivo foi organizar um cronograma das pesquisas para que a presença dos pesquisadores não atrapalhasse a rotina da instituição. Nessa ocasião, apresentei o projeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia a ser aplicada. Ficou acordado que em agosto de 2012 poderia iniciar a pesquisa.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética, o projeto foi encaminhado à 2ª Vara das Execuções Criminais e da Corregedoria dos Presídios Femininos da Capital – DECRIM VI. A Juíza consultou os diretores da Penitenciária Feminina de Sant'Ana e da Penitenciária Feminina da Capital se aprovavam a realização da pesquisa e, numa das instituições, a diretora indeferiu, justificando ter muitos pesquisadores. Com este parecer desfavorável tive que refazer o projeto definindo a Penitenciária Feminina de Sant'Ana (PFS), como o único campo de pesquisa.

No período de aproximadamente um ano, enquanto aguardava o parecer favorável do Comitê de Ética para a realização da pesquisa, continuei mantendo contato com as trabalhadoras servidoras públicas da PFS, porém, não realizando as atividades socioeducativas.

No dia 19 de julho de 2012, conforme horário combinado com a diretora responsável, foi ao seu encontro na PFS para tratar dos encaminhamentos para a realização da pesquisa. Após apresentar o objetivo, metodologia da pesquisa, foi fornecida uma relação das reeducandas, por faixa etária, para orientar o processo de escolha das participantes da pesquisa. Como já conhecia as regras da instituição, tais como horário encaminhamento de ofício solicitando a entrada, espaço que as mulheres podem circular, construí o cronograma e pensei algumas estratégias para a realização da pesquisa, por exemplo, qual o melhor lugar para a coleta dos dados; utilizar uma semana completa, de segunda a sexta-feira; chamar em grupo, porém cada uma responder individualmente os Mapas Afetivos. Também conversamos com uma das mulheres reeducandas com o objetivo de apresentar o objetivo da pesquisa para que conversasse e partilhasse com as mulheres no pavilhão sobre a proposta, incentivando-as a participarem quando recebessem o convite.

3.2. Local de Pesquisa

A Penitenciária Feminina de Sant'Ana situa-se nas imediações do complexo do antigo Carandiru. O prédio foi projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo e construído entre os anos de 1911 e 1920.

A edificação desta penitenciária expressa de modo claro a modelação da sociedade pela imagem das suas instituições – que, neste caso, é uma prisão, mas que ocorre também com hospitais e escolas construídos na mesma época – levando ao extremo o sentido do confinamento do corpo. (Rodrigues & Farias, 2012, p. 81)

Após a reforma que consistiu na adaptação da penitenciária para as mulheres, foram inauguradas as atuais instalações em 08 de dezembro de 2005. Hoje é a maior penitenciária feminina da América Latina. Sua estrutura é composta de três grandes pavilhões, tendo o lado par e o lado ímpar, além da escola, das fábricas e da administração conforme foto aérea abaixo.

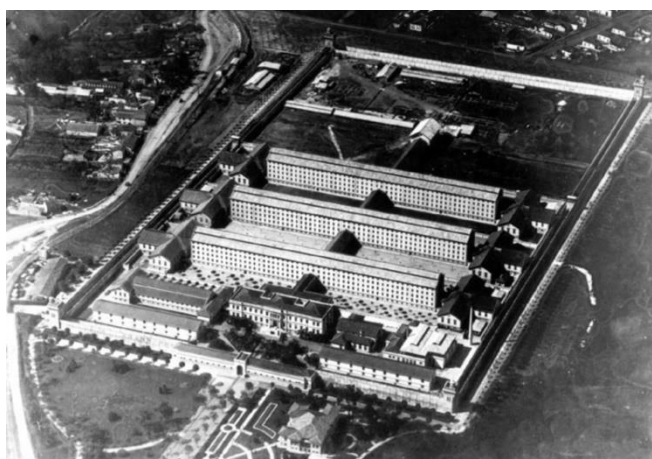


Figura 1 -Fonte: www.sap.sp.gov.br/common/museu/museu.php (acesso nov/2012)

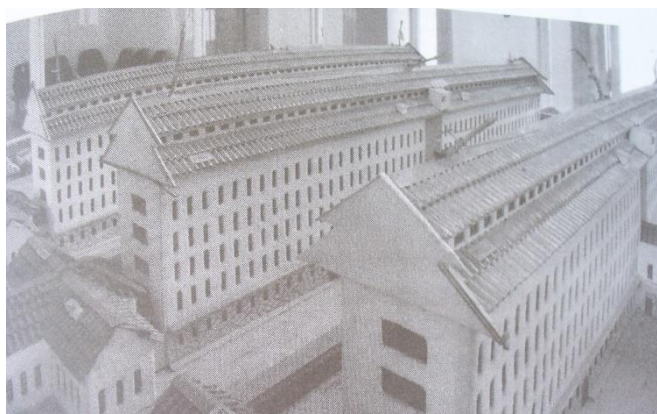


Figura 2 - Fonte: Rodrigues & Farias, 2012, p.81

Na única entrada para a Penitenciária Feminina de Sant'Ana, neste momento, há uma primeira identificação e, ao passar por ela, tem-se acesso a uma área verde, estacionamento e às dependências de entrega do “jumbo”¹².



Figura 3 - Fonte: [www.google.com.br/imagens/Penitenciária Feminina de Sant'Ana](http://www.google.com.br/imagens/Penitenciária%20Feminina%20de%20Sant%27Ana) (01/07/2013)

Da porta principal já é possível ver a construção da foto abaixo que tem uma entrada por onde passam veículos como viaturas, ambulâncias, caminhões que fazem entrega de alimentos, produtos das firmas, e numa entrada que não aparece, mas dá continuidade a parede da direita, há a porta por onde entram trabalhadores, advogados, pesquisadores, entre outras pessoas.



Figura 4 - Fonte: [www.google.com.br/imagens/Penitenciária Feminina de Sant'Ana](http://www.google.com.br/imagens/Penitenciária%20Feminina%20de%20Sant%27Ana) (01/07/2013)

¹² Lugar onde as famílias deixam alguns produtos de higiene pessoal, cartas, etc. para serem entregues às mulheres.

Abaixo se encontra a parte central da fachada da penitenciária que fica no segundo pátio interno. Podemos ver os dois pisos, onde fica toda a parte administrativa, e há também um piso térreo.



Figura 5 - Fonte: site. sabesp.com. br (acesso 01/07/2013)

Vista lateral do pavilhão com as janelas das celas, pátio externo e o corredor que liga um pavilhão ao outro.

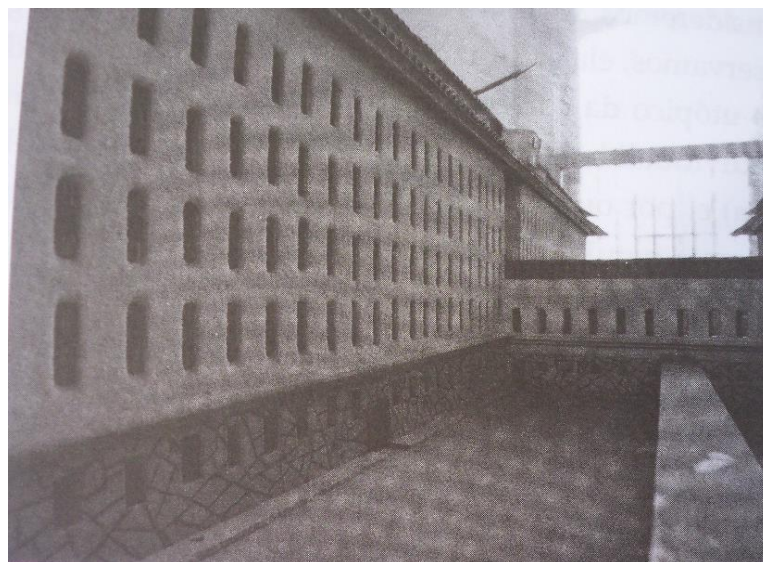


Figura 6 - Imagens da maquete da Penitenciária de Santana (2010) -
Fonte: Rodrigues & Farias, 2012, p.82

Imagens do saguão interno, dos corredores, das portas das celas e dos andares.
Imagem comum nos três pavilhões.



Figura 7

<http://www.sap.sp.gov.br/common/museu/museu.php>



Figura 8 -

http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/penitenciaria_feminina_de_santana.htm
(acesso nov/2012)

Como não foi possível fazer fotos da penitenciária usamos dois croquis da Penitenciária Feminina de Sant'Ana para uma maior visualização do espaço interno.

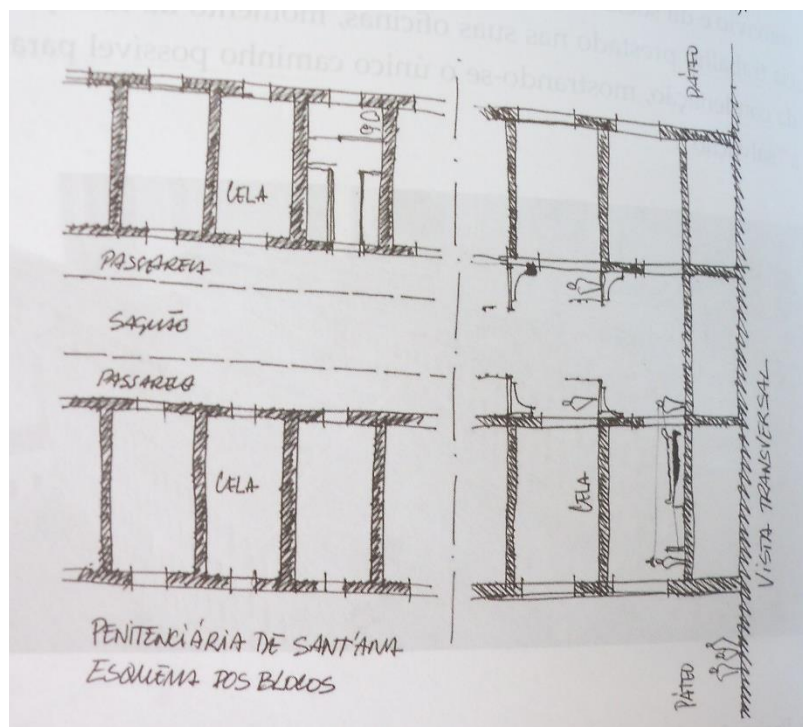


Figura 9 - Crochi da Penitenciária de Sant'Ana (2010) – Fonte Rodrigues & Farias, 2012, p.82

No croqui abaixo percebe que a cela é projetada para duas pessoas, possui chuveiro e bacias sanitárias. A divisão construída entre a porta da cela e as instalações do chuveiro e bacia sanitária foi erguida em meia altura, assim sendo, a presa não tem nenhuma privacidade, principalmente durante o banho.

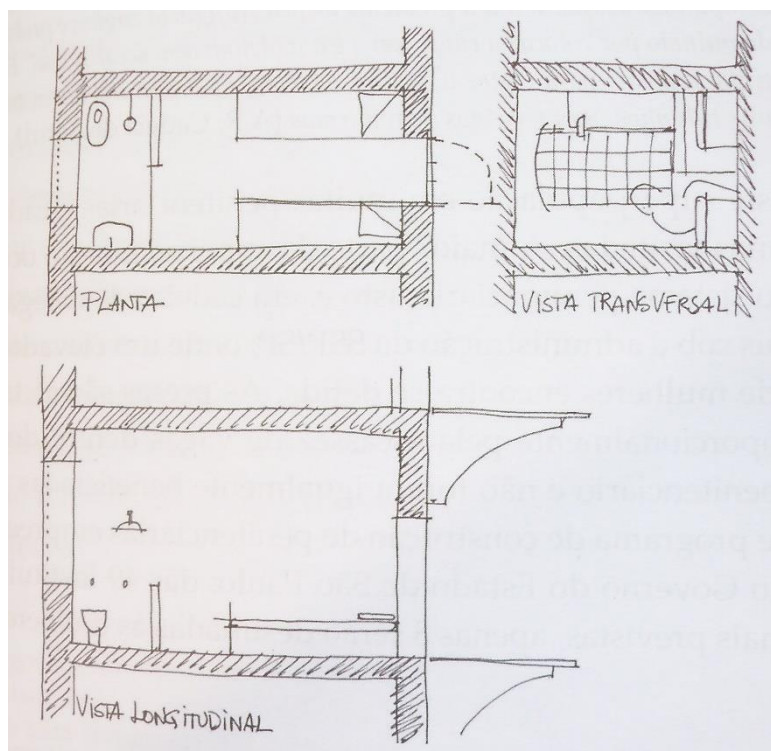


Figura 10 - Croqui da cela da Penitenciária de Sant'Ana - Fonte Rodrigues & Farias, 2012, p.85

Situar o local remete a algumas impressões que se foi tendo ao longo de todo o processo que considero que teve início com a realização das atividades socioeducativas, o que possibilitou conhecer alguns espaços internos da penitenciária. Alguns caminhos foram percorridos, algumas portas e portões foram se abrindo, sentimentos, sensações e impressões foram tomando conta de mim, à medida que ia agindo e interagindo com as pessoas e com o espaço.

Uma primeira parada para ter acesso à penitenciária se dá no portão principal (figura 3), ali se identifica e diz aonde se vai. Ao entrar deparamos com uma área verde, estacionamento, carros da Secretaria da Administração da Penitenciária (SAP), bancos para sentar, uma construção ao lado esquerdo com algumas indicações, entre elas “jumbo”, departamento que recebe as encomendas que a família traz para ser entregue à presa. O setor revista e depois encaminha para a interna. Nessa área verde, algumas vezes, encontrei um grupo de quatro a cinco mulheres varrendo, sempre acompanhadas por uma agente da penitenciária.

No espaço de cem metros há a porta principal por onde entram os carros que transportam as mulheres, ambulâncias e carros que fazem entregas. Os familiares, advogados, trabalhadores entram por outra porta menor, onde estão às solicitações e às autorizações para a entrada, mediante apresentação de um documento de identificação, revista de bolsos, meias e passagem pelo detector de metal. Nesse espaço há um armário para guardar os pertences. Passa por um corredor estreito e deparamos com um portão onde se deixa o documento de identificação e pelo qual os trabalhadores também passam, e chega a um pátio interno que, geralmente tem muita movimentação, pois tem dois caminhos, um que leva à ala da penitenciária onde ficam as internas de curso superior e com bebês, e o outro que leva para a cozinha e dependências das firmas. Há uma área cercada com alguns gansos. Também é possível ver mulheres reeducandas fazendo limpeza, puxando alguns carrinhos para a cozinha. E chega-se a frente da fachada interna da penitenciária (figura 5) onde fica a ala administrativa, dos setores e o térreo que dá acesso a sala psicossocial.

Para chegar até a sala onde foi desenvolvida a pesquisa é necessário passar por três portões que sempre são abertos e fechados por um agente. Quando me deparei com aqueles portões, aquelas chaves enormes, aquele barulho, tive a impressão de estar participando daqueles filmes de prisão, com uma sensação de pavor que aumentou quando percebi que é realidade, que me encontrava naquele ambiente. Tudo é muito rápido, alguns agentes com semblante bem carregado, e eu sempre me perguntava se é necessário tudo aquilo? Em que ajuda as mulheres que lá estão? As pessoas que lá trabalham, geralmente do sexo feminino, com uma postura disciplinada exercendo repetidamente o que fazem, e eu, muitas vezes olhava para elas, observando aquela postura e começava a me dar conta que elas também estão presas, dominadas por uma estrutura, um sistema que aprisiona, que nega o direito de ir e vir das mulheres que pagam a pena, e a elas enquanto trabalhadoras.

No período da realização da pesquisa foi esse o percurso que fazia até a sala do atendimento psicossocial. Todavia, no período anterior a pesquisa, quando desenvolvíamos as atividades socioeducativas, tivemos a oportunidade de conhecer os três pavilhões através do corredor interno que liga um pavilhão ao outro. Espaço que tem algumas janelas com grade das quais é possível observar as mulheres no pátio externo. Aqui me reporto ao panóptico conforme Foucault (2010), espaço de vigilância e controle. Sempre fica uma agente circulando e também abrindo e fechando os portões de acesso ao pavilhão. As mulheres só circulam acompanhadas por uma agente quando são solicitadas para algum atendimento. Ao passar de um pavilhão para o outro tínhamos acesso à vista do corredor das celas e da

gaiola¹³, dos três pavilhões, pois as atividades muitas vezes foram realizadas no espaço de realização do culto que fica no final do terceiro pavilhão. Certa vez tivemos que mudar de lugar e fomos para a escola e tivemos que passar por dentro de um espaço que é restrito durante o dia para as mulheres, que é o corredor que dá acesso às celas. Uma agente nos acompanhou na travessia e, enquanto passávamos, as mulheres presas iam gritando para anunciar que a guarda estava apenas passando com pessoas, e enquanto caminhávamos algumas celas estavam abertas e, discretamente, dávamos uma olhada. Esse também foi um momento muito tenso, pois estávamos no espaço delas sem segurança alguma.

As salas de aulas, um espaço que também usávamos para a realização da atividade socioeducativa, permitia ter a visão do pátio interno, e daí acompanhávamos o movimento, algumas mulheres sentadas no chão sozinhas, outras jogando bola, algumas em grupinhos conversando, outras fazendo artesanato. E foi nesse espaço, observando as mulheres, que pudemos perceber o número de mulheres jovens naquele ambiente e, nos perguntávamos: o que este ambiente oferece para essas mulheres?

Tivemos a oportunidade de conhecer uma cela, por mais precária que seja, e que, conforme algumas internas expressam, é o espaço em que podem ter objetos que lembram sua casa e as pessoas de que elas gostam. Algumas relatavam que tinham fotos penduradas na parede, colcha na cama, tapete, santos e objetos de devoções, entre outros. A que visitamos tinha essa caracterização.

Ainda conhecemos o setor de inclusão, lugar onde as presas são recebidas e fazem todo o processo de inserção à penitenciária, e a sala onde é feita a revista delas e dos familiares por ocasião dos dias de visita. Espaços esses em que se dá o início da “mortificação do eu” de que fala Goffman (2003), local em que a presa recebe um número de matrícula que será a sua identificação e a roupa da instituição.

Passarei a descrever a rotina da penitenciária tendo como base as informações fornecidas por uma servidora pública através da entrevista (Anexo 4). A presa quando chega passa pelo setor de inclusão, passa pela revista, é fotografada, passa por um exame corporal e é cadastrada no setor de disciplina. Após, passa por uma avaliação junto à enfermagem, diagnóstico médico para saber como ela está chegando, se tem alguma doença, se toma alguma medicação. Nesse momento é preenchido também uma ficha com seus interesses quanto a trabalho, escola, habilidades. Em seguida é encaminhada para o RO (Regime de Observação). Por lei, a presa deveria ficar nesse regime por 30 dias, até ser encaminhada para

¹³ Espaço cercado por grade que fica no rol central que separa o lado par e ímpar de cada pavilhão onde ficam as chaves.

o pavilhão de acordo com o delito praticado. Porém, aqui é diferente. Pelo fato do RO ser muito precário, geralmente quando vai surgindo vaga nos pavilhões ela já é encaminhada. A cela é o local em que recebe as refeições (café da manhã, almoço, janta). Às sete horas da manhã tomam o café e a cela é aberta, e a tranca ocorre às dezessete horas quando vão recebendo a janta. Quem trabalha na entrega da comida e na limpeza deve estar na cela até as dezoito e quarenta, onde permanece até o dia seguinte. Quem trabalha seja na firma ou em algum dos setores (educação, limpeza, cozinha, social, jurídico, saúde) tem horário a ser cumprido. Quem não trabalha passa o dia no pátio, na cela, corredores, biblioteca ou participa de alguma das atividades que são desenvolvidas pelo setor da educação: como campeonatos, curso dança do vinte; roda de leitura. Há ainda as atividades socioeducativas desenvolvidas pelas Igrejas nos sábados, pela Pastoral Carcerária e SEFRAS, e outras entidades parceiras que realizam trabalhos em grupos formados por internas que aderem às propostas.

Os primeiros contatos foram impactantes, demorei um bom tempo para entender e elaborar internamente o que senti; o que vi ao encontrar com um número expressivo de mulheres jovens naquele contexto, vivendo naquelas condições. Depois não quer dizer que acostumei, ou que aquele contexto não me afetava mais. Não. Pelo contrário, cada momento, cada encontro traz suas particularidades, mas com o passar do tempo consegui elaborar e administrar o que lá ia vivendo e sentindo.

3.3. Sujeitos da Pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi realizada tendo como base a relação dos nomes e faixa etária das 2.567 (duas mil quinhentas e sessenta e sete) mulheres reeducandas que se encontravam no dia 19 de julho de 2012 naquela penitenciária. Alguns nomes já eram familiares por conta de terem participado das atividades socioeducativas e incluí-los na relação da pesquisa.

Tendo presente que o número de sujeitos da pesquisa deveria corresponder a 10% daquela população, e considerando a representatividade por pavilhão, idade, raça, delito e se participava de alguma atividade, como não tinha uma relação de nomes que contemplasse todos esses aspectos, fui fazendo o processo seletivo dos sujeitos da pesquisa por faixa etária, com o cuidado de ter 10% de cada pavilhão.

Num primeiro momento trinta e cinco reeducandas foram chamadas a participar da pesquisa para responder o instrumental piloto que serviu de base para a construção da Escala de Likert dos Mapas Afetivos. Desse grupo, vinte e uma compareceram e somente onze

aceitaram participar da pesquisa após terem lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na aplicação do pré-teste, uma interna, após a apresentação do TCLE para ser assinado, ao falar sobre o objetivo da pesquisa assim se expressou: “Senhora, se a senhora conseguir deixar registrado que aqui dentro tem pessoas inocentes sua pesquisa já respondeu ao seu objetivo”, e começou a responder o instrumental. Como no decorrer das atividades que havíamos desenvolvido anteriormente escutávamos muitas falarem que eram inocentes, escutei a fala dessa mulher sobre a existência de inocentes naquele local sem emitir qualquer juízo a respeito.

No término desse procedimento, porém, quando todas as outras já haviam saído, a mulher permaneceu, e quando foi entregar o instrumental começou a chorar. Convidei para sentar e perguntei se podia ajudar, ela começou a contar o motivo de estar na Penitenciária. Relatou que sabe que muitas se dizem inocentes e não são, mas ela seria de verdade. Disse que lá estava porque resolveu proteger a neta. Estava no seu trabalho e recebeu a notícia de que sua filha de dezesseis anos tinha acabado de ser abordada pela polícia numa praça da cidade onde mora. Saiu do serviço com o uniforme e foi ver o que se passava. Chegando ao local, disse ter encontrado sua filha menor de idade com a netinha de quinze dias no colo e que ela tinha sido abordada por estar transportando uma quantia pequena de droga. A polícia estava interrogando sua filha para saber de quem era e para quem era a droga. A filha negou falar para quem era. A polícia pediu uma quantia em dinheiro para liberá-la ou, então, iria levá-la para a Fundação Casa e a filha de dezesseis dias para um abrigo, e depois elas que se virassem para ter o bebê de volta. Como a filha não quis dizer que a droga era para seu companheiro, “o coração de mãe falou mais alto e eu assumi dizendo que ela queria me preservar, a droga é para mim”, assim expressou. “E aqui estou há oito meses esperando julgamento, sofrendo muito e minha família também”. Após esse desabafo agradeceu por eu escutar e disse estar melhor, e voltou para o pavilhão.

Receberam a requisição para participar da pesquisa duzentas e quarenta e cinco mulheres, destas cento e oitenta e duas compareceram e cento e vinte e quatro, após terem lido o TCLE aceitaram participar da pesquisa. Oficialmente consta nos dados da pesquisa cento e vinte, pois quatro dos instrumentais estavam incompletos.

Com o intuito de conhecer e compreender melhor a rotina da instituição foi realizada a entrevista com uma trabalhadora servidora pública (Anexo 4), que após ler o Termo de Consentimento Livre de Esclarecimento (TCLE) aceitou participar.

3.4. Coleta de Dados

Tendo em vista o funcionamento da instituição que tem uma rotina desde a chegada do pesquisador, o adentrar na instituição, a convocação das participantes, que se dá via requisição individual na noite que antecede a pesquisa, e para a obtenção de um espaço que garanta o sigilo das participantes, organizei as atividades para que a aplicação dos Mapas Afetivos acontecesse durante uma semana.

A coleta de dados da pesquisa se deu entre os dias trinta de julho a três de agosto de 2012, numa sala destinada à atividade psicossocial. Foram cento e vinte e quatro mulheres, que constituíram doze grupos, sendo que a resposta ao instrumental Mapas Afetivos obrigatoriamente era realizada individualmente. Os grupos foram constituídos conforme a faixa etária de cada pavilhão, o lado par e ímpar, por uma questão de praticidade na hora de fazer a requisição, e eram deslocados para a sala, um no período da manhã, e dois no período da tarde. A média de tempo que cada uma levou para fornecer as respostas foi de aproximadamente trinta e cinco minutos.

As reeducandas que foram até o local da pesquisa, espaço onde há atendimento psicossocial e algumas atividades, chegavam sem saber o motivo da solicitação. Algumas, ao chegarem, perguntavam se era lá, entravam e sentavam quietas, outras já queriam saber do que se tratava se eram obrigadas a participar, se ia demorar muito. Algumas por estarem em horário de trabalho foram com o uniforme, outras maquiadas, percebi que tinham saído do banho há pouco tempo. Fizeram lembrar dos momentos da atividade socioeducativa em que elas expressavam que, quando sabiam que haveria alguma atividade com pessoas de fora da penitenciária, tinham a oportunidade de capricharem no visual.

Quando apresentei o TCLE, o objetivo e a finalidade da pesquisa, algumas agradeciam e perguntavam se poderiam voltar para o pavilhão. Era frequente, antes ou durante a pesquisa, perguntarem se a participação ajudaria na remissão da pena, se os advogados, assistentes sociais e psicólogos teriam acesso à pesquisa, bem como o juiz, e sempre respondíamos negativamente e que a identidade de cada uma seria preservada. Um número muito reduzido ao saber que não teriam nenhum “tipo de benefício” recusava-se a participar, mas a maioria aceitou. Observei que tinha as que manifestavam tranquilidade ao saber que não seriam identificadas e algumas expressavam falando.

No momento em que respondiam ao instrumental as que não entendiam alguma questão perguntavam, ora para a colega mais próxima e ora para nós, outras comentavam questões, principalmente a que se referia ao lugar que mais gosta e ao que menos gosta.

Sempre que dirigiam a pergunta a nós, se dirigiam chamando “senhora”, termo muito usado quando dirigem a palavra para a guarda ou outra servidora pública da penitenciária. Também, pelo menos três, trouxeram trabalhos manuais, crochê, bonecas que fazem, e uma das reeducandas disse que, como não recebe visita, a família da companheira de cela leva seu artesanato para vender lá fora, assim pode comprar os produtos básicos de limpeza com o dinheiro recebido e guardar o restante para quando sair da penitenciária.

Algumas, num número menor, acabavam de responder o instrumental e ficavam no local aguardando as outras terminarem, ou mesmo fazendo alguma pergunta para mim e conversando. Chamou a atenção que sempre tinham a preocupação de não atrapalhar as demais, conversavam baixo e quando perguntavam algo sempre me chamava próximo a elas. Geralmente, perguntavam como era fazer o mestrado, como chegar até a assistente social, advogado, ou mesmo faziam perguntas relacionadas ao cotidiano. Algumas não tinham vontade de ir embora. Convém ressaltar que a sala onde realizamos a pesquisa sai um pouco do espaço físico do dia a dia, pavilhão, cela, grandes corredores, pátios e do lugar de trabalho.

Um bom número de mulheres que estava em horário de trabalho solicitou, ao final, uma declaração para entregar às pessoas responsáveis a fim de justificar o atraso e a ausência.

Em alguns momentos perguntei se elas ouviram falar sobre a pesquisa lá no pavilhão e nenhuma tinha escutado. Das que participavam das atividades socioeducativas promovidas pela equipe que integrávamos no ano de 2011, quatro delas participaram e mais uma compareceu, mas não quis responder a pesquisa. A reeducanda que foi chamada para falar a respeito da pesquisa, entrou na sala, porém não chegou a responder o instrumental, pois alguém a chamou e não retornou.

Considerei que a realização da pesquisa foi muito tranquila. Por parte da instituição, desde o primeiro momento em que apresentei o projeto de pesquisa, percebi muita receptividade e as trabalhadoras servidoras públicas responsáveis se colocaram à disposição para o que fosse preciso e ajudaram muito fornecendo a relação dos nomes, disponibilizando a autorização para nossa entrada na portaria. A sala disponibilizada durante todo o período da coleta dos dados foi apropriada, o fato de ter sido sempre no mesmo lugar também facilitou as guardas na orientação das mulheres que iam participar da pesquisa.

A entrevista com a trabalhadora servidora pública aconteceu no mês de março de 2013, e teve a duração de uma hora e dez minutos. A mesma demonstrou muita abertura e vontade de ajudar fornecendo as informações precisas. Durante a entrevista que foi realizada na sala de trabalho quando não tinha clareza dos dados ligava para o setor responsável para obter e passar os dados corretos.

3.5. Método para apreensão dos afetos das mulheres reeducandas

O instrumento utilizado para a apreensão dos afetos e sentidos das mulheres reeducandas no sistema penitenciário, como indicado acima, foi o instrumental Mapas Afetivos (Bomfim, 2010). A escolha se deu por facilitar a investigação da afetividade da pessoa relacionada ao ambiente.

Através dos Mapas Afetivos o sujeito representa seu sentimento para com o ambiente, revela o nível de implicação com o lugar dependendo da afetação que ele lhe provoca, e expressa através do desenho que facilita a expressão das emoções.

Segundo Bomfim (2010:137):

Os desenhos e metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos.

O relevante na apreensão dos afetos por Mapas Afetivos é que este método propicia nas pessoas a construção de imagens afetivas com relação ao lugar através da articulação dos sentimentos e emoções presentes na forma de ver, sentir e representar o lugar onde se encontra inserido.

Fiz uso do instrumento conforme os Procedimentos Metodológicos – Mapas Afetivos, proposto por Bomfim (2010, pp. 140-153), adaptado para a realidade da penitenciária. Os itens que compõem o instrumento gerador dos Mapas Afetivos são: desenho, significado do desenho, sentimentos, palavras- síntese e categorias da escala Likert.

Cada item do instrumento final tem sua definição, segundo Bomfim (2010):

Desenho – num primeiro momento, é solicitado que a pessoa faça um desenho cujo objetivo é facilitar a expressão de emoções e sentimentos acerca do espaço em que se encontra.

Significado do desenho- a pessoa esclarece o que quis representar com o desenho.

Sentimentos - é solicitado da pessoa que expresse e descreva os sentimentos suscitados a partir do desenho. Até este item, existe uma fusão dos sentidos, em que um influencia o outro numa cadeia única.

Palavras síntese - são a oportunidade que o sujeito tem de resumir ainda mais os sentimentos evocados a partir do desenho. A pessoa elenca seis palavras síntese que podem variar entre sentimentos, substantivos ou qualidades que o indivíduo atribui ao seu desenho.

O que pensa sobre o ambiente de estudo – com o objetivo de captar respostas que não foram emitidas até esse momento, a pessoa pode falar algo mais do que pensa sobre o ambiente pesquisado de forma textual.

Categorias da Escala de Likert – constituem afirmações baseadas nas dimensões que foram levantadas no pré-teste, voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10. No trabalho de Bomfim (2010), estas afirmações enquadram-se nas seguintes categorias: pertencimento (sentimentos, emoções ou palavras de identificação com o lugar); contrastes (sentimentos, emoções ou palavras contraditórias em que há uma polarização positiva ou negativa); agradabilidade (palavras que mostram sentimentos de vinculação com o espaço investigado e suas qualidades positivas); insegurança (todos aqueles sentimentos e palavras que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo).

Comparação do ambiente investigado com algo – este item permite a elaboração de metáforas, de imagens do ambiente, é uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto.

Caminhos percorridos – permite visualizar a trajetória da pessoa em termos de suas atividades cotidianas.

Participação em associação – este item tenta investigar se participa de alguma forma de grupo ou associação.

Participação eventual em movimentos sociais – se a pessoa tem alguma participação temporária em alguma ação social reivindicativa ou solidária.

Características sociodemográficas – este item está na última parte do instrumento de pesquisa, pois em primeiro lugar a preocupação é a deflagração dos sentimentos e posteriormente de alguns aspectos sociodemográficos.

3.6. Adaptação do método de apreensão dos afetos para o sistema penitenciário

Os Mapas Afetivos vêm sendo utilizados em pesquisas que visam à apreensão dos afetos de pessoas e/ou de grupos com relação a um espaço, lugar, bairro ou cidade, trabalhos como de Bertini (2006), Furlani (2007) e Alencar (2010), e em instituições tais como Ribeiro (2008) num abrigo e Pinheiro (2009), num hospital e, considerando que o campo da atual pesquisa é numa penitenciária, fez-se necessário adaptar o instrumental para tal contexto.

Na elaboração do projeto de pesquisa já sentimos a necessidade de adaptar a linguagem aos sujeitos da mesma para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Modificação esta que pode ser percebida na comparação do (Anexo 1 com o Anexo 3). Substituímos a palavra “bairro” por penitenciária, a “questão 5.2 – atividades que participa no bairro e melhorias” por participa de alguma atividade e falar sobre. Eliminamos “os caminhos que percorre com frequência” e a “questão 8” e acrescentamos indique o lugar que menos gosta na penitenciária.

O instrumento utilizado no pré-teste (Anexo 2), consistia na elaboração do desenho, no significado do desenho, sentimentos, na palavra – síntese, no que pensa e com que compara o ambiente, nas coisas que precisam melhorar na penitenciária, se participa de alguma atividade, indicação do lugar que mais gosta e menos gosta na penitenciária, em que poderiam melhorar em termos de atividades socioeducativas, dados pessoais como idade, tempo de penitenciária e delito.

O pré-teste serviu para a construção das frases da Escala de Likert, correspondendo à sexta questão do instrumento de pesquisa. Foi aplicado num grupo com a participação de onze mulheres que responderam o instrumental individualmente.

Após o pré-teste, no instrumental original alteramos com o acréscimo das frases indicadas pela Escala de Likert, duas questões referentes ao futuro, como elas veem seu futuro e o que gostariam de estar fazendo quando saírem da penitenciária. Também nos dados pessoais acrescentamos o grau de escolaridade, número de filhos, cidade de origem, tempo de penitenciária e quanto ainda resta para cumprir a pena, se recebe visita e qual a cor de pele. (Anexo 3).

Houve ainda uma modificação nas categorias da Escala de Likert, que elaboramos inicialmente com a seguinte classificação, inspirada no modelo de Bomfim (2010):

Agradabilidade (frases que fazem pensar na vida, no amor da família, refletir sobre a família), são elas:

- A penitenciária é para mim um lugar que ajuda a refletir sobre a vida.
- A penitenciária é um lugar que me faz pensar na família.
- Aqui na penitenciária tenho possibilidade de refletir sobre a família e amor dos filhos.

Destruição/sofrimento (dor, tristeza, violência, castigo, revolta, arrependimento):

- Aqui na penitenciária eu sinto tristeza, dor e sofrimento.
- Aqui na penitenciária eu vivo o castigo, a violência e a discriminação.
- Para mim a penitenciária é um lugar de arrependimento e de revolta.

Insegurança (solidão, saudades, ansiedade, desespero, medo):

- A penitenciária é um lugar que me faz sentir saudades e solidão.
- Para mim a penitenciária é um lugar que causa ansiedade e desespero.
- Na penitenciária sinto solidão e medo.

Contraste (frio, vazio, mas se sente segura, presa e liberdade, ruim, mas de segurança):

- A penitenciária é para mim um lugar frio e vazio, mas me sinto segura.
- Na penitenciária eu vivo presa e sinto liberdade.
- Sinto que a penitenciária é um lugar cruel, ruim, mas de segurança.

Pertencimento (reabilitação, pensar o futuro):

- Sinto que aqui é um lugar que tem condições de reabilitar as pessoas.
- A penitenciária é um lugar que me leva a pensar no futuro.
- A penitenciária é um lugar de novas oportunidades para eu ter um futuro melhor.

Conforme íamos fazendo a leitura dos dados e a categorização dos mesmos, sentimos necessidade de reestruturar as categorias, em vez de permanecermos com as categorias agradabilidade, destruição/sofrimento, insegurança, contraste e pertencimento, optamos por denominá-las e agrupá-las em paixões tristes e paixões alegres, devir e contraste, uma vez que em um espaço como penitenciária não apareceram afetos indicadores de agradabilidade e pertencimento ao ambiente, conforme podíamos esperar pela qualidade, estrutura e função do espaço.

Paixão triste e paixão alegre foram escolhidas por influência de Espinosa para indicar a nossa concepção de afetos como ética, afetos ligados ao aumento ou diminuição da autonomia, emoções que indicam re-atividade e passividade, ressentimento e castigo ou ação em direção à potência de vida à libertação da servidão das forças que as levaram à prisão e lhes possibilitaram a reflexão, na busca de ideias adequadas das forças externas, por isso classificada na categoria devir.

Paixões tristes e paixões alegres (dor, tristeza, sofrimento, violência, castigo, revolta, arrependimento, solidão, saudades, ansiedade, desespero, medo)

- Aqui na penitenciária eu sinto tristeza, dor e sofrimento.
- A penitenciária é um lugar que me faz sentir saudades e solidão.
- Aqui na penitenciária eu vivo o castigo, a violência e a discriminação.
- Para mim a penitenciária é um lugar que causa ansiedade e desespero
- Na penitenciária sinto solidão e medo.
- Para mim a penitenciária é um lugar de arrependimento e de revolta. Esta emoção que remete ao futuro foi mantida aqui nas paixões tristes porque nos aprisiona à re-atividade, que é diferente de ação segundo Espinosa, pois nos mantém sob o domínio do desejo do outro.

Devir (frases que fazem pensar na vida, no amor da família, refletir sobre a família, reabilitação, pensar o futuro) são elas:

- A penitenciária é para mim um lugar que ajuda a refletir sobre a vida.
- A penitenciária é um lugar que me faz pensar na família.
- Aqui na penitenciária tenho possibilidade de refletir sobre a família e amor dos filhos.
- Sinto que aqui é um lugar que tem condições de reabilitar as pessoas.
- A penitenciária é um lugar que me leva a pensar no futuro.
- A penitenciária é um lugar de novas oportunidades para eu ter um futuro melhor.

Contraste (frio, vazio, mas se sente segura, presa e liberdade, ruim, mas de segurança)

- A penitenciária é para mim um lugar frio e vazio, mas me sinto segura.
- Na penitenciária eu vivo presa e sinto liberdade.
- Sinto que a penitenciária é um lugar cruel, ruim, mas de segurança.

Conforme já mencionamos anteriormente, por uma questão institucional, o tempo de aplicação do pré-teste, da elaboração das frases para a Escala Likert foi muito próximo, período de uma semana e apenas onze mulheres consultadas. Se o tempo fosse maior, quem sabe, poderíamos ter chamado mais mulheres para participar do pré-teste e, assim, certamente teríamos mais dados para a elaboração das frases e das categorias, mesmo que isso não tenha comprometido a pesquisa.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 – Apresentando as participantes da pesquisa:

Como já exposto acima, no momento da pesquisa havia mais de duas mil e quatrocentas mulheres na Penitenciária Feminina de Sant'Ana (PFS). Cerca de 10%, ou seja, duzentas e quarenta e cinco foram selecionadas e convidadas, destas foram cento e vinte e quatro as que concordaram em participar da pesquisa. Os dados abaixo se referem a cento e vinte mulheres, pois quatro dos instrumentais respondidos estavam incompletos e não foram considerados.

As características das mulheres que participaram da pesquisa repetem o perfil da população feminina que se encontra nas penitenciárias. Segundo o InfoPen (dados do ano 2012), é uma população jovem, com ensino fundamental incompleto, negra ou descendente, muitas estão encarceradas por causa do tráfico e uso de drogas e são pobres. Os gráficos abaixo foram construídos considerando os dados pessoais que correspondem a questão onze do instrumental.

A maioria das participantes é jovem, correspondendo a 46%, ou seja, 55 delas têm até vinte e nove anos de idade, e apenas dez mulheres disseram ter acima de 50 anos.

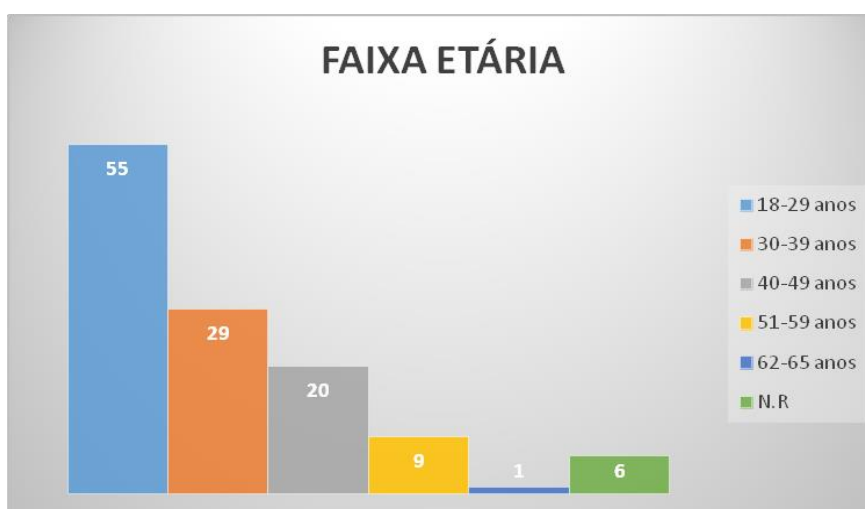


Gráfico 1 – Faixa etária

Em relação à escolaridade, 40% têm o ensino fundamental incompleto, a maioria frequentara até a sexta e sétima séries. Vinte e seis mulheres, ou seja 22%, têm o ensino

médio completo, um número maior do que as que completaram o ensino fundamental, que são vinte e três. Três declararam ter o ensino superior incompleto. Das participantes da pesquisa seis manifestaram que estão frequentando a escola.

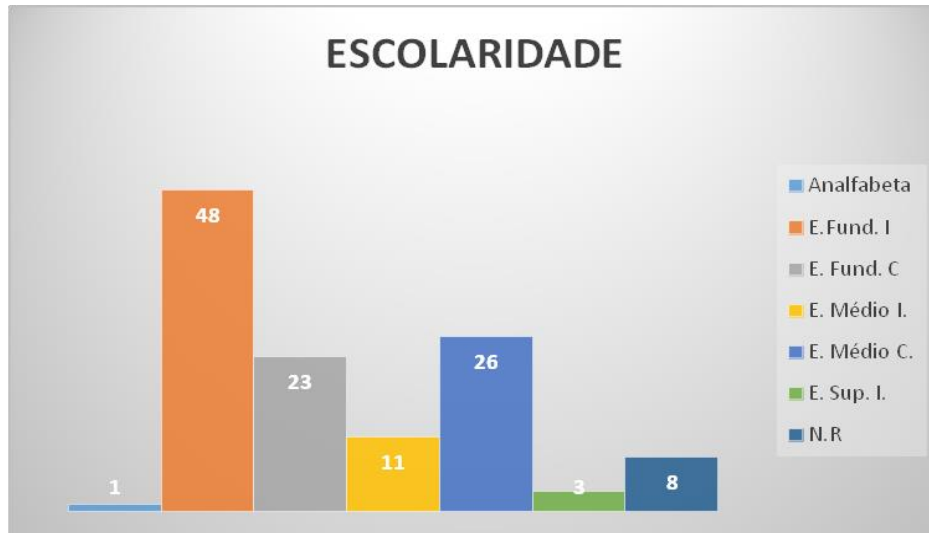


Gráfico 2 – Escolaridade

O gráfico abaixo apresenta que oitenta e cinco mulheres responderam ter filhos, e trinta e cinco declararam que não são mães.

Das oitenta e cinco mães, 68% têm até três filhos. Duas são gestantes e duas têm oito filhos. Por se tratar de uma população jovem, os filhos na maioria são crianças e geralmente estão com as avós ou algum parente. Há alguns que estão em abrigo. A separação dos filhos é para essas mulheres uma das maiores queixas que apresentam.



Gráfico 3 – Número de filho

Quanto ao Estado ou cidade de origem, apenas vinte e seis, ou seja, 22% são de outros Estados, com predominância aos Estados do Nordeste e Sudeste. A maioria, quarenta e oito, é procedente de cidades do interior de São Paulo, trinta são da capital e quinze da região metropolitana de São Paulo.

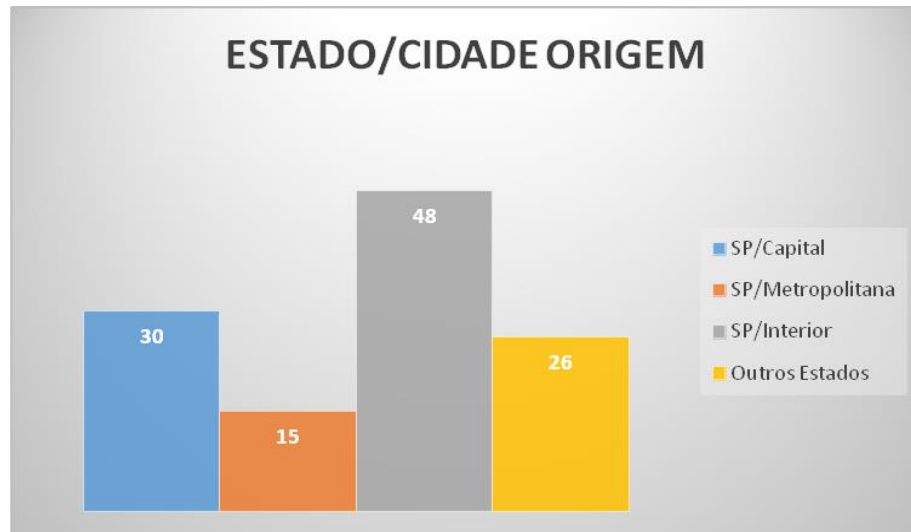


Gráfico 4 – Estado/Cidade de origem

O tempo de penitenciária foi respondido com relação à instituição na qual realizamos a pesquisa, pois algumas já passaram por outras penitenciárias ou são reincidentes. Seis delas não responderam, a maioria está há dois anos o que corresponde a 66% das entrevistadas, e uma das mulheres está há dezoito anos, sendo a mais antiga na penitenciária que participou da pesquisa.



Gráfico 5 – Tempo de penitenciária

Do tempo que resta para cumprir a pena, cinquenta delas possuem até três anos para cumprir, cinco têm acima de dezoito anos pela frente e uma disse ter trinta e três anos de prisão decretada. Chama a atenção o número das que não responderam e as que não sabem o tempo que resta, totalizando vinte e cinco. Para uma delas perguntamos o porquê de não saber, ao que nos respondeu que ainda está aguardando a sentença.



Gráfico 6 – Tempo que resta

Não é novidade que o delito mais praticado pelas mulheres que encontram na penitenciária seja o uso e tráfico de entorpecentes, pois os dados fornecidos pelo InfoPen, a cada ano vem revelando isso. Muitas declaram estarem lá pois “tiveram azar de serem pegas no lugar errado, com a pessoa errada, no momento errado”, declaram serem inocentes e estarem lá por causa de “um amor bandido”, ou seja, porque deram cobertura a seus companheiros, e/ou serviram de “laranja”. Em segundo lugar estão o furto e roubo(vinte e quatro). Oito delas respondem por latrocínio e o mesmo número por homicídio, quatro por sequestro e quinze por outros crimes como porte de arma, tráfico internacional de que, formação de quadrilha, danos a patrimônio público, entre outros.

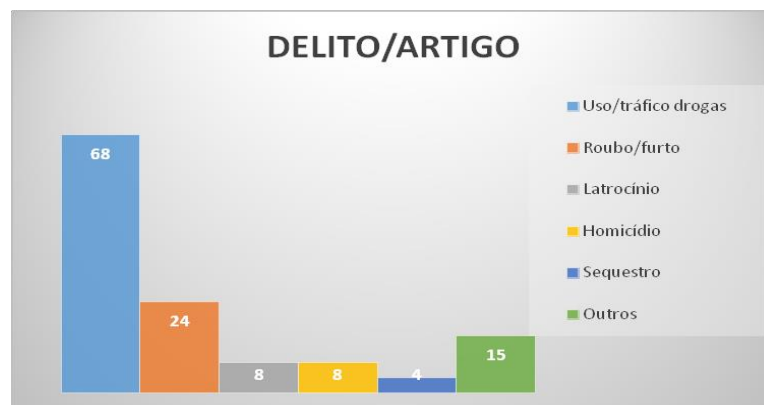


Gráfico 7 – Delito/Artigo

Sessenta e seis mulheres responderam que recebem visita, sendo que a maioria delas recebe mensalmente ou quinzenalmente. Também existem aquelas que recebem semanalmente, mas num número mais reduzido. E outro grupo recebe visitas com um maior espaço de tempo, notavelmente as que os familiares moram no interior do Estado. Consta-se que 40% das mulheres não recebe nenhum tipo de visita. Conhecer o motivo de não receber a visita não fez parte da pesquisa, porém, durante a pesquisa algumas chegaram a expressar que os familiares moravam longe de São Paulo, ou mesmo que elas não queriam expor seus familiares ao exame de revista, ou ainda por não terem mais contato com eles.

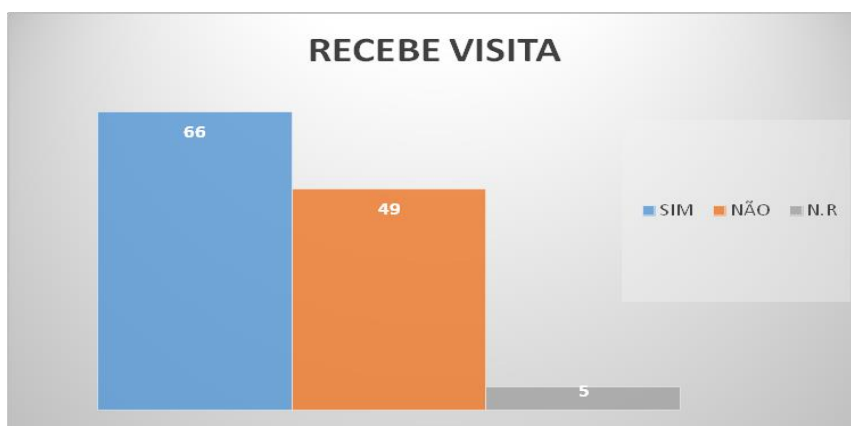


Gráfico 8 – Recebe visita

Quanto à cor da pele/etnia as mulheres responderam como elas se declaram, sem apresentarmos uma tipificação. O maior número se declarou de cor branca, 38% das mulheres, porém, este número é ultrapassado se somarmos as 13% que se declararam negras e as 43% que se consideram parda e morena.

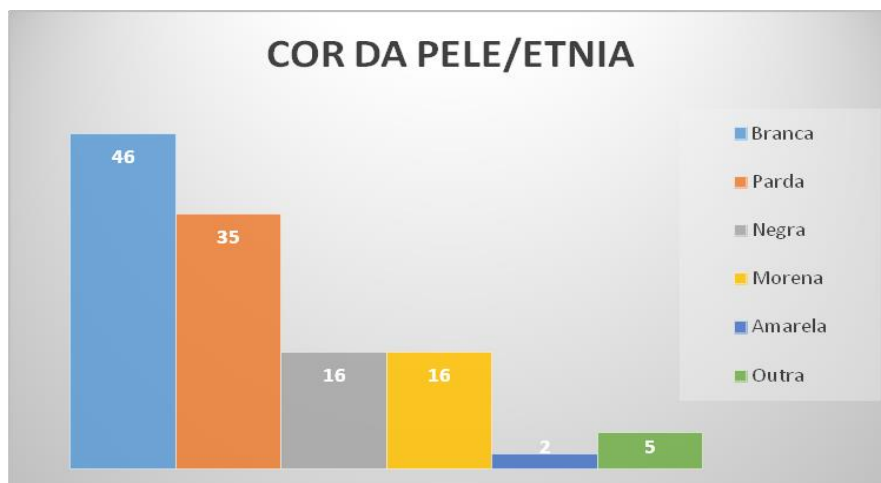


Gráfico 9 – Cor da pele/etnia

4.2. Elaboração e construção de imagens e Mapas Afetivos das mulheres reeducandas da Penitenciária Feminina de Sant'Ana - categorias

O processo de elaboração e construção dos Mapas Afetivos se deu com base nas respostas ao questionário utilizado na pesquisa, aqui sintetizado no quadro 1. A identificação, o significado, a qualidade, o sentimento e a metáfora foram dados pelas participantes através de suas respostas, e o sentido passa pela interpretação da pesquisadora, baseada numa síntese de informações e na análise do subtexto contidas em cada elemento.

Quadro 1 - Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do Mapa Afetivo da penitenciária

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
- Nº - Idade - Escolaridade - Cidade - Tempo na penitenciária - Tempo resta - Recebe visita - Delito - Cor da pele	Mapa cognitivo de Lynch: Desenho de monumento, caminhos, limites, confluência Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho	Atributos do desenho e da penitenciária apontado pelo respondente	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à penitenciária	Comparação da penitenciária com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos)

(Fonte: BONFIM, 2010, p.151)

Das cento e vinte mulheres foi feito o Mapa Afetivo tendo como o quadro acima, e posteriormente ilustraremos com alguns exemplos relacionando-os com as categorias Paixão Triste e Paixão Alegre/Devir. Antes de falarmos das categorias gostaríamos de destacar alguns elementos que nos chama questão de número um do instrumental.

Na primeira questão referente ao desenho, ficou evidente uma diferença entre as respostas obtidas e a intenção da pergunta de *fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir esta penitenciária*, todas falaram de si, de como se sente na penitenciária e não do espaço penitenciária. Elas expressaram através do desenho seus sentimentos, seus desejos de estarem com a família, projetos de futuro e sofrimentos pessoais. Mesmo que as mulheres desenharam construção da penitenciária ou parte dela, tais como, cela, o local do trabalho e a escola elas falavam de si, de como se sentem, por isso consideramos que a estrutura do desenho é metafórica, pois expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.

Conforme mencionado muitas expressaram seus sentimentos desenhando a penitenciária, a cela, o local de trabalho ou mesmo ela atrás das grades. Teve as que num mesmo desenho trouxe duas realidades, uma a realidade vivida na penitenciária e outra a vida junto à família, sua casa. Encontramos desenho da família, coração com lágrimas ou partido; olhos com lágrimas; algumas paisagens como sol, flor, pássaros, borboleta e também desenho de monstrinho.

Os desenhos na sua maioria foram feitos com caneta e/ou lápis, muito pouco coloridos. Quando instigadas e incentivadas a pintar, obtivemos algumas respostas como: “senhora aqui a vida não tem cor, para que colorir? A vida é preta ou branca. Não tem meio termo, ou é ou não é”. A mesma resposta foi obtida na Escala Likert, em que mediante a frase deveriam optar por um valor de zero a dez, poucas escolheram um valor mediano, a maioria escolheu zero ou dez, “a vida aqui não tem meio termo”, elas expressavam.

4.2.1. Categorias

Como já dito, uma vez realizada a sistematização dos mapas, passamos à elaboração das categorias que melhor representassem os sentidos e afetos da vida na penitenciária Feminina de Sant’Ana, o que nos deu base para a escolha das categorias foi a Escala Likert. Substituímos as categorias propostas por Bomfim (2010), principalmente agradabilidade e pertencimento, pois no contexto prisional é impossível trabalhar tais categorias. Mantivemos categoria contraste e criamos as seguintes: paixão triste, paixão alegre e devir. Categorias inspiradas em Espinosa que considera os afetos como lugar da ética, o que significa que há afetos que aumentam a potência da ação do corpo de agir e da mente de pensar e os que diminuem, mantendo as pessoas na servidão.

Esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza (Ética III, prop. 28).

No que refere as categorias adotadas a Escala Likert revela que sessenta e duas mulheres se encontram na categoria paixão triste ou alegre, cinquenta e cinco na categoria Devir e três na categoria Contraste. O quadro abaixo também revela a ordem da preferência de cada frase e suas respectivas categorias.

Quadro 2 – Resultado da Escala Likert conforme categoria e ordem de preferência de escolha das frases.

Categoria PAIXÃO
2ª - A penitenciária é um lugar que me faz sentir saudades e solidão.
3ª - Aqui na penitenciária eu sinto tristeza, dor e sofrimento.
6ª - Para mim a penitenciária é um lugar que causa ansiedade e desespero.
7ª - Para mim a penitenciária é um lugar de arrependimento e de revolta.
9ª - Na penitenciária sinto solidão e medo.
11ª - Aqui na penitenciária eu vivo o castigo, a violência e a discriminação.
Categoria DEVIR
1ª - A penitenciária é um lugar que me faz pensar na família.
4ª - Aqui na penitenciária tenho possibilidade de refletir sobre a família e amor dos filhos.
5ª - A penitenciária é um lugar que me leva a pensar no futuro.
8ª - A penitenciária é para mim um lugar que ajuda a refletir sobre a vida.
10ª - A penitenciária é um lugar de novas oportunidades para eu ter um futuro melhor.
12ª - Sinto que aqui é um lugar que tem condições de reabilitar as pessoas.
Categoria CONTRASTE
13ª - Sinto que a penitenciária é um lugar cruel, ruim, mas de segurança.
14ª - A penitenciária é para mim um lugar frio e vazio, mas me sinto segura.
15ª - Na penitenciária eu vivo presa e sinto liberdade.

Depois da primeira análise, constatamos que a categoria contraste não tinha significância, pois os elementos contrastantes e os afetos se apresentavam diluídos nas outras categorias. Assim, a categoria foi eliminada. Também verificamos que não era possível separar paixões alegres de devir. Ao contrário, é nesta categoria que as paixões alegres se revelam, distinguindo-se das tristes.

Paixões tristes é o nome que estamos dando ao bloco dos afetos que mantêm as mulheres no reino da violência, da raiva, da vingança e da negação do futuro. Paixões alegres são os afetos que, embora de forma fraca¹⁴, aumentam a potência de vida com autonomia, apresentam um desejo de mudança, de recomeço, de amor, de esperança, de preocupação com o outro.

As imagens relacionadas à penitenciária, expressas em cada mapa afetivo através da metáfora, forneceram elementos significativos e expressivos para a compreensão dos afetos que compõe cada categoria.

¹⁴ Espinosa fala que paixões são emoções fracas e reativas a esperança é um exemplo. “Esperança nada mais é do que uma alegria instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida” (Ética III, prop. 18, esc.2).

Antes de nos determos ao específico de cada categoria apresentaremos num só quadro a relação das imagens da penitenciária conforme as categorias.

Quadro 3 – Imagens da Penitenciária

PAIXÃO TRISTE	
Lugar Criação de animais perigosos Lugar Tronco dos escravos Lugar Casa de tortura Lugar Inferno Lugar Senzala Lugar Hospício Lugar Cemitério se sentir morta estando aqui Lugar Uma pessoa na cadeira de roda Lugar Depósito de coisas velhas Lugar Gaiola Lugar Uma estátua Lugar Com uma feira livre de sentimentos mistura de raça, caráter e personalidade Lugar Babilônia Lugar Muito triste e solitário Lugar Aquela máquina do Chaplin da “revolução industrial”	Lugar Lixo Lugar Psiquiatria Lugar Tem muita tristeza, sofrimento Lugar Uma cidade perdida Lugar Não desejamos para nosso pior inimigo Lugar Terrível onde não se encontra saída Lugar Como se estivesse entre a vida e a morte Lugar Jaula de macaco / animal Lugar Sanatório Lugar Verdadeiro espinho que espeta a vida da gente Lugar Que dá muita tristeza, como um lugar que os pais largam os filhos Lugar Buraco sem fundo Lugar Deserto
PAIXÃO ALEGRE	
Lugar Mãe gigante corrigindo seus filhos de forma dura Lugar Escola de Juízo Lugar Escola Lugar Uma cidade Lugar Lágrima Lugar Um hospital Lugar Casa de recuperação Lugar Hospital Lugar Clínica de recuperação Lugar Minha vida de volta	Lugar Purgatório Lugar Manicômio Lugar aonde tem muita mulher, muita gente ao redor, mas nos sentimos muito sozinhas sem a família Lugar Lago cheio de jacaré e eu precisando atravessar por ele Lugar O problema aqui são os inquilinos Lugar Aqui não é minha casa Lugar Reformatório
DEVIR	
Lugar Não tem nada a comparar Lugar Ficar num hospital internada Lugar Diversidade, como uma escola Lugar Centro de reabilitação Lugar Brisa suave Lugar Colégio interno	Lugar Um lugar que ajuda Lugar Escola de aprendizado Lugar Liberdade lá fora Lugar Faculdade – várias experiências de vida
CONTRASTE	
Lugar Um calabouço Lugar Quarto de U.T.I	Lugar Não tem comparação Lugar De muita dor e sofrimento

As imagens com relação à penitenciária são expressas de forma bem variada, as comparações vão desde espaços institucionalizados a lugares diversos, perpassando sentimentos e sensações.

4.2.1a - Paixões Tristes

Esta categoria é a de maioria absoluta, tanto no que se refere ao espaço quanto a si próprias. Na análise, levamos em conta as metáforas, qualidades e sentimentos e as frases da Escala Likert que estavam relacionadas a sofrimento passivo e sustentadores da violência, desespero, medo, emoções que as mantêm numa teia de violência, ressentimento e ilusão de que lutam pela própria liberdade, quando estão re-agindo e assim alimentando a própria potência de padecer a servidão. Nas paixões tristes, não há relato de amor nem em relação aos filhos e de qualquer possibilidade de alegria, mesmo ilusório, no futuro.

Re-agir é estar sob o poder de uma outra força; quando a reação é motivada por ódio ou medo, equivale a perpetuar os efeitos destrutivos naquilo que odeio, ou me amedrontar e agir exclusivamente em função deles, reproduzindo as forças que me escravizam. Assim, na re-ação, nos destruimos a nós mesmos à força de culpabilidade, e destruimos os outros à força de ressentimento, propagando por toda parte nossa própria impotência e nossa própria escravidão. (SAWAIA 2013 - texto transformação que está no prelo)

As imagens da penitenciária que compõe essa categoria são: inferno, cemitério, jaula, gaiola, lugar sem saída, buraco escuro sem fundo, senzala, depósito de coisas velhas, cadeira de rodas, estátua, lixo, casa de tortura, viver longe da família seria como se estivesse morta. Indicam fechamento, castigo, despontecialização, sem possibilidade de mudança e as que se referem a si, dor, tristeza, desilusão, sofrimento, violência, castigo, revolta, arrependimento, solidão, abandono.

No que refere ao afeto do lugar são tristes e raivosas, usando atributos que contém a ideia de aprisionamento a sofrimento sem saída e, portanto de revolta: *lugar que priva, controla, isola, tranca, abismo, um lixo, por conta disso é ruim, horrível, frio, solitário, triste, lugar de revolta, que enlouquece, abandona, mundo surreal, um inferno.*

Os afetos do lugar se misturam aos afetos motivados pelo lugar, retratando um sofrimento que pode ser sintetizado na seguinte imagem: “me sinto morta”. São eles: tristeza, medo, raiva, angustia, agonia, ódio, abandono, amargura, desilusão, decepção, fracasso, culpa, desespero, baixa estima, solidão, carência e desânimo.

Segundo Espinosa (III Ética, definição dos afetos 3,7), “a tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor. O ódio é uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior”.

4.2.1b - Paixões Alegres/Devir

Ao constatar que não é possível separar a paixão alegre do devir, pois a paixão alegre se define, diferencia da paixão triste pelo devir, passamos a apresentar os afetos expressos pelas mulheres através desta categoria.

As metáforas selecionadas para compor as Paixões alegres, emanam tristeza, solidão, sofrimento, “Lugar de Lágrima”, “Lugar aonde tem muita gente ao redor, mas nos sentimos sozinhas sem a família”, mas indicam a penitenciária como transição, espaço de “cura”, aprendizado: hospital, escola, casa de recuperação, reformatório, “Lugar Mãe gigante corrigindo seus filhos de forma dura”, “Escola de Juízo”, “Lugar Lago cheio de jacaré e eu precisando atravessar por ele”. Percebe-se um Devir.

Nas paixões tristes não há devir: é inferno, buraco escuro sem fundo, cemitério, gaiola. Nas paixões alegres não é inferno, é purgatório, lugar que indica transição, passagem, provisoriedade.

Na qualidade atribuída ao lugar, apesar de fazer referência como lugar feio, horrível, triste, ruim, de privações, lixo, porém o qualificam como consequência da vida, chuva passageira, aprendizado, possibilita reflexão, escola, faculdade, várias experiências de vida, ajudadas a regenerar, a mudar de vida e humaniza.

Encontramos na expressão dos sentimentos embora em menor número, indicação de tristeza e sofrimento inegável, mas sobressaem sentimentos de alegria, amor, liberdade, esperança, solidariedade, paz, reconquista, recomeço, mudança, alívio, luta, garra, alcançar novos horizontes, vitória e conquista que as impulsionam a ter a esperança de reconquistar a liberdade, o amor da família e a dignidade.

Através da Escala Likert com relação ao devir fica evidente o quanto a penitenciária possibilita pensar, refletir sobre a vida, a família e os filhos, um futuro melhor, espaço de oportunidade e de reabilitação.

Algo que está presente na paixão alegre/devir é a expressão de amor, preocupação, desejo de estar com, em relação à família e de modo especial os filhos, o mesmo não aparece quando se trata das companheiras de prisão.

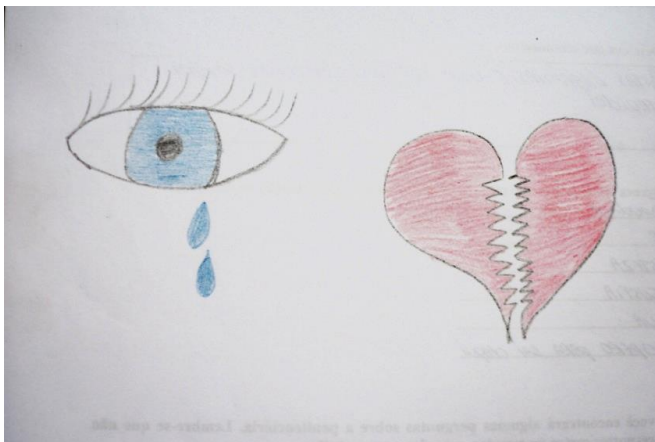
Por falarmos de paixão convém ressaltarmos que, para Espinosa, as paixões são emoções fracas. O que difere a paixão alegre da paixão triste é que na paixão alegre há potência de vida, porém, elas não são emoções fortes, mas através dela estamos mais próximo das ideias adequadas de nosso agir e pensar, e conseqüentemente da passagem de um estado heterônomo para um autônomo.

CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO DOS CASOS REPRESENTATIVOS DE PAIXÕES TRISTES E PAIXÕES ALEGRES/DEVIR

Para apresentar melhor essa rede de sentimentos, ações e ideias, escolhemos alguns casos de mulheres internas com diferentes idades, tempo de permanência na penitenciária e delitos, que reúnem os afetos comuns à maioria dos Mapas Afetivos referentes a paixão triste e paixão alegre/devir. E para preservar a identidade de cada mulher usaremos nomes fictícios.

5.1 Paixões tristes

O desenho abaixo de *Bete* e sua explicação são expressão da paixão triste e da servidão geradas pelo ambiente da penitenciária. Ela compara o lugar com “uma casa de tortura, controla tudo, não temos liberdade aqui”. Corações e sonhos estão destruídos por não viver a liberdade, gerando dor e sofrimento e levando a sentir tristeza, raiva, angústia e desespero.



Muita dor e sofrimento, saudades da família, da minha filha de ter uma vida digna.
(Significado do desenho n.13).

Quadro 04 – Mapa Afetivo da PFS por Bete

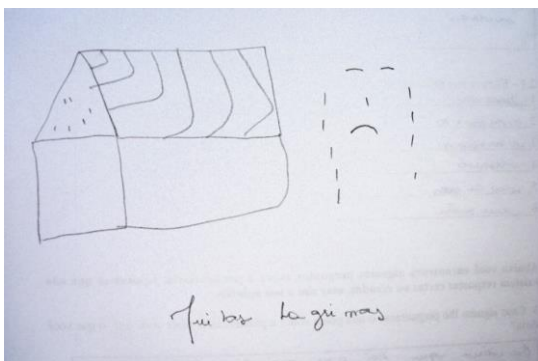
Identificação	Nº 13 24 anos 3º colegial 1 filho São Paulo Tempo que está na penitenciária: 1ano e 7meses Tempo que resta para cumprir a pena: 1ano e 1mês Tráfico Amarela
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.

Significado	Muita dor e sofrimento, saudades da família, da minha filha, de ter uma vida digna
Qualidade	Não tem liberdade, controla tudo, gente não tem vida, muitas lágrimas, destruição
Sentimento	Coração e sonhos destruídos, saudade, dor, tristeza, raiva, angustia e desespero
Metáfora	Uma casa de tortura, hora pra tudo, não temos liberdade para nada. A gente não tem vida aqui dentro
Sentido	Lugar “uma casa de tortura” é aquele em que a <i>Paixão Triste</i> consiste em acreditar que o coração e sonhos estão destruídos por não viver em liberdade, o que gera dor, sofrimento, tristeza, raiva, desespero e saudades da família

Essa jovem de vinte e quatro anos, com ensino médio, ao falar do lugar que gosta, como vê o futuro, cita o trabalho como busca do próprio sustento e como meio de ajudar a família, seu grande objetivo é cuidar da filha e vê no trabalho a única possibilidade para isso e para poder “andar de cabeça erguida”. Tem medo, porém, de conseguir o trabalho, pois tem consciência de que poderá sofrer preconceito. Apresenta como melhoria para a instituição o básico: comida, saúde, higiene e melhoria de salário para quem trabalha; sugere que nas atividades socioeducativas sejam proporcionados momentos e espaços que possam expressar e falar de suas situações, como palestras e cursos.

Essa mulher, como tantas outras, apresenta como as presas são afetadas por estarem inseridas numa instituição total como a penitenciária. Vivem situações geradoras do medo, do isolamento, da falta de liberdade, trazendo sofrimento, fazendo sentir saudades, tristeza, revolta, ódio, raiva e desespero, que são as emoções mais comuns que, segundo Espinosa, são afetos que indicam a passagem da autonomia à heteronomia e à passividade e diminuição da potência de ação.

Cris tem trinta e sete anos, com ensino médio, presa por tráfico e sequestro está na instituição há quatro anos e tem mais seis anos para cumprir.



Com este desenho quis expressar todo meu sofrimento, aqui acontecem muitas coisas ruins. Então quis mostrar uma casa de pedras e muitas lágrimas, pois é o que mais tem aqui. (Significado do desenho n.37)

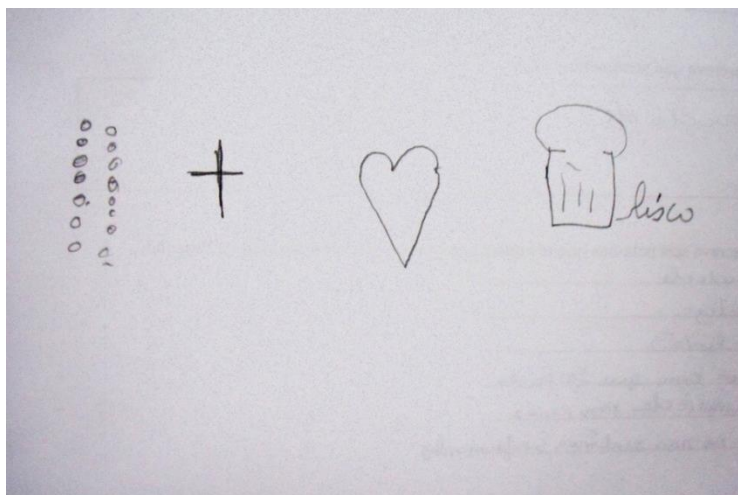
Quadro 05 – Mapa Afetivo da PFS por Cris

Identificação	Nº 37 28 anos 2º grau 2 filhos São Paulo Tempo que está na penitenciária: 4 anos Tempo que resta para cumprir a pena: 6 anos Tráfico e sequestro Parda
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Com este desenho quis expressar todo meu sofrimento, aqui acontecem muitas coisas ruins. Então quis mostrar uma casa de pedras e muitas lágrimas, pois é o que mais tem aqui.
Qualidade	Falta humanização, emprego, lugar de aparência, casa de pedra, lágrimas.
Sentimento	Saudades, sofrimento, abandono, descaso, desilusões, decepções.
Metáfora	Depósito de coisas velhas como tempo da escravidão
Sentido	Lugar “depósito de coisas velhas” é aquele que se evidencia a <i>Paixão Triste</i> por ser um lugar de lágrimas que não humaniza gerando sofrimento, abandono, desilusões, decepções e saudades.

Configura o lugar como “depósito de coisas velhas como no tempo da escravidão”, todo sofrimento expressado através do desenho de uma casa de pedras e muitas lágrimas, lugar que não humaniza, onde acontece muita coisa ruim, que faz sentir desilusões, descasos e abandono. Nela não há lugar bom, todos são horrorosos e causam sofrimento.

Com relação ao futuro, o vê “cheio de ódio da sociedade que fecha as portas”, está no reino das paixões tristes totalmente re-ativo e mantenedor da rede da subalternidade. Não há futuro possível “o futuro eu já faço que é trabalhar”. Na instituição trabalha e joga bola, atividades que não são suficientes para mudar o afeto do lugar, que é odioso e lugar da saudade.

Irene é morena, tem quarenta e sete anos, ensino fundamental incompleto, tem um filho, está presa há dois anos e meio presa por homicídio, restando um ano e seis meses para cumprir a pena.



Saudade, viver longe de quem nós amamos, família, filha, que são a razão que nós mulheres lutamos aqui para conquistar a tão sonhada liberdade. (Significado do desenho n.100)

Quadro 06 – Mapa Afetivo da PFS por Irene

Identificação	Nº 100 47 anos 6ª série 1 filho Serra Negra Tempo que está na penitenciária: 2 anos e 1 mês Tempo que resta para cumprir a pena: 1 ano e 6 meses Homicídio Morena
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Saudade, viver longe de quem nós amamos, família, filha, que são a razão que nós mulheres lutamos aqui para conquistar a tão sonhada liberdade.
Qualidade	Lugar não endireita ninguém, há tristeza, tem coisas erradas, separa da família.
Sentimento	Saudade, tristeza, solidão, sofrimento.
Metáfora	Um lugar que, por viver longe da família seria como se estivesse morta, porque este lugar é mais um hospício do que uma penitenciária.
Sentido	Lugar “que viver longe da família seria como se estivesse morta, porque este lugar é mais um hospício do que uma penitenciária” é aquele em que a <i>Paixão Triste</i> manifesta-se na solidão, tristeza, sofrimento e saudade por estar separada da família.

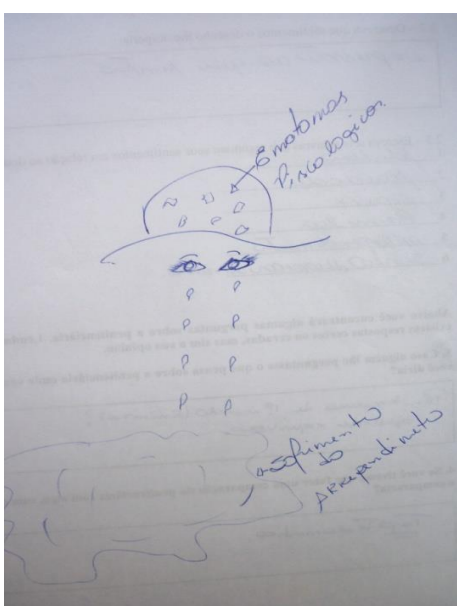
A saudade é o afeto que sobressai desde o significado que ela dá ao desenho até os sentimentos que agrega outros, como, solidão, tristeza e sofrimento. Compara o lugar “como que viver longe da família seria como se estivesse morta porque este lugar é mais um hospício do que uma penitenciária”, a saudade por estar separada da família causa solidão, tristeza e sofrimento, vê como um lugar que não endireita ninguém e tem coisa errada.

Assim, como para Irene, também para outras mulheres, a saudade é um dos afetos muito forte. Para Espinosa¹⁵ “a saudade é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida”. Expressam saudades por estarem separadas de seus filhos e da família o que faz aumentar o sofrimento. A maioria apresenta a reconstrução de seu futuro na retomada de sua vida junto da família e dos filhos.

O lugar do trabalho é citado por Irene e por quase todas as mulheres que trabalham como o lugar que mais gosta na penitenciária, porque lá ocupam a mente e se ocupam, se sentem úteis e é um meio de auto sustento. O trabalho também é um elemento que faz parte do recomeçar sua vida no futuro.

5.2. Paixões Alegres/devir

Os afetos expressos por essa mulher que denominamos *Tina*, mãe de três filhos de trinta e quatro anos, negra, primeiro grau completo, presa há um ano e seis meses, tendo um ano e dez meses para cumprir a pena por tráfico de entorpecentes, é um exemplo que representa a paixão alegre/devir com relação ao lugar não só dela, mas de outras mulheres. Mesmo que os afetos são expressos através do sofrimento, solidão, angustia, tristeza, afetos que diminuem a potência de ação, é possível perceber desejos de mudança, projeto futuro, esperança de uma possível transformação e mudança de vida.



Eu! Sentindo a dor da solidão, saudade que causa terrível e imenso arrependimento, e meu psicológico abalado, sensivelmente.
(Significado do desenho n.48)

¹⁵(Ética III, definição dos afetos 32).

Quadro 07 – Mapa Afetivo da PFS por Tina

Identificação	Nº 48 34 anos 1º grau completo 3 filhos São Paulo/ SP Tempo que está na penitenciária: 1 ano e 6 meses Tempo que resta para cumprir a pena; 1 ano e 10 meses Artigo tráfico Negra
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Eu! Sentindo a dor da solidão, saudade que causa terrível e imenso arrependimento, e meu psicológico abalado sensivelmente.
Qualidade	Equívoco.
Sentimento	Solidão, saudade, amor, arrependimento, sonho de começar de novo.
Metáfora	Tapete doméstico.
Sentido	Lugar “tapete doméstico” é aquele tido como equívoco em que a <i>Paixão Alegre</i> manifesta-se na dor, na solidão, no arrependimento que leva a sentir amor, saudades e ter o sonho de começar de novo.

Sente e compara o lugar como um “tapete doméstico” que a faz sentir a dor da solidão, a viver com o psicológico abalado, manifesta o arrependimento e o sonho de começar de novo. Afetos esses sentidos por outras mulheres que lá se encontram e que as levam a buscar e a descobrir um lugar em que possam encontrar paz, sossego e refletir sobre a vida, e esse lugar para a maioria é a cela, lugar também em que, para muitas, torna-se a extensão de sua casa, de seu quarto, pois é possível encontrar fotos, tapetes e objetos da vida fora dos muros.

Tina foi a única ao participar da pesquisa que, ao responder *o que você precisaria melhorar na penitenciária*, falou de si, respondendo que precisa melhorar a ansiedade e a descrença, todas as outras falaram de algo que precisa melhorar na penitenciária. Ela trabalha na cozinha e sugere que sejam oferecidos mais cursos profissionalizantes. Quanto ao futuro, se vê trabalhando, cursando faculdade de administração, cuidando dos filhos e marido e tem o sonho de começar de novo a sua vida.

Laís tem vinte e nove anos, com ensino fundamental incompleto, já cumpriu um ano e três meses e restam mais oito anos e sete meses, é reincidente e está na penitenciária por causa

do irmão. Situação semelhante encontramos no discurso de muitas que lá se encontram, afirmando estarem na penitenciária por causa do parceiro, do amigo, de alguém da família.



Como uma pequena parte de sofrimento e alegria, pois nada está acabado, estou lutando para voltar à sociedade.

(Significado do desenho n.107)

Quadro 08 – Mapa Afetivo da PFS por Laís

Identificação	Nº 107 29 anos 8ª série 2 filhos SP Tempo que está na penitenciária: 1 ano e 3 meses Tempo que resta para cumprir a pena: 8 anos e 7 meses Por causa do irmão Negra
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Como uma pequena parte de sofrimento e alegria, pois nada está acabado estou lutando para voltar a sociedade.
Qualidade	Um lugar de ilusão, opressão, crime, lugar que prende.
Sentimento	Sufrimento, perdas, descobrimentos, Amadurecimento, ser virtuosa e feliz.
Metáfora	Um lugar que não tem comparação, quem que gosta de ficar trancada, nem animal fica tanto tempo trancado, não tem comparação.
Sentido	Lugar “que não tem comparação” é aquele cuja <i>Paixão Alegre</i> manifesta em reconhecer o sofrimento, perdas, a ilusão e a opressão que se vive, porém, há um despertar para viver e recuperar a vida perdida e voltar a sociedade feliz.

Esta mulher e outras expressam que esse “lugar não tem comparação”, pois é um lugar frio, feio, escuro que prende, priva, separa, oprime, que faz sofrer, entristece, discrimina, lugar de perdas e ilusão, mas ajuda a despertar, recuperar a vida perdida, ensina a dar valor, a reconquistar a esperança e voltar a sociedade feliz. Sugere que a instituição ofereça mais atividades socioeducativas e oportunidade de trabalho como um meio de ocupação e ajuda.

Quanto ao futuro, se vê como uma nova mulher, com o passado enterrado, e algo que chamou nossa atenção foi que, no momento de entrega do instrumental, veio ao encontro, leu o que escreveu sobre o que gostaria de estar fazendo quando sair da penitenciária expressando que “quando sair vou virar garota de programa, pois assim não vou presa, estou dando o que é meu”. Encontramos nesse exemplo, o que Espinosa denomina ilusão. No apêndice da primeira parte da *Ética* ele nos indica três ilusões da consciência: ilusão das causas finais, ilusão do livre-arbítrio e ilusão teológica. Aqui referimos a ilusão do livre-arbítrio que trata de uma ilusão em que a pessoa acredita que a sua ação trata-se de uma livre escolha sua, que há um sujeito em você que pode escolher livremente as ações. Segundo Espinosa vivemos na ilusão¹⁶: “(...) por estarem conscientes de suas volições e de seus apetites, os homens se creem livres, mas nem em sonho pensam nas causas que os dispõem a ter essas vontades e esses apetites, porque as ignoram”.

É comum em alguns Mapas Afetivos encontrar imagem do lugar relacionado a instituições, tais como: escola, clínica de recuperação, hospital, colégio interno, como é o caso de *Ana*, mãe de um filho, tem 26 anos de idade, cumpriu três anos de pena por causa do tráfico e porte de arma, e está aguardando o semiaberto. Compreende o lugar como “diversidade, como uma escola”, que é consequência da vida. Expressa que naquele lugar aprendeu a dar valor à vida através do sofrimento, sente saudades, porém, apropria-se desta experiência e torna um espaço de reflexão, de aprendizado, de mudanças de vida, que ajuda a valorizar a vida e deseja uma vida mais digna e de paz.

¹⁶(*Ética* I, Apêndice).



Independente do lugar para mim está sendo um aprendizado, significa dar valor na vida através do sofrimento.
(Significado do desenho n.16)

Quadro 09 – Mapa Afetivo da PFS por Ana

Identificação	Nº 16 26 anos 1 filho São José dos Campos Tempo que está na penitenciária: 3 anos Aguardando o Semi-aberto Tráfico e porte de arma Branca
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Independente do lugar para mim está sendo um aprendizado, significa dar valor na vida através do sofrimento.
Qualidade	Lugar que não é bom, é consequência da vida, possibilita refletir sobre o futuro
Sentimento	Um sentimento de reflexão, aprendizado, saudades, paz, desejos, exemplos, futuros dignos.
Metáfora	Diversidade, com uma escola.
Sentido	Lugar “Diversidade, como uma escola” é aquele que é consequência da vida, traz saudades, em que o <i>Devir</i> perpassa a dimensão do aprendizado, da reflexão, do dar valor na vida e a desejar um futuro digno e de paz.

Chama a atenção que ela, assim como outras, indica o pátio como o lugar que menos gosta de estar, e o qualifica como lugar de barulho, aglomeração, de agito e bagunça. O pátio poderia ser o lugar do encontrão, do comum. Interessante que na análise dos mapas afetivos a ideia do comum não está presente na vida das mulheres presas.

Outro elemento que aparece com relação ao lugar é de que através da penitenciária veio a conhecer Deus. Expressa como vontade de Deus o fato de estar ai, “Deus me trouxe para cá para uma grande mudança de vida, e com isso fui transformando e sou uma nova mulher”. Com relação ao futuro quer ser uma mãe de família, trabalhar como artesã honestamente e com dignidade e aprender sempre mais.

Bia tem 40 anos, segundo grau completo, é mãe está presa por homicídio, já cumpriu três anos e resta um ano. Expressa como outras mulheres o desejo de ser livre, de falar de uma vida que está por vir, vontade de ir ao encontro de outros horizontes com liberdade.



O pássaro é livre para voar... às lágrimas são as saudades que sentimos dos nossos familiares, adoro a natureza.
(Significado do desenho n.98)

Quadro 10 – Mapa Afetivo da PFS por Bia

Identificação	Nº 98 40 anos 2º grau Tem filhos São José dos Campos/SP Tempo que está na penitenciária: 3 anos Tempo que resta para cumprir a pena: 1 ano Artigo 121 - Homicídio Branca
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	O pássaro é livre para voar... às lágrimas são as saudades que sentimos dos nossos familiares, adoro a natureza.
Qualidade	Bem melhor para estar cumprindo uma pena

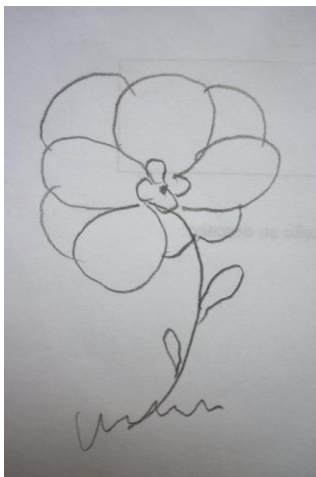
Sentimento	Quero ser livre para poder ir e vir poder alcançar outros horizontes. Saudade, vontade, amor, dor, angústia, desejos.
Metáfora	Um colégio interno
Sentido	Lugar “colégio interno” é aquele em que a Paixão Alegre manifesta-se no querer ser livre como um pássaro, na vontade de ir ao encontro de outros horizontes, sentimentos de amor, mesmo que sente dor, angústia e saudades.

Sentimentos de dor, angústia, tristeza estão presentes, bem como amor e saudades que faz ter vontade, desejo e pretende no futuro voltar ao convívio social, trabalhar e fazer cursos profissionalizantes, por isso aproveita participar dos cursos que acontece na penitenciária, gosta de participar da roda de leitura que acontece na biblioteca e sugere que seja oferecida mais cursos profissionalizantes, oficina de teatro, música e dança como atividades socioeducativas.

Nas paixões alegres/devir um dos afetos que aparecem com certa frequência nos mapas afetivos e na Escala Likert ficou em sétima colocação por ordem de preferência é o arrependimento, segundo Espinosa¹⁷, “o arrependimento é a tristeza acompanhada da ideia de uma ação que acreditamos ter praticado por uma livre decisão da mente”. Para muitas o arrependimento vem acompanhado da vontade de mudar de vida, aprendizado e vergonha.

5.3. Contraste

Mesmo que optamos por não tratar o contraste como uma categoria específica para análise dos afetos das mulheres com relação à penitenciária, como inicialmente tínhamos pensado, apresentaremos o exemplo abaixo para ilustrar a flutuação de ânimo.



A rosa representa o amor
(Significado do desenho
n.53)

¹⁷ Ética III, definições de afetos, 27.

Quadro 11 – Mapa Afetivo da PFS por Lara

Identificação	Nº 53 49 anos 2ª série 3 filhos Maceió Tempo que está na penitenciária: 2 anos e 6 meses Tempo que resta para cumprir a pena: 3 anos Tráfico – usuária Morena
Estrutura	Metafórico: Desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	A rosa representa o amor
Qualidade	Sufrimento, hospício, barulho,
Sentimento	Alegria, paz, amor, carinho, sofrimento
Metáfora	Lugar de muita dor e sofrimento
Sentido	Lugar “de muita dor e sofrimento” em que o <i>Contrate</i> é manifestado no sentir paz, amor, alegria e carinho num lugar de barulho que parece hospício que traz sofrimento.

Lara tem 49 anos, segunda série, mãe de três filhos, está na penitenciária por causa do uso e tráfico de entorpecentes, já cumpriu dois anos e seis meses de pena e restam três anos para concluir o tempo de pena. O elemento de contraste é visível através da qualidade e da comparação que faz com relação ao lugar, atribui como lugar “de muita dor e sofrimento”, de barulho como se fosse um hospício, e ao referir-se ao significado e sentimentos fala de amor, alegria, paz e carinho.

Nos exemplos acima citados, que também são expressões de todos os mapas afetivos das mulheres desta pesquisa presentes no contexto penitenciário, nas relações e nas atividades que desenvolvem no cotidiano, foi possível de perceber os afetos de paixão. Afetos esses que diminuem a potência de pensar e de agir, fortalece a heteronomia e mantém numa atitude de padecimento e servidão. Porém, convém ressaltar que cada uma traz dentro de si o que é próprio de cada ser humano, a potência de ação, a potência de perseverar na própria existência. Sawaia (2009), baseada em Espinosa diz que

Perseverar na própria existência é mais que conservar vivo. É expansão do corpo e da mente na busca da liberdade, da felicidade, que são necessidades tão fundamentais à existência humana como o são os alimentos e os abrigos, e a reprodução biológica (p.366).

Elas também manifestam a potência de pensar e agir ao citar o que poderia melhorar dentro da penitenciária e com relação aos projetos de futuro que iremos desenvolver a seguir através das questões complementares.

5.4 - Questões complementares do Instrumental que oferecem sentidos para reforçar as categorias paixão triste, paixão alegre/devir.

Com o intuito de obter maiores informações sobre a interação das mulheres com o contexto penitenciário, como se dá o processo de afetação propomos questões relacionadas ao lugar que mais gosta e menos gosta, o que precisa melhorar e o que propõe com relação as atividades socioeducativas e qual seu envolvimento e participação nas atividades que são oferecidas. Também perguntamos com relação ao futuro, como vê e o que pensa em estar fazendo quando sair da penitenciária.

A pergunta que fizemos sobre quais as coisas que você precisaria melhorar na penitenciária, tivemos uma pessoa que respondeu com relação a si mesma, melhorar a *ansiedade e a descrença*, as demais responderam o que precisa ser melhorada na penitenciária.

A maioria das respostas estão relacionadas a estrutura de atendimento e outra parte menor relacionada a atividades socioeducativas e ocupação. No primeiro grupo sessenta e quatro mulheres respondem que precisa melhorar a saúde, remédios disponíveis e atendimento médico; quarenta e sete a alimentação, vinte e nove atendimento jurídico, quinze relatam melhorar a infraestrutura, banho quente e as celas. Com relação as atividades socioeducativas treze cita melhorias nos estudos que seja implantado turmas a noite para favorecer quem trabalha durante o dia e professores de verdade e treze responderam ter mais atividades socioeducativas como palestras, atividades em grupos, exercícios físicos e lazer.

Quanto à *participação em alguma atividade na penitenciária*, trinta e uma responderam que não tem participação em nenhuma atividade, cinquenta e três mulheres responderam que trabalham em algum setor ou firma na penitenciária, vinte participam dos momentos de oração/cultos/igreja, seis responderam frequentar a escola, e sete praticam esporte ou frequentam a academia e doze outras atividades como festa, curso, pesquisa, reuniões, leitura. Algumas responderam que participa de mais de uma atividade, geralmente trabalho e igreja.

Na sua maioria destacam a participação das atividades como momentos de ocupação da mente e do tempo, veem como uma oportunidade de ganhar a remissão da pena, momento de aprendizado e de fortalecimento enquanto pessoa.

Convém ressaltar que as trinta e uma mulheres que não participam de alguma atividade estão distribuídas proporcionalmente nas categorias paixão tristes, paixão alegre/devir, ou seja, não há uma que sobressai mais.

O lugar que elas mais gostam na penitenciária é o local de trabalho e a cela. Trinta e nove mulheres responderam que o local de trabalho é sua preferência pelo fato de ter a oportunidade de ocupar o tempo, a mente, um meio de ganhar dinheiro e algumas relatam que assim podem ajudar a família, e também como remissão de pena e um espaço que não tem discussão e gritos. Trinta e uma mulheres citam a cela pelo fato de ai poder ficar sossegada, é o único espaço que pode pensar na vida, cuidar de si, que se encontra sozinho e reproduz parte de sua casa. Dezenove mulheres destacam a participação nas atividades da igreja como fortalecimento de sua pessoa e possibilidade de mudança de vida, onze destaca o pátio e duas a quadra como lugar que gostam pelo fato de não sentirem sozinhas, momento de conversa, de interação, sete fazem referências a escola e a biblioteca como espaço de aprendizado. Teve treze mulheres que responderam que não tem nenhum lugar que elas gostam pelo motivo de ser um lugar que tranca que priva de liberdade, agitado.

Do lugar que menos gosta na penitenciária encontramos vinte e cinco mulheres que responderam a cela e a maioria justificaram principalmente na hora da tranca, pois é o momento para algumas de tomada de consciência de que está presa, e dezessete a hora da tranca. Vinte e duas indicaram o pátio por ser lugar de muito barulho, onde encontra-se de tudo, doze também o pavilhão e corredores, dez citaram o castigo pelo fato de ser escuro, lugar precário, isolamento, onze faz referência a enfermaria por não oferecer o tratamento que muitas vezes necessitam e nove mulheres disseram que nenhum lugar e oito disseram todos os lugares e o motivo que mais sobressai é a privação de liberdade.

Das melhorias com relação às atividades socioeducativas um número significativo de quarenta e uma mulheres destacam cursos profissionalizantes e artesanatos com possibilidade de oferecer certificado para poderem atuar quando estiverem em liberdade. Mais oportunidade de estudo é a segunda indicação, vinte e quatro mulheres e dessas sete sugerem que tenha a noite para dar oportunidade a quem trabalha durante o dia; quatorze solicita mais palestras, pois as mesmas ajudam a fortalecer enquanto pessoa; esporte e teatro também são indicados como uma atividade necessária, bem como mais recursos de saúde. Cinco destacam a necessidade de ter mais atendimento da psicologia e psiquiatria. Algumas que trabalham

sugeriram que tivesse aulas no período da noite para que pudessem continuar os estudos, pois durante o dia trabalham.

Com relação ao futuro, em alguns mapas afetivos elas mencionaram seja através do desenho, do significado atribuído ao mesmo, bem como na Escala Likert, porém aqui apresentar o que relataram com relação a pergunta: *como você vê seu futuro*. Optamos por trabalhar as respostas trazendo fragmentos do que escreveram e com uma agrupação própria conforme vêm seu futuro.

A maioria das mulheres pensa o futuro como estar com a família, com os filhos, ser mãe, mudar de vida e trabalhar.

“Uma mãe de família, trabalhadora, honesta, digna do meu serviço, pois serei uma grande artesã”.

“Com meu próprio negócio, trabalhando árduo, mas feliz, ao lado da minha família”.

“Hoje com a graça de Deus sairei para o seio familiar com amparo e alicerce, trabalhar e criar meus filhos”.

“Vejo que tenho que sair daqui e trabalhar para nunca mais voltar e poder estar perto dos meus filhos.

“Pra mim vou trabalhar no que aprendi fazer tapetes e bonecas”.

“Trabalhando honestamente e dando uma boa educação pra minhas filhas”.

“Todas tem planos de sair e reconstruir a família. Mas, sabemos que vivem no plano da ilusão, há muito tempo não convivem com a família. Lá fora vivia outra realidade que não era essa que elas se programam a viver quando sair daqui. Sabemos que a realidade é bem diferente”. (Trabalhadora)

Há as que referem ao futuro remetendo ao que vivia antes, longe deste lugar que se encontra:

“Como era antes de conhecer este mundo podre que me fez parar aqui”.

“Vejo ele bem longe desse lugar, pois não quero fazer nada que possa me trazer para trás das grades de novo”.

“Sair passar uma borracha no passado e viver uma nova vida”

“Longe deste lugar com meu esposo e minha filha, longe de tudo o que possa trazer para cá”.

Percebe-se que algumas expressam com relação ao futuro que tem objetivos, projetos:

“Pretendo conquistar todos os meus objetivos novamente”.

“Ao abrir estas portas tenho objetivos e metas para sobrevivência que me deixam longe de regressar a este lugar, exemplo trabalhar honestamente”.

A perspectiva de um futuro melhor, bom e novo também é expressa por elas:

“Sendo uma pessoa melhor”.

“Um futuro novo, uma vida nova”.

“Com toda fé e esperança vejo meu futuro livre de toda escravidão”.

“Só depende de Deus e de mim, mas quero mudar minha vida pra melhor”.

“Nem imagino, só tenho sonhos de ser uma pessoa melhor”.

“Diferente de tudo o que vivi até hoje”

“Uma vida digna, longe de tudo que for ruim, muito amor, alegria, prosperidade junto com meus filhos e netos”.

Há também as que expressaram querer voltar a estudar e fazer faculdade de veterinária, administração e enfermeira.

Encontramos aquelas que trazem consigo projetos de futuro, porém, sabem que o mundo, a vida aqui fora não é tão fácil assim:

“Quero muito trabalho, cuidar da minha filha, mas há muito preconceito para conseguir um bom trabalho”.

“Não penso no meu futuro, vivo o presente sem me iludir com o amanhã”.

“Eu vejo um futuro melhor e espero que a sociedade veja também”.

“Cheio de ódio da sociedade que fecha a portas”.

“Pretendo trabalhar e que as portas se abra para as ex-presidiárias trabalhar”.

“Se eu realmente pudesse fazer meu futuro ou ver não estaria aqui, mas desejo um futuro como qualquer outro cidadão de direito”.

Podemos observar que a grande maioria vê seu futuro como um recomeço, com novos objetivos tendo como base a reconquista da família, o trabalho, estudos vivendo longe da realidade que vive atualmente. Para elas o futuro só existe fora, longe da penitenciária.

O que acha que estará fazendo, ou o que gostaria de estar fazendo quando sair da penitenciária passa pelo desejo de voltar para a família, estar trabalhando e estudando. Com relação à família algumas assim expressam:

“Com certeza com minha família, trabalhando e dando continuidade em tudo que estava fazendo e que está parada”.

“Fazendo comida para minha filha e meu esposo, e restabelecida com a sociedade”.

“Cuidando da minha família que depende muito de mim”.

“O amanhã pertence a Deus, se ele permitir estarei com a minha família vivendo uma vida digna e honesta”.

“Sentada ao redor de uma mesa com a família”.

“Gostaria de poder estar sempre ao lado dos meus filhos e dar a eles uma vida nova de paz”.

“Ir ao encontro da minha família ficar com eles matar a saudade e quando sair de vez procurar um emprego honestamente”.

“Eu gostaria de cuidar dos meus netos e ser a melhor vó do mundo e dar o melhor de mim para minha família”.

Com relação ao trabalho:

“Trabalhando e tendo uma vida normal como qualquer cidadão, digna de construir um lar feliz para meus filhos”.

“Trabalhando, construindo minha casa, cuidando da filha, crescer na vida e poder andar de cabeça erguida”.

“Quero trabalhar, sempre aprendendo mais e mais, pois Deus me trouxe para cá para uma grande mudança de vida, e com isso fui transformando e sou uma nova mulher”

“Trabalhando sair do vício, trabalhar, fazer coisa certa, peço para Deus tirar da cadeia”.

Outras relatam o que gostariam de estar fazendo:

“Tomando um banho no chuveiro da minha casa, fazendo minha comida e estar com minha família”.

“O que sempre fiz, trabalhei, nunca roubei, nem matei, nem trafiquei, mas vivi com pessoas que fazia e nem sempre a polícia é capacitada para prender quem comete de fato e encontra facilidade em nós”.

“Trabalhar, casar, ensinar a minha família no caminho de Jesus para que não desvie dele, para que não passe o que passei, e ensinar quem ainda está neste mundo que não vale a pena”.

“Já na rua com toda a minha família, longe das drogas”.

“Estar ao lado de quem eu amo e que nunca dei valor”.

“Um pouco complicado”.

“Vou virar garota de programa assim não vou presa estou dando o que é meu”.

Conforme percebemos, todas as mulheres que participaram desta pesquisa tem algo a dizer sobre como veem, sentem e planejam seu futuro fora do contexto penitenciário. E muitas delas têm ciência que não será fácil, que encontrarão desafios e terão que superar os preconceitos; que há muitos vínculos para serem restabelecidos; que terão que se empenhar para conquistar o que foi perdido. E manifestam um profundo desejo de recomeço e mudança de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendo aqui deixar registradas algumas considerações que no momento são considerações finais de um trabalho. Oxalá, conseguíssemos conciliar com essas considerações, o final de um sistema penitenciário que prende, aprisiona, priva, separa, afasta as pessoas do seu convívio social. Infelizmente estamos longe de ver isto acontecer, porém, enquanto não chegar este dia ousamos como Bertold Brecht¹⁸ pensar:

*“Nada é impossível de mudar.
Desconfiai do mais trivial, na aparência singular.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar”.*

Esta pesquisa objetivou conhecer e analisar a experiência de mulheres confinadas no sistema penitenciário: qual o sentido do espaço e como o mesmo afeta a vida das reeducandas, seus desejos, capacidade de agir e projeto de futuro.

Em vários momentos deparamos com o que aparece óbvio, com mulheres cujos afetos estavam relacionados à paixão: tristeza, sofrimento, numa atitude de servidão, padecimento, reagindo em vez de agindo. As mulheres não deixam dúvidas de que a penitenciária é espaço de sofrimento. Basta olhar o quanto expressam tristeza, angústia, dor, sofrimento, arrependimento, raiva e revolta. “Elevadíssimo é o nível de angústia, insônia, pressão alta, depressão, muitos casos de psiquiatria e doença psicossomática”, relata a trabalhadora na entrevista.

A maioria dos afetos são o que Espinosa chamaria de paixão triste: rancor, vingança, raiva, ódio, agressividade, e há em número menor a paixão alegre, mesmo que para algumas mulheres, ela seja vivida como ilusoriamente alegre, exemplo disso são as que manifestam sentir alegria, saudades, arrependimento, esperança. Esses afetos ele chama de paixão, pois são sustentadores da passividade e heteronomia que diminuem a potência de ação.

Considerando o que a pesquisa se propôs, retomamos os resultados da pesquisa de Frinhani (2004), sobre representações sociais do espaço prisional e a de Barreto (2006) sobre

¹⁸ <http://www.consciencia.net/artes/literatura/brecht.html> - Acesso julho de 2013.

projetos de futuro. Ambos trabalharam com entrevistas semiestruturadas e possibilitam fazer comparações com os resultados da presente pesquisa.

Frinhani (2004) percebeu uma transformação nas representações sociais que as mulheres tinham antes de adentrar na penitenciária. Ao chegarem traziam as representações construídas tendo como base os comentários do senso comum sobre como as pessoas presas são tratadas. Depois as representações construídas a partir da fala dos policiais quando são pegas num delito, que causa pavor, e quando estão lá dentro, no dia-a-dia percebem que é bem diferente. Surge uma nova construção da representação social que vai de repulsa e distanciamento, passa pelo pavor total e chega à aceitação através da ressignificação. Elas apontam algumas estratégias que contribuem para isso, que permite suportar o estar na prisão, como: o apego à família, à religião, o aprendizado de alguma atividade laboral. Acreditam na ressocialização da pena e para muitas, estar na prisão é permanecer viva.

Já nesta pesquisa a maioria das mulheres se referem ao lugar como inferno e cemitério. Lugar que priva, isola, tranca. Lugar de não vida, de dor, de sofrimento, de tristeza, sem saída. Os afetos do lugar são de tristeza, de raiva, de desespero, de revolta, de impotência, de amargura, de abandono, de solidão, muitas sintetizam o afeto do lugar com a expressão “me sinto morta”. As imagens relacionadas ao lugar também na sua maioria estão relacionadas às paixões tristes o que difere em parte das representações sociais apresentadas por Frinhani (2004).

Embora em menor número, há mulheres que sentem a prisão como espaço de transição, de passagem. Se na anterior a imagem central é *inferno*, nesta, é *purgatório*. Aqui incluem-se as mulheres que expressam esperança, manifestando o desejo de recomeçar, de mudar de vida, vislumbrando novo horizonte. Mulheres, cuja imagem relacionada a penitenciária se referem a aprendizagem e mudança, como “escolas, colégios internos; casa de recuperação, hospital”, é o espaço de reflexão de passagem e transição. Encontramos nestas mulheres expressões semelhantes as manifestadas nos sujeitos da pesquisa de Frinhani (2004), uma possibilidade de ressocialização e de aprendizado.

Analisamos que há uma ideia de devir presente nas mulheres, há um movimento mesmo que muito pequeno de ação, de reflexão que apresenta indício de aumento de potência de vida. Basta considerar o que citamos anteriormente com relação ao espaço de aprendizado, e o que expressaram com relação ao seu futuro. Nas perguntas sobre o que pode mudar na penitenciária elas apontam melhoramento na estrutura de atendimento seja na saúde, no atendimento jurídico, na educação e na alimentação, bem como propõem que haja mais atividades socioeducativas, cursos profissionalizantes e de artesanatos, palestras e teatros.

Segundo Barreto (2006), foi uma surpresa constatar que o projeto de futuro expresso pelas mulheres de sua pesquisa, é o da maternidade. Sua tese inicial era de que seria o trabalho, mas a conclusão foi de que o projeto de futuro das mulheres estava embasado nos filhos, na maternidade, como possibilidade de reconstrução de uma vida pós-cárcere. Em nossa pesquisa o futuro é vislumbrado também nessa perspectiva voltada para a família, mas também para o trabalho, seguida de volta aos estudos, pois são estas atividades que, na visão delas, proporcionam a reconstrução da vida, ser boa mãe, trabalhar, viver e ser melhor, longe das realidades que as trouxeram para a penitenciária. Porém, é preciso ressaltar que não são ingênuas, são raras as que não falam sobre os obstáculos que as impedem de mudar. Trazem o contexto em que estavam inseridas antes de serem privadas da liberdade, algumas expressam: “quero viver longe do crime”, dificuldade de serem inseridas na sociedade: “*Cheia de ódio da sociedade, que fecha a portas*”; “*Pretendo trabalhar e que as portas se abram para as ex-presidiárias trabalhar*”.

Muitas buscam no trabalho a oportunidade de se sustentarem, veem como um espaço de ocupação da mente, de se sentir incluída e diminuir o tempo de prisão. Porém, ao pontuar a necessidade de mais oportunidades de trabalho na penitenciária não podemos ser ingênuos e criar falsas expectativas sobre o trabalho. Afinal, pertencemos à sociedade capitalista, e como Marx nos ensinou, a sociedade é constituída por relações de trabalho exploradoras e opressivas. Elas sabem que a perspectiva de um trabalho digno que as sustente é sonho. Algumas preveem que não tem condições de sobreviver fora da criminalidade, como fala dramaticamente Laís: “quando sair, vou vender a única mercadoria que é minha, meu corpo, assim não serei mais presa”.

Se olharmos o perfil das mulheres que estão na penitenciária, e falando dos sujeitos desta pesquisa, temos a confirmação dos dados revelados pela InfoPen (2012). Na maioria são mulheres jovens, ensino fundamental incompleto, negras ou descendentes, pobres, presas por tráfico de entorpecentes e mães. Esta realidade é reflexo da sociedade em que vivemos. Com esta constatação não pretendemos estigmatizar a mulher presa, não, pelo contrário! Mas, sim, fazemos uma crítica ao sistema capitalista e ao processo de inclusão perversa das desigualdades. Exemplo disso é o relato da trabalhadora entrevistada em resposta à pergunta, *se na penitenciária há pessoas inocentes*: “Nunca encontrei alguém totalmente inocente, o que vejo é que aqui tem muitas pessoas com penas injustas. Delitos ridículos com penas ridículas. A lei não é justa para todos. Depende de ter bom advogado, e a cadeia é para pobre. Olha quem é preso hoje. Olhamos para a mídia: os julgamentos de quem tem dinheiro como são? Qual a sentença deles? Muitas das que estão aqui não precisariam estar; poder-se-ia

pensar e aplicar outro tipo de pena alternativa; como por exemplo, a prestação de serviços à comunidade; muitas precisam de tratamento e não de prisão; dar outras oportunidades sem ser a privação da liberdade. É muita injustiça X justiça”.

Essa mesma realidade é também revelada pelas mulheres reeducandas. Elas indicam que a penitenciária é uma instituição do sistema jurídico que mantém a dialética exclusão/inclusão e contribui para aumentar o sofrimento ético-político, que segundo (SAWAIA, 2009, p.370):

Trata-se de sofrimento/paixão, gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não de ação, na medida em que as condições sociais se mantêm, transformando-se em um estado permanente da existência.

Elas criticam a falta ou a precariedade de serviços de atendimentos mais humanizantes, de vida digna, relacionados ao serviço da assistência social, da psicologia, da saúde e principalmente o judiciário, mesmo reconhecendo que “esta penitenciária não é das piores, pelo menos aqui temos mais possibilidade de trabalho”.

O sistema prisional tem que decidir sobre sua função. Atualmente, ela é de castigo e isolamento, fixação na tristeza. Tem se também que perguntar se é possível transformar a prisão em outra espacialidade, de potência de vida. Pesquisa como esta, bem como de Frinhani (2004), Barreto (2006), Rodrigues & Farias (2012), entre outras, são reveladores dos impactos severos que a prisão traz para a vida das mulheres e para a vida de seus filhos. O possível e necessário é evitar que ela seja um reforço, ou complemento das forças sociais que as mantêm na violência. Um espaço que permita que um conjunto de afecções tristes e reativas adquiram um grau de potência que aprisiona as restantes ações do corpo, que se adere a ele como força, impedindo-o de exercer sua aptidão de ser afetado de inúmeras maneiras. Que apenas um afeto (raiva, medo, ódio) concentre todas as forças do corpo e da mente.

Assim, ressaltamos a necessidade da penitenciária possibilitar e reforçar grupos de atividades socioeducativas e culturais em que as mulheres possam falar de si, refletir sobre seus afetos, projetos de futuro, e descobrirem-se como um “comum”, fortificando a si e o coletivo. Que esses espaços, grupos e atividades possam fazer parte da rotina do dia a dia.

Ao mesmo tempo, é fundamental pensar em outras políticas para o sistema penitenciário, de modo a garantir a superação do modelo repressor, para um modelo potencializador que venha ao encontro das necessidades humanas das pessoas que lá se encontram, e que seus direitos sejam garantidos. Que realmente a Lei de Execução Penal¹⁹,

¹⁹ Lei Nº 7.210, de 11 de julho de 1984.

garanta o direito disposto a pessoa presa nas áreas de assistência material, jurídica, educacional, religiosa, de saúde, sejam cumpridas, tendo como finalidade a prevenção do crime e a orientação ao retorno e convívio em sociedade. É urgente que na área da assistência jurídica, mais defensores públicos possam ser contratados; que as penas alternativas para as infrações menos ofensivas, sejam transferidas; que sejam criados meios para a justiça restaurativa e que haja oferta de atividades socioeducativas; trabalho e escolas nas unidades prisionais sejam aumentadas e a inserção nos mesmos possam ser espaço de remissão de penas e também de bons encontros potencializadores de projetos de futuro. Medidas alternativas evitariam o rompimento dos vínculos afetivos com seus filhos e familiares, uma vez que o grande desejo expresso pelas mulheres reeducandas é reencontrar, reconquistar e reconstruir a família e cuidar dos filhos.

Um sentimento recorrente expresso pelas mulheres reeducandas é o do individualismo. Elas denunciam que a penitenciária impossibilita o comum, o coletivo, a solidariedade como fala Espinosa. Não encontramos expressão do comum, pelo contrário cada uma expressa viver seu mundo, tanto que os lugares de encontros coletivos são os mais depreciados: a maioria não gosta do pátio, do pavilhão, corredores, pois são lugares de muito barulho, fofoca e intrigas. O lugar que é mais agradável é a cela; por ser mais tranquilo, elas podem refletir sobre a vida e descansar. Das relações entre elas falaram pouco na pesquisa, mas durante as atividades socioeducativas elas partilhavam que não têm amigas dentro da prisão, mas que cuidam uma das outras. Algumas mais velhas acabam exercendo a maternidade, cuidando das mais novas. Não manifestaram sentimentos de raiva, ódio entre si, porém sabe-se que há intrigas, competições, cobranças.

Também é importante destacar que a pesquisa não demonstrou diferença em relação aos afetos, e ao devir das que participam de alguma atividade de trabalho na penitenciária, seja no trabalho das firmas ou algum setor, como nas atividades promovidas pelas religiões, e instituições, e na escola.

De modo geral perpassa um querer mudar a ambiência da instituição total, organizando o espaço como se fosse parte de sua casa. Trazem para o ambiente de sua cela objetos, imagens que representam o mundo lá fora, a família, aquilo que traz saudades e tem todo o cuidado. Aqui ressaltamos algo que é próprio das mulheres. Segundo Frinhani (2004), dificilmente se encontra este cuidado com o ambiente, num presídio masculino.

Por fim, algumas considerações com relação ao instrumental adotado para a apreensão dos afetos das mulheres reeducandas, os Mapas Afetivos. Avaliamos como fundamentais as adaptações feitas, tanto o acréscimo de perguntas sobre o futuro e vida pessoal, quanto às

alterações na forma de categorizar os dados obtidos pela Escala Likert. Esta substitui as categorias de agradabilidade, de pertencimento e de estima para com o lugar, pelas categorias paixão triste e paixão alegre/devir. Julgamos ainda, que, por tratar de uma instituição total como a penitenciária, os mapas afetivos devem agregar questões sobre relações de poder e sobre a dimensão política dos afetos, para que se possa analisar a possibilidade de ação transformadora, formação de coletivos, formas de participação e de ação coletivas e transformadoras.

O fato de trabalhar os sentimentos através de desenhos e metáforas possibilitou que as mulheres expressassem como sentem a ambiência sem repetir os discursos clichês como já é de costume. O método permite que elas próprias exponham o significado de seus desenhos e metáforas, o que torna o instrumental válido e apropriado para a realização de pesquisas que tenham a finalidade de conhecer a experiência afetiva de ambientes, ficando para o pesquisador a análise do subtexto que perpassa o todo do instrumental.

A construção dos Mapas Afetivos foi sem dúvida um procedimento rico para compreender como as mulheres reeducandas são afetadas pelo contexto penitenciário. Temos consciência de que não esgotamos tudo o que elas expressaram. Permanece o desafio de continuar a explorar e a dar visibilidade aos elementos que obtivemos através do instrumental.

Dar voz aos sentimentos do e no lugar foi importante para conhecer a afetividade e sentidos das mulheres reeducandas, e a complexidade da ambiência em que estão inseridas; pois são elas, as mulheres que estão falando sobre como são afetadas por este sistema, e aqui retomo o que Sawaia ressalta: o quanto foi importante dar esta possibilidade a elas, “Quem pensa, sente e conhece, é o sujeito que é afetado pelas afecções de seu corpo/alma no encontro com outros corpos” (SAWAIA, 2000, p.13).

A psicologia sócio-histórica possibilitou olhar e compreender as mulheres reeducandas não apenas no contexto penitenciário em que estão inseridas, mas compreendê-las de que o fato de estarem ai, é fruto de um processo sócio-histórico, de uma sociedade capitalista, individualista e desigual. Que são seres sociais possíveis de transformação e de transformar o contexto em que estão inseridas, através das relações que constroem. Não cabe à instituição a reintegração, pois foi o contexto social que as produziu. Mas, nessa perspectiva cabe à instituição a potencialização da ação transformadora e coletiva. Afinal, cada pessoa é uma potência em ato. Este é o desafio, principalmente para a psicologia social de marcar presença em espaços como a penitenciária e tantos outros, e trabalhar para fortalecer individualmente e coletivamente a potência que cada ser humano é e tem, e assim, contribuir para, uma possível transformação social.

Por fim, acredito que as mulheres, que participaram da pesquisa, puderam parar, refletir e falar de seus afetos para com a penitenciária. Isso possibilitou superar a fixação em um único afeto/paixão, que por concentrar toda atenção, impede de exercer sua aptidão de ser afetado de outras muitas maneiras na ação da pessoa. Narrar os sentimentos e refletir sobre eles possibilitou o desbloqueio da capacidade de afetarem e serem afetadas.

Eu como pesquisadora não estive em momento algum imune das afetações, tanto do ambiente da penitenciária quando estive lá, da relação que estabeleci com as mulheres e servidoras públicas trabalhadoras, quanto ao me apropriar de cada instrumental e da análise que fui realizando. Foram encontros provocadores e potencializadores.

Com base no que vi, vivi, senti, refleti e aprendi, a partir do aprofundamento e análise dos afetos segundo nossa perspectiva teórica e ética, não tenho dúvida de que “nada deve parecer natural, já que nada deve parecer impossível de mudar”.

*“Costuma-se dizer que ninguém conhece verdadeiramente uma nação
até que tenha estado dentro de suas prisões.
Uma nação não deve ser julgada pelo modo como trata
seus cidadãos mais elevados,
mas sim pelo modo como trata seus cidadãos mais baixos”.*
(NELSON MANDELA, 1994)²⁰

²⁰ Long Walk to Freedom, Little Brown, Londres: 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. **A prisão sob a ótica de seus protagonistas**. Itinerário de uma pesquisa. *Tempo Social: Revista Sociológica USP*, São Paulo 3(1-2): 7-40, 1991.
- ALENCAR, H.F. **Participação social e estima de lugar**: caminhos traçados por jovens estudantes moradores de bairros da regional III da cidade de Fortaleza pelos mapas afetivos. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2010.
- ARTUR, A. T. **As origens do “presídio de mulheres” do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- AUGÉ, M. **Não lugares, introdução a uma antropologia da super modernidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- BALILA, D. **Memórias e sonhos de encarcerados**: estudo realizado a partir da ideia de servidão em Espinosa. (Dissertação Mestrado em Psicologia Social e Trabalho) Universidade de São Paulo, 2000.
- BARRETO, N. A. **No ventre da cadeia**: um estudo sobre projetos futuros de mulheres encarceradas. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.
- BARROS, R. A. L. **Mensagem do cárcere**. *UNESP ciência*, maio 2013, p.26-29. www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/41/prisoes. Acesso 16/06/2013.
- BENVENUTTI, P. **Encarceradas e abandonadas**. Brasil de Fato. Ministério da Justiça. Sistema prisional / estatística. Disponível em: [http:// www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br) - Acesso em: 11 jun. 2012.
- BERTINI, F. M. A. **Centro de Fortaleza, lugar de transformações**: o idoso e os afetos implicados. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e Afetividade**: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Edições UFG, 2010
- BRAUNSTEIN, H, R. **Mulher encarcerada**: trajetória entre a indignação e o sofrimento por atos de humilhação e violência. (Dissertação Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, 2007.

_____, H. R. **Gênero e prisão: o encarceramento de mulheres no sistema penitenciário brasileiro.** www.proceedings.sielo.br, Congresso Internacional Pedagogia Social, março, 2009. Acesso 12 de julho de 2011.

BRASIL. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. **Lei de execução penal.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm - Acesso em 20 de maio de 2012.

_____. Ministério da Justiça. **Mulheres Encarceradas: Diagnóstico Nacional.** Brasília, 2008.

_____. Ministério da Justiça. **Sistema prisional/estatística.** Disponível em: <http://www.mj.gov.br/depen> - Acesso em 01 de maio de 2012.

_____. Ministério da Justiça. **Sistema integrado de informações penitenciárias - InfoPen.** Disponível em: <http://www.mj.gov.br> - Acesso em 01 de maio de 2012.

_____. Ministério da Justiça. **Departamento Nacional da Justiça – DEPEN.** Disponível <http://portal.mj.gov.br/depen> - Acesso em janeiro de 2012.

CAVALCANTE, S. & ELIAS, T. F. Apropriação. In: CAVALCANTE, S. & ELALI, G. A. (Orgs). **Temas básicos e Psicologia Ambiental.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p.63-69.

CAVALCANTE, S. & NÓBREGA, L. M. A. Espaço e lugar. Apropriação. In: CAVALCANTE, S. & ELALI, G. A. (Orgs). **Temas básicos e Psicologia Ambiental.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p.182-190.

CERNEKA, H. A. **Homens que menstruam: considerações acerca do sistema penitencial às especificidades da mulher.** Veredas do direito, Belo Horizonte. V6. n.11, p.61-78, Janeiro-Junho de 2009.

CHAUÍ, M. **Espinosa uma filosofia de liberdade.** São Paulo: Editora Moderna, 1995.

_____. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUNHA, M. P. **Malhas que a reclusão tece.** Questões de identidade numa prisão feminina. Cadernos do Centro de Estudos Jurídicos, Lisboa, 1994.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.

ELALI, G. A. **Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental.** In. Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem. / Ambientes em partage: culture, corps et language, 2009, Rio de Janeiro, RJ. Anais do Colóquio Internacional Ambiências. Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, 2009. v. 1. p. 1-17.

ESPINOZA, O. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. IBCCrim, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª edição. RJ: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1993

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 17ª edição. Petrópolis, Vozes, 2010.

FRINHANI, F. M. **Mulheres aprisionadas: representando o universo prisional**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

_____, & SOUZA, L. **Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise da representação social**. Psicologia: Teoria e Prática, 2005, 7(1): 61-69.

FURLANI, D. D. **Juventude e afetividade: tecendo projeto de vida pela construção dos mapas afetivos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2007.

GUEDES, M. A. Intervenções psicossociais no sistema carcerário feminino. **Psicologia: ciência e profissão**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, Ano 26, nº4, 2006, p.558-569.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e convento**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

GONÇALVES, A.P. Mulheres no cárcere: uma história de (des) proteção social. Dissertação (Mestrado Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

HOWARD, C. (Org.). **Direitos humanos e mulheres encarceradas**. Instituto Terra, Trabalho e Cidadania: Pastoral Carcerária do Estado de São Paulo, 2006.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), **Novas veredas da Psicologia Social** (pp. 55-63). São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAPASSADE, G. (1924). **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Editora AS, 1977.

LIMA, M. **Da visita íntima à intimidade da visita: a mulher no sistema prisional**. Dissertação (Mestrado) USP, 2006.

LOURAU, R. **Análise institucional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MATSUMOTO, A. E. **Sentidos e significados sobre educação no sistema prisional**: o olhar de um preso-aluno. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

MELLO, C. D. **Quem são as mulheres encarceradas?** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, V. S. **Presidiária do Amapá**: percepção sobre a importância de amamentar. Estação Científica (UNIFAP) Macapá, V.1, n.2, p.127-141, 2011. Acesso, maio/2013. www.periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article

PEDROSO, R. C. Os signos da opressão: História e violência nas prisões brasileiras. Coleção Teses e monografias vol. 5. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

PINHEIRO, G. R. **Afetividade e ambiente hospitalar**: construção de significados pelo paciente oncológico com dor. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2009.

RIBEIRO, J. M. L. **Laços afetivos que (des) ligam famílias, adolescentes e abrigo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.

RODRIGUES, M. L & FARIAS, M. H. L. **O sistema prisional feminino e a questão dos direitos humanos**: um desafio às políticas sociais II. São Paulo: PC Editora, 2012.

SÁ, G. R. **A prisão dos excluídos**: origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996: EDUFJF.

SÃO PAULO. Decreto nº 51.816, de 17 de maio de 2007. **Reorganiza a Penitenciária Feminina de Sant'Ana e dá providências correlatas**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/.../decreto-51816-07-sao-paulo-sp> - Acesso em: 20 de maio de 2012.

_____. **História da Secretaria de Atendimento a Penitenciária**. Disponível em: <http://www.sap.gov.br>. Acesso em: 15 de junho de 2012.

SAWAIA, B. B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In S. M. T. Lane, & B. B. Sawaia (Org.). **Novas Veredas da psicologia social** (pp. 157-168). São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In SPINK, M.J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p. 73-84.

_____. **A emoção como locus de produção do conhecimento** - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: III Conference for Sociocultural Research, Campinas – Unicamp, 2000.

_____. Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUSA, L. & TRINDADE, Z. A. (Orgs). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**; 21(3): 364-372, 2009.

_____. **As artimanhas da exclusão** – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana. In: MEDRADO, B. e GALINDO, W. (Orgs). **Psicologia social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO**. 1ª ed. Recife: ABRAPSO: Ed. Universitária da UFPE, 2011, p. 35-70.

_____. **Texto Transformação** – está no prelo, 2013.

SPINOZA, B. (1632-1677). **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TORRES, A. A. **Para além da prisão: experiências significativas do serviço social na Penitenciária Feminina da Capital/SP (1978-1983)**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. SP: Difel, 1977.

UZIEL, A.P. Radiografias da prisão feminina: um mosaico. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**; volume 14, número 1, páginas 168-171. Junho 2004. Acesso em 10 de julho de 2011.

VIGOTSKI, L. (1925) **Teoria e método em psicologia**. São Paulo, Martin Fontes, 1996.

_____. (1924) **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. (1930) **A formação social da mente**. São Paulo, Martin Fontes, 2007.

_____. (1934) **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martin Fontes, 2008.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. A aberração carcerária à moda francesa. **Revista de Ciências Sociais**, RJ, Vol.47, nº 2, 2004, pp.215-232.

ANEXOS

ANEXO 1 – Instrumental usado por Bomfim

Bairro:

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o bairro em que você mora.

2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1 – Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2 – Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

2.3 – Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

6 _____

Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a penitenciária. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre o seu bairro, o que você diria?

4. Se você tivesse que fazer uma comparação do seu bairro com algo, com o que você o compararia?

5. Neste item solicitamos que você responda algumas perguntas sobre sua forma de compreender ou participar das atividades sociais de seu bairro.

5.1 – Quais são as coisas que você faz para melhorar a comunidade do seu bairro?

--

5.2 – Você participa de algum projeto, grupo ou atividade, posto de saúde no seu bairro que traz melhoras para sua vida? Se sim, de qual?

--

6. A seguir você encontrará algumas afirmações sobre seu bairro com as quais poderá ou não concordar. Independente do que possam pensar as pessoas que estão ao seu redor, gostaríamos que indicasse o quanto concorda ou discorda com cada uma dessas afirmações. Faça isso circulando um número na escala de resposta ao lado de cada uma.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

01. É um bairro maravilhoso, ótimo para se viver.	1	2	3	4	5
02. É um bairro que tem um lado muito bom e um lado muito ruim. .	1	2	3	4	5
03. É um bairro feio e sujo.	1	2	3	4	5
04. É um bairro seguro e tranquilo.	1	2	3	4	5
05. É um bairro de orgulho e vergonha para os moradores.	1	2	3	4	5
06. É um bairro com muitas opções de lazer.	1	2	3	4	5
07. É um bairro com altos e baixos.	1	2	3	4	5
08. É um bairro que dispõe do que preciso para viver bem.	1	2	3	4	5
09. É um bairro que comparo com minha própria casa.	1	2	3	4	5
10. É um bairro que sempre dá a volta por cima.	1	2	3	4	5
11. É um bairro que sinto vergonha e desprezo.	1	2	3	4	5
12. É um bairro alegre, descontraído e legal, onde todos se divertem.	1	2	3	4	5
13. É um bairro onde há muitas coisas destruídas.	1	2	3	4	5
14. É um bairro com muita violência e vandalismo.	1	2	3	4	5
15. É um bairro com o qual eu me identifico.	1	2	3	4	5

7. Descreva o(s) caminho(s) que você percorre com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto). Indique também para que finalidade que você percorre este (s) caminho(s).

Caminho 1 –

Caminho 2 –

8. Indique o lugar que, para você, representa o seu bairro.

9. O que você gosta no seu bairro?

10. O que poderia melhorar no seu bairro em termos das atividades de saúde?

11. Dados pessoais:

11.1 – Sexo: () feminino () masculino

11.2 – Idade _____

11.3 – Há quanto tempo você mora no bairro? _____

ANEXO 2 – Instrumental usado no Pré-teste

**Penitenciária Feminina de Sant'Ana
Pavilhão:**

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir esta penitenciária.

2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1 – Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2 – Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

2.3 – Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____

Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a penitenciária. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a penitenciária onde você está, o que você diria?

4. Se você tivesse que fazer uma comparação da penitenciária com algo, com o que você o compararia?

5. Neste item solicitamos que você responda algumas perguntas sobre sua forma de compreender ou participar das atividades na penitenciária.

5.1 – Quais são as coisas que você precisaria melhorar na penitenciária?

5.2 – Você participa de alguma atividade na penitenciária? Qual (is)? Fale sobre.

6. Indique o lugar que você mais gosta na penitenciária. Por quê?

7. Indique o lugar que você menos gosta na penitenciária. Por quê?

8. O que poderia melhorar na penitenciária em termos de atividades sócio-educativas?

9. Dados pessoais:

9.1 – Idade _____

9.2 – Há quanto tempo você está na penitenciária? _____

9.3 – Por que você está aqui? Delito _____

ANEXO 3 – Instrumental Mapas Afetivos

**Penitenciária Feminina de Sant’Ana
Pavilhão:**

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir esta penitenciária.

2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1 – Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2 – Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

2.3 – Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

6 _____

Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a penitenciária. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a penitenciária onde você está, o que você diria?

4. Se você tivesse que fazer uma comparação da penitenciária com algo, com o que você o compararia?

5. Neste item solicitamos que você responda algumas perguntas sobre sua forma de compreender ou participar das atividades na penitenciária.

5.1 – Quais são as coisas que você precisaria melhorar na penitenciária?

5.2 – Você participa de alguma atividade na penitenciária? Qual (is)? Fale sobre.

6. Caso você tivesse de colocar uma nota (de 0 a 10), que nota você colocaria para as afirmações referentes à Penitenciária.

- A penitenciária é para mim um lugar que ajuda a refletir sobre a vida.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Aqui na penitenciária eu sinto tristeza, dor e sofrimento.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A penitenciária é um lugar que me faz sentir saudades e solidão.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Aqui na penitenciária eu vivo o castigo, a violência e a discriminação.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Para mim a penitenciária é um lugar que causa ansiedade e desespero.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A penitenciária é um lugar que faz eu pensar na família.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A penitenciária é para mim um lugar frio e vazio, mas me sinto segura.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto que aqui é um lugar que tem condições de reabilitar as pessoas.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Na penitenciária sinto solidão e medo.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A penitenciária é um lugar que me leva a pensar no futuro.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Na penitenciária eu vivo presa e sinto liberdade.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Aqui na penitenciária tenho possibilidade de refletir sobre a família e amor dos filhos.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Para mim a penitenciária é um lugar de arrependimento e de revolta.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Sinto que a penitenciária é um lugar cruel, ruim, mas de segurança.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- A penitenciária é um lugar de novas oportunidades para eu ter um futuro melhor.
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

7. Indique o lugar que você mais gosta na penitenciária. Por quê?

8. Indique o lugar que você menos gosta na penitenciária. Por quê?

9. O que poderia melhorar na penitenciária em termos de atividades sócio-educativas?

10. Como você vê o seu futuro?

11. O que acha que estará fazendo daqui ____ anos (depende dos anos que ainda tem que cumprir). O que gostaria de estar fazendo?

12. Dados pessoais:

12.1 – Idade _____

12.2 – Grau de Escolaridade _____

12.3 – Tem filhos _____

12.4 – Cidade de origem _____

12.5 – Há quanto tempo você está na penitenciária? _____

12.6 – Quanto tempo resta para cumprir a pena? _____

12.7 – Recebe visita? SIM () NÃO () - Semanal () Quinzenal () Mensal () _____

12.8 – Por que você está aqui? Delito _____

12.9 – Com relação a cor de pele/etnia você se considera _____

ANEXO 4

Entrevista semiestruturada – Servidora pública - Trabalhadora da PFS

A entrevista visa conhecer a dinâmica do cotidiano da instituição. Há quanto anos você trabalha no sistema penitenciário?

- Há 19 anos trabalho no sistema penitenciário feminino. Esta é a segunda penitenciária que trabalho, aqui já foi coordenadora da saúde e atualmente atuo como assistente social.

Característica das mulheres que estão na PFS:

- Mulheres pobres, há o predomínio de branca, porém se for juntar as pardas e negras é a maioria; com ensino fundamental incompleto; é uma população jovem mais da metade tem até 30 anos de idade, na maioria estão por causa do artigo 33 – tráfico.

Atualmente na instituição tem nove psicólogos e cinco assistentes sociais.

Quando uma mulher chega nesta penitenciária quais os caminhos que ela percorre até chegar a cela?

- Quando a presa chega passa pelo setor de inclusão, lá ela passa pela revista, é fotografada, passa por um exame corporal – é cadastrada no setor de disciplina. Passa por uma avaliação junto a enfermagem, um diagnóstico médico para saber como ela está chegando, se tem alguma doença, se toma alguma medicação. Nesse momento é preenchido também uma ficha com seus interesses quanto ao trabalho, a escola, e suas habilidades.

Em seguida é encaminhada para o RO (Regime de Observação), por Lei ela deveria ficar ai por 30 dias, até ser encaminhada para o pavilhão. Deveria ser encaminhada conforme o delito. Porém, aqui é diferente. Pelo fato do RO ser muito precário, geralmente quando vai surgindo vaga nos pavilhões elas já são encaminhadas.

Isso é bom ou ruim?

- Perde-se muito, pois neste regime de observação deveria haver uma avaliação psicológica, social e médica mais precisa, o que acaba não acontecendo pelo grande número de quem chega e poucos trabalhadores. Acabam sendo encaminhadas para os pavilhões e inseridas junto as outras sem muito critério, pois são inseridas conforme vai surgindo a vaga.

São três pavilhões – tem algum critério para inseri-las num ou em outro?

- Hoje não pois está acontecendo a reforma num dos pavilhões. **Quando não havia reforma?** As novatas e as sem condenações deveriam ir para o 3º Pavilhão, mas nem sempre acontece, o critério muitas vezes é a vaga existente, ou mesmo algumas já se conhecem e acabam indo para a mesma cela.

Há mulheres aqui que não foram sentenciadas ainda?

- Sim, hoje tem 211 que estão em regime provisório.

Quanto tempo costuma durar, quanto tempo elas esperaram a sentença?

- Meses e até anos, sabemos o quanto que a justiça é lenta, logo mais se tratando de quem não tem condições de pagar um advogado.

Por que estão aqui? Pelo fato de não ter lugar nas delegacias, e acabam vindo para cá.

Tem algum critério que define o encaminhamento delas para esta penitenciária e não para a Penitenciária Feminina da Capital?

- Para a Penitenciária da Capital vão as que são presas pela polícia federal e as gestantes provisórias, pois lá existe berçário. Pode ver que lá estão mais as estrangeiras, as que são presas em aeroportos, entre outras. E aqui na PFS são as presas pela polícia estadual – teoricamente deveria ser só as sentenciadas, mas vem as provisórias, por ter pouco vaga nas delegacias de Franco da Rocha e outras.

Se a instituição acompanha o processo de saída delas?

- Não, muito dificilmente. Algumas até pedem para nós ajudarmos a encontrar algum parente, mas raramente. Falta um trabalho que as prepara para o mundo lá fora. Por isso que há muita reincidência, pois, se para nós já está difícil ser inserida no mundo do trabalho e na sociedade, imagine para quem carrega um artigo, uma sentença. Falta política pública para este segmento da sociedade. São muitas, falta apoio e acompanhamento mais personalizado.

Como é a rotina do dia a dia.

- Todas as refeições são feitas na cela (café da manhã, almoço, janta). As sete da manhã tomam o café da manhã e a cela é aberta. As dezessete horas quando vão recebendo a janta, a

cela é trancada. Quem trabalha na entrega da comida e na limpeza até as dezoito e quarenta deve estar na cela, onde permanece até o dia seguinte.

Quais as atividades que elas tem para se ocuparem?

- Tem as que trabalham nos diversos setores (educação, limpeza, cozinha, social, jurídico, saúde); nas firmas. Tem as atividades que são desenvolvidas pelo setor da educação: campeonatos, atualmente tem curso dança do ventre; roda de leitura; tem as atividades sócio educativas desenvolvidas pelas Igrejas nos sábados; pela Pastoral Carcerária, SEFRAS, e outras entidades parceiras que realizam trabalhos em grupo.

E no pátio quanto tempo elas podem ficar? E na cela?

-Da hora que a cela é aberta até as 16:00 horas podem permanecer no pátio e nas galerias, corredores. As que não trabalham podem circular dentro do pavilhão livremente do pátio para a cela o quanto elas querem. No pátio elas mesmas organizam jogo de futebol, de vôlei, rodas de conversas. O acesso a biblioteca também tem.

Quanto as visitas íntimas.

- Não existe um espaço próprio para as visitas como há na Penitenciária Feminina da Capital, então a visita acontece dentro da própria cela. As mulheres da cela combinam como acontece. Se as duas recebem programa para alternar os dias. Essa negociação sempre é muito tranquila.

Com se dá o processo de inclusão das mulheres nas firmas, e nos outros trabalhos? -

Geralmente respeita a ordem de chegada, por exemplo, quando chegam é preenchido o cadastro de sua vida, experiência de trabalho, profissão, se tem interesse de trabalhar e em que – na medida em que as vagas vão surgindo elas vão sendo chamadas. Umhas rapidamente são chamadas pela sua qualificação profissional, outras demoram mais, e tem as que não são chamadas por falta de experiência. Na maioria são chamadas, nem todas permanecem. Atualmente tem 23 firmas que oferecem vagas de empregos, e tem 1427 empregadas = 62%.

Quanto a escola qual a dinâmica? Há muita procura?

- Até ano passado a educação estava sob a responsabilidade da FUNDAP (Fundação do desenvolvimento administrativo) – a partir deste ano houve uma modificação, quem responde agora pela educação na penitenciária é a Secretaria Estadual de Educação. Concentrou numa única escola que acontece no pavilhão 1. Hoje consegue responder a demanda dentro da

capacidade, não tem muitas esperas. Há um total de 236 alunas – sendo 34 da Alfabetização; 132 Ensino fundamental e 60 do Ensino Médio.

Se a frequência na escola conta como remissão?

- Sim, as alunas podem solicitar que o dia frequentado na escola possa ser contado como remissão de pena.

Qual a filosofia da instituição?

- Trabalha com a reabilitação através do trabalho que é oferecido, da responsabilidade, da educação, dos hábitos de cumprir horários, regras e disciplina. Muitas expressam de que o fato de cumprir horários as reeduca para a vida lá fora.

Como você vê, percebe sente as mulheres que aqui estão?

- Chama muito minha atenção pois elas não perdem o ser mulher. Interessante como elas mantêm a vaidade, elas gostam de se maquiar, cuidam da sua beleza, mantêm o ser feminino. Tem um diferencial dos homens, elas continuam reclamando, reivindicando, os homens são mais conformados, mais quietos. Elas têm muito “piti”, sofre por falta dos filhos, não deixa de ser esposa e mãe. Gosta de chamar atenção das mais novas, tem aquilo de ser autoridade, corrige a outra, não perde a sua identidade de dona de casa, de corrigir quem está errada. Chora por nada...reivindica mais, tem pouca paciência. Trazem aqui para dentro o preservar o filho, não deixa de ser mãe. Mesmo que lá fora já vinha vivendo separada dos filhos a muito tempo. Quando chega aqui quer tê-los de volta e com certa pressa. Há tendência de ser abandonada pelos parceiros, coisa que não acontece com eles quando são presos, elas não os abandonam visitam, se expõem... até que caíam na armadilha. Elas são muito fiéis. Tem uma dinâmica própria para reivindicar as coisas.

Elas trazem muito consigo o querer reconstruir a família, querer recuperar a guarda dos filhos. Sair daqui e reiniciar uma nova vida, mas sabemos que não é bem assim, pois muitas acabam voltando para o mundo do crime, pois por incrível que parece é a alternativa de fácil acesso no momento.

Se é comum ouvir a frase “aqui é o lugar que o filho chora e a mãe não vê.

- Sim, muito comum, com isso elas querem dizer que choram, e choram muito sozinhas sem que as pessoas da família as vejam.

Aqui dentro tem pessoas inocentes?

- Muitas se declaram inocentes no primeiro momento, mas depois elas costumam dizer: “estava no lugar errado, com a pessoa errada e na hora errada”. Nunca encontrei alguém totalmente inocente, o que vejo é que aqui tem muitas pessoas com penas injustas. Delitos ridículos com penas ridículas. A lei não é justa para todos. Depende de ter bom advogado, e a cadeia é para pobre. Olha quem é preso hoje. Olhamos para a mídia: os julgamentos de quem tem dinheiro como são? Qual a sentença deles? Muitas das que estão aqui não precisariam estar; poder-se-ia pensar e aplicar outro tipo de pena alternativa; como por exemplo a prestação de serviços à comunidade; muitas precisam de tratamento e não de prisão; dar outras oportunidades sem ser a privação da liberdade. É muita injustiça X justiça.

Quais as maiores demandas/necessidades que elas apresentam?

Gostam de ordem no ambiente, elas brigam por isso. A maior demanda apresentada é com relação ao judiciário – apresentam muita queixa com relação a guarda dos filhos – querem por que querem ir embora para cuidar deles. Sendo que muitas antes de serem presa já tinham perdido a guarda dos filhos, ou mesmo entregue ao cuidado da avó. Chama atenção, pois quando elas chegam aqui elas não contam o tempo da pena conforme a sua sentença (ex. dez anos), não elas já chegam contando a pena, mais o tempo de benefício e já dizem tenho (xx) tempo. Porém, muitas não conseguem o benefício, Por vários fatores, e não sabem lidar com a frustração, sai acaba sobrando para a assistente social, psicólogo, advogado, diretores da penitenciária que são tudo incompetentes, incompreensivos, não estão ai nem um pouquinho para nós. E entram em depressão, nível elevadíssimo de angústia, insônia, pressão alta, muitos casos de psiquiatria e doenças psicossomáticas.

Se elas apresentam algum projeto de futuro?

- Todas têm planos de sair e reconstruir a família, falam do relacionamento familiar, trabalho. Mas, sabe-se que vivem no plano da ilusão, há muito tempo não convivem com a família. Lá fora vivia outra realidade que não era essa que elas se programam a viver quando sair daqui. Sabemos que a realidade é bem diferente. Elas são muito imediatistas, querem as coisas para já. E a realidade não é bem assim – se pegarmos um exemplo: os filhos que estão na instituição – até elas conseguirem provar para o juiz que elas mudaram de vida, que tem endereço fixo, trabalho... vai tempo, coisa que elas não sabem administrar. E depois aqui não são preparadas para enfrentar a realidade lá fora. E nem sempre tem apoio de alguém, o que acaba trazendo para cá novamente. Aqui é uma realidade muito dura. Assim como a mulher

evoluiu na sociedade, ela também evoluiu no mundo do crime. Uma vez o delito era furto, uso de drogas e tráfico, agora, mesmo que a maioria está aqui por causa do tráfico de drogas, tem várias que está por causa do latrocínio, homicídio, sequestro, formação de quadrilha.

ANEXO 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Voluntária: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____ Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

As Informações contidas neste prontuário foram fornecidas pela Mestranda Ivonete Gardini, tendo como Orientadora a Professora Dr. Bader Burihan Sawaia, objetivando firmar acordo escrito mediante o qual, o voluntário da pesquisa autoriza sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá, com a capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

1. Título do Trabalho:

Mulheres Reeducandas no Sistema Penitenciário – Um Estudo sobre Afetividade e Sentidos.

2. Objetivo(s):

Objetivo Geral: Conhecer e analisar a experiência de estar confinada no sistema penitenciário, vivenciada por mulheres que ali está há mais de um ano.
Objetivos Específicos:- Conhecer o contexto institucional penitenciário. - Possibilitar a expressão dos sentimentos e emoções referente ao “lugar”, às pessoas, às relações dentro da prisão e fora dela. - Conhecer suas necessidades e projetos de futuros. - Analisar por meio da afetividade se as experiências na prisão provocam transformações na capacidade de agir de forma autônoma e não apenas reagente aos que as cercam dentro da instituição.

3. Justificativa:

A relevância deste trabalho está na pretensão de pesquisar o universo prisional a partir das experiências das pessoas mais envolvidas e atingidas, as reeducandas. Com o intuito de entender como as reeducandas interagem e relacionam no e com aquela realidade, modificando e sendo modificadas escolhemos o estudo da afetividade. “Quem pensa, sente e conhece é o sujeito que é afetado pelas afecções de seu corpo/alma no encontro com outros corpos” (SAWAIA, 2000, P.13), portanto nada melhor que os sentimentos delas para falar desse vasto e complexo universo que é a Penitenciária Feminina de Santana e Penitenciária Feminina da Capital.

4. Método:

Para atingir os objetivos estarei desenvolver uma atividade em grupo que faz parte da metodologia intitulada Mapas Afetivos, onde você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir esta penitenciária. Após a análise dos Mapas Afetivos realizarei com dez participantes entrevista semiestruturada, e acesso ao prontuário. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora.

5. Informações:

Eu, Ivonete Gardini, responsável por esta pesquisa deixo aqui registrado que responderei a participante da pesquisa a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos procedimentos, riscos benefícios e outros assuntos relacionados com pesquisa. Assumo o compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade do indivíduo em continuar participando.

6. Retirada do Consentimento:

O participante tem direito de se retirar da pesquisa a qualquer tempo.

7. Aspecto Legal:

Informo que a pesquisa que você participará está elaborada de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF, e com o Código de Ética Profissional do Psicólogo.

8. Garantia do Sigilo:

Registro que a participante da pesquisa terá a sua identidade preservada, e que em nenhum momento do processo que envolve a pesquisa, seja na atividade desenvolvida, na sistematização dos dados, na elaboração da dissertação e na devolutiva a instituição sua identidade será revelada.

9. Local da Pesquisa:

A pesquisa será realizada em espaço reservados como sala de aula e/ou outros, que não venha a comprometer o desenvolvimento da atividade proposta.

10. Nome Completo e telefones dos Pesquisadores (Orientador e Alunos) para Contato:

Prof. Dr. Bader Burihan Sawaia – badbusaw@pucsp.br – 11.3670-8520

Aluna: Ivonete Gardini – igardini@yahoo.com.br – 11. 6365-2087

11. Endereço do Comitê de Ética SAP:

- Endereço do Comitê de Ética do CEPSAP: Av. Prof. Ataliba Leonel nº 556 –Santana – São Paulo – SP CEP: 02033-000. Fone: (11) 3206-4700.

- Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre. Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C – Perdizes – SP. CEP 05015-001 – Fone: (11) 3670-8466 – cometica@pucsp.br

12. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico.

* Não assine este termo se ainda tiver alguma dúvida a respeito.

São Paulo,de de 2012.

Nome (por extenso): _____

Assinatura: _____

1ª via: Instituição

2ª via: Voluntário

ANEXO 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Trabalhadora

Nome da Voluntária: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____ Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

As Informações contidas neste prontuário foram fornecidas pela Mestranda Ivonete Gardini, tendo como Orientadora a Professora Dr. Bader Burihan Sawaia, objetivando firmar acordo escrito mediante o qual, o voluntário da pesquisa autoriza sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá, com a capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

1. Título do Trabalho:

Mulheres Reeducandas no Sistema Penitenciário – Um Estudo sobre Afetividade e Sentidos.

2. Objetivo(s):

Objetivo Geral: Conhecer e analisar a experiência de estar confinada no sistema penitenciário, vivenciada por mulheres que ali está há mais de um ano.

Objetivos Específicos:- Conhecer o contexto institucional penitenciário. - Possibilitar a expressão dos sentimentos e emoções referente ao “lugar”, às pessoas, às relações dentro da prisão e fora dela. - Conhecer suas necessidades e projetos de futuros. - Analisar por meio da afetividade se as experiências na prisão provocam transformações na capacidade de agir de forma autônoma e não apenas reagente aos que as cercam dentro da instituição.

3. Justificativa:

A relevância deste trabalho está na pretensão de pesquisar o universo prisional a partir das experiências das pessoas mais envolvidas e atingidas, as reeducandas. Com o intuito de entender como as reeducandas interagem e relacionam no e com aquela realidade, modificando e sendo modificadas escolhemos o estudo da afetividade. “Quem pensa, sente e conhece é o sujeito que é afetado pelas afecções de seu corpo/alma no encontro com outros corpos” (SAWAIA, 2000, P.13), portanto nada melhor que os sentimentos delas para falar desse vasto e complexo universo que é a Penitenciária Feminina de Santana e Penitenciária Feminina da Capital.

4. Método:

Para atingir os objetivos estarei realizando uma entrevista semiestruturada com questões referentes o cotidiano do sistema penitenciário.

5. Informações:

Eu, Ivonete Gardini, responsável por esta pesquisa deixo aqui registrado que responderei a participante da pesquisa a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos procedimentos, riscos benefícios e outros assuntos relacionados com pesquisa. Assumo o compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade do indivíduo em continuar participando.

6. Retirada do Consentimento:

O participante tem direito de se retirar da pesquisa a qualquer tempo.

7. Aspecto Legal:

Informo que a pesquisa que você participará está elaborada de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF, e com o Código de Ética Profissional do Psicólogo.

8. Garantia do Sigilo:

Registro que a participante da pesquisa terá a sua identidade preservada, e que em nenhum momento do processo que envolve a pesquisa, seja na atividade desenvolvida, na sistematização dos dados, na elaboração da dissertação e na devolutiva a instituição sua identidade será revelada.

9. Local da Pesquisa:

A pesquisa será realizada em espaço reservado na própria instituição que não venha a comprometer o desenvolvimento da atividade proposta.

10. Nome Completo e telefones dos Pesquisadores (Orientador e Alunos) para Contato:

Prof. Dr. Bader Burihan Sawaia – badbusaw@pucsp.br – 11.3670-8520

Aluna: Ivonete Gardini – igardini@yahoo.com.br – 11. 6365-2087

11. Endereço do Comitê de Ética SAP:

- Endereço do Comitê de Ética do CEPSAP: Av. Prof. Ataliba Leonel nº 556 –Santana – São Paulo – SP CEP: 02033-000. Fone: (11) 3206-4700.

- Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre. Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C – Perdizes – SP. CEP 05015-001 – Fone: (11) 3670-8466 – cometica@pucsp.br

12. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico.

* Não assine este termo se ainda tiver alguma dúvida a respeito.

São Paulo,..... dede 2012.

Nome (por extenso):_____

Assinatura:_____

1ª via: Instituição

2ª via: Voluntário